

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN  
CURSO DE JORNALISMO

FELIPE LOPES MOTTA

**COMUNICAÇÃO E VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE OS MASSACRES DE SUANO (SP) E CHRISTCHURCH (NOVA ZELÂNDIA) NOS JORNAIS O ESTADO DE S.PAULO E THE PRESS**

Porto Alegre  
2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul



FELIPE LOPES MOTTA

**COMUNICAÇÃO E VIOLÊNCIA:** UMA ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO  
SOBRE OS MASSACRES DE SUANO (SP) E CHRISTCHURCH (NOVA ZELÂNDIA)  
NOS JORNAIS *O ESTADO DE S.PAULO* E *THE PRESS*

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito para obtenção  
do grau de graduado em jornalismo pela  
Escola de Comunicação, Artes e Design –  
Famecos da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Garcia Kieling

Porto Alegre

2019



FELIPE LOPES MOTTA

**COMUNICAÇÃO E VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO  
SOBRE OS MASSACRES DE SUANO (SP) E CHRISTCHURCH (NOVA ZELÂNDIA)  
NOS JORNAIS *O ESTADO DE S.PAULO* E *THE PRESS***

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito para obtenção  
do grau de graduado em jornalismo pela  
Escola de Comunicação, Artes e Design –  
Famecos da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Camila Garcia Kieling – PUC/RS

---

Profa. Dra. Xxx – instituição

---

Profa. Dra. Xxx – instituição

Porto Alegre

2019



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço principalmente minha família. Meu pai Bionir, minha mãe Mara, meu irmão Vladimir e minha cunhada Sônia. São certamente os pilares de tudo até aqui.

Agradecimento muito especial à minha orientadora Camila Kieling, que foi incansável para que esse estudo fosse feito. Uma pessoa e profissional fantástica. É o que precisamos nesse momento em que a educação é tratada como segundo plano e damos, a cada dia, vários e vários passos para trás.

E agradeço também todos que estiveram comigo nesse processo: João Mallmann, Juliana Couto, Gustavo Rosa, Luísa Araújo, Daniela Bischoff, Nicolas Chidem, Luiz Eduardo Cardoso, Marília Guilermano, Ana Stefanello, Bruna Maciel, Erwin de Oliveira, Gabriela Rosa, Saulo Carriconde, Lorena Silveira, Clara Muller e Giovanna Brinkhus.



Se é o medo que te move  
Não te mexe, fique onde está  
Se é o ódio que te inspira  
Não respira o ar viciado desse lugar  
(GESSINGER, 1997).



## RESUMO

Este trabalho analisa o discurso das coberturas jornalísticas dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *do Brasil*, e *The Press*, da Nova Zelândia, relativos, respectivamente, aos massacres de Suzano e de Christchurch, ocorridos em março de 2019. São analisadas as edições impressas do dia 14 de março de 2019, no caso do jornal brasileiro, e do dia 16 de março de 2019, no jornal neozelandês, com foco nas capas, matérias principais, textos de opinião e fotografias. Permeiam o estudo os conceitos de violência (ARENDDT, 1994); linguagem, terrorismo e relação da mídia com a perpetuação do terror (WAINBERG, 2005); criação de símbolos midiáticos (ROSA, 2015) e modelagem e repetição (BANDURA; ALMEIDA, 1976). Utilizando o método de análise do discurso jornalístico impresso de Sousa (2004), o estudo observa a estrutura textual, as fontes, as citações, o vocabulário, o contexto e a linguagem fotográfica dos objetos de pesquisa. Por meio da análise, verifica-se que os jornais apresentam discursos diferentes sobre os eventos violentos: enquanto *O Estado de S. Paulo* foca nos atiradores, *The Press* dá destaque às vítimas. Os resultados indicam um alerta para coberturas midiáticas em torno de episódios violentos, mostrando as possibilidades de criação de símbolos e modelos que podem servir como gatilhos e contribuir para uma cultura da violência.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo. Violência. Suzano. Christchurch. Discurso.



## ABSTRACT

This work analyzes the discourse of the journalistic coverage of the newspapers *O Estado de S. Paulo*, from Brazil, and *The Press*, from New Zealand, regarding, respectively, the Suzano and Christchurch massacres, which took place in March 2019. The editions are analyzed printed on March 14, 2019, in the case of the Brazilian newspaper, and on March 16, 2019, in the New Zealand newspaper, focusing on the covers, main articles, opinion pieces and photographs. The study permeates the concepts of violence (ARENDR, 1994); language, terrorism and media relationship with the perpetuation of terror (WAINBERG, 2005); creation of media symbols (ROSA, 2015) and modeling and repetition (BANDURA; ALMEIDA, 1976). Using the method of analysis of Sousa's printed journalistic discourse (2004), the study observes the textual structure, sources, citations, vocabulary, context and photographic language of the research objects. Through the analysis, it appears that the newspapers present different discourses about violent events: while *O Estado de S. Paulo* focuses on the shooters, *The Press* highlights the victims. The results indicate an alert for media coverage around violent episodes, showing the possibilities of creating symbols and models that can serve as triggers and contribute to a culture of violence.

Keywords: Communication. Journalism. Violence. Suzano Christchurch Discourse.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Capa do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> de 14 de março de 2019 .....	40
Figura 2 — Matéria principal do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> de 14 de março de 2019 .....	53
Figura 3 — Capa do jornal <i>The Press</i> de 16 de março de 2019 .....	55
Figura 4 — Matéria principal do jornal <i>The Press</i> de 16 de março de 2019.....	63



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>VIOLÊNCIA COMO UMA LINGUAGEM CONTEMPORÂNEA</b> .....	13
2.1	A VIOLÊNCIA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE .....	13
2.2	AS NOVAS FACES DA VIOLÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE .....	15
2.3	TERRORISMO: O ROSTO DA VIOLÊNCIA NO NOVO MILÊNIO .....	17
2.4	MASSACRE DE SUZANO .....	19
2.5	MASSACRE DE CHRISTCHURCH .....	21
2.6	A LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA .....	23
<b>3</b>	<b>VIOLÊNCIA E O DISCURSO MIDIÁTICO: MODELOS, IMAGENS E REPETIÇÃO</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>A VIOLÊNCIA NOS DISCURSOS DOS JORNAIS <i>O ESTADO DE S. PAULO</i> E <i>THE PRESS</i> NOS ATENTADOS DE SUZANO E CHRISTCHURCH</b> .....	<b>36</b>
4.1	<i>O ESTADO DE S. PAULO</i> E O FOCO NOS ATIRADORES .....	37
4.1.1	Histórico.....	37
4.1.2	Capa do dia 14 de março de 2019 .....	39
4.1.3	Reportagem principal: estrutura, fontes e citações.....	41
4.1.4	Textos opinativos .....	47
4.1.5	Vocabulário.....	51
4.1.6	Análise qualitativa de fotografias.....	52
4.2	O JORNAL <i>THE PRESS</i> : PACIFICAÇÃO E AVERSÃO A VIOLÊNCIA .....	54
4.2.1	Histórico.....	54
4.2.2	A capa do dia 16 de março de 2019.....	54
4.2.3	Reportagem principal: estrutura, fontes e citações.....	56
4.2.4	Textos opinativos .....	60
4.2.5	Vocabulário do <i>The Press</i> .....	61
4.2.6	Análise fotográfica .....	62
<b>4.3</b>	<b>SÍNTESE</b> .....	<b>63</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>67</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>69</b>
	<b>ANEXO A — Capa de <i>O Estado S. Paulo</i> de 14 de março de 2019</b> .....	<b>74</b>
	<b>ANEXO B — “Metrópole” de <i>O Estado de S. Paulo</i> de 14 de março de 2019</b> ...	<b>75</b>
	<b>ANEXO C — “Metrópole” de <i>O Estado de S. Paulo</i> de 14 de março de 2019</b> ....	<b>76</b>
	<b>ANEXO D — “Metrópole” de <i>O Estado de S. Paulo</i> de 14 de março de 2019</b> ....	<b>77</b>

<b>ANEXO E — “Metrópole” de <i>O Estado de S. Paulo</i> de 14 de março de 2019...</b>	<b>78</b>
<b>ANEXO F — Capa de <i>The Press</i> de 16 de março de 2019.....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXO G — Página de <i>The Press</i> de 16 de março de 2019 .....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXO H — Página de <i>The Press</i> de 16 de março de 2019.....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXO I — Página de <i>The Press</i> de 16 de março de 2019 .....</b>	<b>82</b>
<b>ANEXO J — Página de <i>The Press</i> de 16 de março de 2019 .....</b>	<b>83</b>
<b>ANEXO K — Página de <i>The Press</i> de 16 de março de 2019.....</b>	<b>84</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar e comparar os discursos das coberturas dos jornais *O Estado de S. Paulo*, do Brasil, e *The Press*, da cidade de Christchurch, na Nova Zelândia, diante dos massacres<sup>1</sup> a tiros que abalaram os dois países, respectivamente, em 13 e 15 de março de 2019. As análises serão feitas por meio de capa, matéria principal, fotografias e textos opinativos nas edições impressas dos dois jornais.

O primeiro ataque ocorreu na cidade de Suzano, na região metropolitana de São Paulo. Na manhã do dia 13 de março, um adolescente de 17 anos e um homem de 25, ambos ex-alunos da Escola Estadual Professor Raul Brasil, invadiram a instituição de ensino durante o horário de intervalo e assassinaram cinco estudantes, com idades entre 15 e 17 anos, e duas funcionárias da escola, além de ferir outras onze vítimas. Antes do ataque, eles também mataram o tio de um dos atiradores<sup>2</sup>, que tentou impedir a ação da dupla. Ao fim, o jovem de 17 matou o comparsa e cometeu suicídio.

Dois dias depois e a mais de onze mil quilômetros de distância da cidade brasileira, um homem de 28 anos, natural da Austrália, invadiu as mesquitas de Al Noor e Linwood, no centro da cidade de Christchurch, na Nova Zelândia, e atirou contra mais de 100 pessoas. Ao total, 51 morreram no atentado, que foi transmitido ao vivo pela rede social Facebook. O atirador tinha forte poder de fogo, inclusive com carros-bomba que foram desarmados pela polícia. Ele era membro de grupos de extrema-direita e de supremacia branca. O autor do ataque foi preso. A primeira-ministra neozelandesa, Jacinda Ardern, definiu como "[...] um dos dias mais sombrios e sangrentos da história do país." (UM DOS DIAS..., 2019).

Apesar da distância geográfica, os dois casos apresentam diversas semelhanças. A principal delas é a motivação, evidenciada pelas provas obtidas pelas investigações: o ódio. No Brasil, o ódio pelo diferente, o machismo, o culto à violência e a sensação de inadequação à sociedade. Na Nova Zelândia, o ódio religioso, etnia, de cor de pele, de cultura. Outra semelhança é a busca pela visibilidade. Os dois

---

<sup>1</sup> Após análise, o presente estudo definiu com a palavra “massacre” os dois episódios estudados.

<sup>2</sup> Após análise, a expressão escolhida como mais adequada para definir os responsáveis pelos dois massacres foi “atiradores”.

atiradores de Suzano tornaram-se heróis em fóruns da *deep web*, alcançando uma importância pós-morte que não tiveram durante a vida. Já o atirador de Christchurch queria que o seu ato fosse visto pelo maior número de pessoas possíveis e acreditou que o Facebook seria uma das melhores formas de concretizar essa ideia. Nos dois casos, a imprensa tem importância nesse processo. E aqui chegamos em mais uma semelhança: a divulgação dos atos em veículos jornalísticos e a comoção causada por eles, intimamente ligada com o trabalho dos jornalistas durante a cobertura.

“Bourdieu (1998) defende que a prática jornalística é baseada numa ‘série de assunções e crenças partilhadas’ e que os jornalistas partilham ‘estruturas cognitivas, perceptivas e avaliativas” (TRAQUINA, 2008, p. 24). Essa visão, que Traquina traz de Bourdieu, mostra quão semelhantes podem ser as coberturas mesmo que em partes diversas do mundo. O que pode diferenciar a forma como lidam com a notícia é a própria cultura na qual estão inseridas, que ajudará a definir o tom das matérias e reportagens.

Para a realização desse estudo, será utilizada como aporte teórico-metodológico a análise de discurso, conforme Sousa (2004, p. 9), “[...] é um dos métodos de pesquisa mais usados nas ciências sociais e humanas, em particular nas ciências da comunicação”.

A análise levará em conta uma edição de cada um dos jornais, sendo em ambos os casos a edição do dia seguinte aos massacres. Serão estudadas a capa, a matéria principal, fotografias e textos opinativos que estejam diretamente ligados ao assunto e outros que estejam relacionados aos atos, como porte de arma, ódio, internet e medo.

Essa monografia usa como referência teóricos que estudam a história e violência, comportamento da mídia e comportamento social. No capítulo “Violência como uma linguagem contemporânea”, que explora a violência, são usados autores como Harari (2015), Tosi (2017) e Arendt (1994). No capítulo “Violência e o discurso midiático: Modelos, imagens e repetição”, alguns dos autores citados são Weber (2016), Wainberg (2005), Rosa (2015), Bandura (1976) e Almeida (2000). Já dentro do quarto capítulo, o autor Sousa (2004) guia a metodologia usada para a análise do trabalho.

A pesquisa está dividida em cinco capítulos, neles constam a introdução e a conclusão. O primeiro momento do estudo, o capítulo “Violência como uma linguagem contemporânea”, expõe conceitos da violência através da história, explora novos tipos

de violência da contemporaneidade, detalha os massacres de Suzano e Christchurch e estuda a linguagem e as expressões utilizadas em coberturas de eventos desse tipo, como as definições de terror e terrorismo.

No capítulo “Violência e o discurso midiática: Modelos, imagem e repetição”, será trabalhada a relação entre jornalismo e violência. São explorados os conceitos de modelagem, simbolismo e como a mídia contribui para a expansão de uma cultura de violência dentro da sociedade, podendo contribuir para a publicidade de um plano violento perpetrado contra inocentes.

No último capítulo está a análise. Primeiro estudando o jornal brasileiro, utilizando a metodologia de Sousa (2004), o estudo analisa a capa da edição do dia 13 de março de 2019, seguido da reportagem principal, observando estrutura, fontes e citações. Em seguida, a análise dos textos opinativos, vocabulário e das fotografias de capa e da reportagem principal. Dando continuidade, é a vez do *The Press*. O estudo utiliza as mesmas categorias de análise para o jornal. Finalizando com uma síntese entre os periódicos.

A finalidade da pesquisa é entender comparativamente como foram feitas as coberturas em ambos os jornais, seus posicionamentos e responsabilidades na contribuição para a difusão de uma cultura de violência.

## 2 VIOLÊNCIA COMO UMA LINGUAGEM CONTEMPORÂNEA

O capítulo 2 do presente estudo apresenta um histórico da violência dentro da linha cronológica da humanidade. Desde os antepassados do *Homo sapiens* até o início da idade contemporânea (1789), onde a violência é empregada a uma disputa de poder político. Findando a observação da violência na história, são apresentados o novo milênio (2001) e as novas formas desse comportamento.

Segundo o estudo, são apresentados os dois cases estudados: o Massacre de Suzano e de Christchurch, seguido de uma apresentação das novas formas de linguagem empregadas a violência, observando vocabulário e explicando termos.

### 2.1 A VIOLÊNCIA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Segundo Abbagnano (2007, p. 1.002), a “[...] ação contrária à ordem ou à disposição da natureza” é a definição de violência. Ela está no centro da história da humanidade. Desde antes dos primeiros registros da existência do *Homo sapiens*, cerca de 70 mil anos atrás, os hominídeos ancestrais da espécie humana viam na violência uma das únicas formas de sobreviver. Foi a partir da violência que cada espécie que deu origem ao ser humano que conhecemos hoje sobressaiu-se em relação a espécies semelhantes, possivelmente motivados por disputas e diferenças:

Outra possibilidade é que a competição por recursos tenha irrompido em violência e genocídio. A tolerância não é uma marca registrada dos sapiens. Nos tempos modernos, uma pequena diferença de cor de pele, dialeto ou religião tem sido suficiente para levar um grupo de sapiens a tentar exterminar outro grupo. (HARARI, 2015, p. 39-40)

Weimann (1998) chama atenção para o fascínio do ser humano com a violência, usando como exemplo os registros rupestres deixados nas cavernas há milhares de anos. Esses registros estampavam ações violentas como parte do cotidiano, trazendo “[...] cenas de caça e assassinatos [...]” (WEIMANN, 1999, p. 80). A violência primitiva não se direcionava apenas a outros animais, a fim de sobrevivência ou proteção, mas se expandia aos semelhantes. Eram as primeiras percepções da violência como agente do poder.

As sociedades arcaicas entenderam a violência como forma de contenção social, proteção contra grupos/tribos diferentes e subserviência aos deuses, na forma

de oferendas. Essa concepção de poder por meio da violência foi determinante na ascensão e queda de civilizações e impérios. A violência deixou de ser apenas uma forma de sobrevivência do ser humano e tornou-se uma política social. Ela estava no primeiro conjunto de leis de que se tem conhecimento, o código de Hamurabi, criado na Mesopotâmia por volta de XVIII a.C., tendo uma origem bíblica e a ideia de “Olho por olho, dente por dente”<sup>3</sup>:

Para salvaguardar uma ordem imaginada, são necessários esforços árduos e contínuos. Alguns desses esforços assumem a forma de violência e coerção. Exércitos, forças policiais, tribunais e prisões estão o tempo todo em ação, forçando as pessoas a agirem de acordo com a ordem imaginada. Se um antigo babilônio cegasse seu vizinho, normalmente era necessária certa dose de violência para que se cumprisse a lei do ‘olho por olho’. (HARARI, 2015, p. 202).

Os gregos antigos creditavam a gênese do mundo a uma guerra divina. A Titanomaquia<sup>4</sup> teria dado origem a tudo que conhecemos e tornou a guerra uma referência desses povos, criando sociedades denominadas guerreiras, como a dos espartanos. Roma traz o assassinato como ponto-chave de sua mitologia fundadora, como destaca Lopes (2012, p. 974): “A violência marcará o nascimento da Urbe quando Remo, ultrapassando as pequenas muralhas que o irmão erguera no monte Palatino, é assassinado pelo irmão”. Mesmo com conjuntos de leis que são referências até hoje, Roma teve na violência o norte para a expansão e consolidação de seu império.

A queda do Império Romano se deu por meios violentos e nem a disseminação do Cristianismo, que pregava paz, amor e a união de povos, fez com que a violência deixasse de permear as sociedades ocidentais. Pelo contrário, a Igreja Católica também encontrou na violência uma forma controle social, perpetuação de poder e expansão da fé cristã, como a inquisição, no século XII.

Sob conceitos religiosos, do cristianismo, judaísmo ou islamismo, a humanidade seguiu seu rumo durante toda a Idade Média, lidando com guerras santas, caça às bruxas e tendo na “instituição” violência o seu cerne. Essa forma de

---

<sup>3</sup> Êxodo 21:24.

<sup>4</sup> Guerra entre os deuses olímpianos e os Titãs, descrito por Hesíodo no poema mitológico “Teogonia”.

organização social e de lidar com a violência vai até o início da idade contemporânea<sup>5</sup>, com a difusão do humanismo liberal, desvinculada de relações religiosas.

## 2.2 AS NOVAS FACES DA VIOLÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

O fim da idade moderna (1453–1789) trouxe consigo novas ideias e formas de organizar a sociedade e a economia. Os ideais liberais se difundiram pelo ocidente com a Revolução Francesa e imprimiram nova face à violência. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), bem como a Constituição dos Estados Unidos (1787), tentaram conter a ação da violência entre os homens e criar uma sociedade baseada no entendimento entre os diferentes. Mas como limitar a violência se o marco dessa nova história nasceu mergulhada no sangue das guilhotinas de Robespierre<sup>6</sup>? Há na sociedade uma “[...] convicção ideológica de que a causa que se defende é totalmente justa, e a do adversário é totalmente terrível. E isso faz com que todos os meios para conquistar a vitória são não apenas válidos, mas necessários” (WEBER, 2016, p. 17).

Essa justificativa é contraposta por Hannah Arendt (1906–1975). A autora alemã de origem judaica é uma das mais influentes filósofas políticas do século XXI e uma forte crítica da violência como ideal revolucionário e de construção social e política. Sobre o pensamento de Arendt, Saadi Tosi (2017) afirma:

Para ela, a violência destrói qualquer poder, não cria poder, mas deixa o mundo mais violento. Isso significa que, se se compreende a humanidade e suas formas civilizadas de vida como resultado da violência, não seria negar o papel da sociedade prover a sobrevivência humana? (SAADI TOSI, 2017, p. 132).

A busca de liberdade política, as novas formas de organização do trabalho, as guerras territoriais, o imperialismo europeu em territórios africanos, americanos e asiáticos, o nascimento das ideias comunistas e socialistas em contraponto aos pensamentos liberais dominantes após a Revolução Francesa e as disputas de poder eclodiram no século XX, um período “[...] que tornou-se de fato um século de guerras

<sup>5</sup> Período histórico ocidental conhecido como atual, que tem como marco inicial a queda da Bastilha, durante a Revolução Francesa, em 14 julho de 1789.

<sup>6</sup> Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (1758–1794). Controverso líder da Revolução Francesa, um dos principais simpatizantes do uso da guilhotina contra opositores. Morreu guilhotinado em Paris.

e revoluções e, portanto, um século daquela violência que comumente se acredita ser o seu denominador comum.” (ARENDR, 1994, p. 13).

Arendt (2009) vê a violência como uma ferramenta que é utilizada e instalada onde o poder não existe. Um forte contraponto a toda a ideia humana ocidental de poder através da violência. Para ela:

O poder nunca é propriedade de um indivíduo, pertence a um grupo e permanece em existência apenas enquanto grupo se conserva unido. Quando podemos dizer que alguém está ‘no poder’ na realidade nos referimos ao fato que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome. (ARENDR, 2009, p. 60).

Essa crítica pode ser ampla, mas encontra alvo principalmente nos estados totalitários do século XX e na ascensão de ideologias fascistas como o nazismo alemão e o fascismo italiano. Essas ideias retomam a violência como norte. O ódio, a obediência, a guerra e o extermínio são valores pregados. As duas grandes guerras, entre 1914–1918 e 1939–1945, agitaram o planeta e trouxeram o desenvolvimento das técnicas de implemento da violência que “[...] alcançou agora o ponto em que nenhum objetivo político poderia presumivelmente corresponder ao seu potencial de destruição [...]”, que tornou esses conflitos um “[...] jogo que não apresenta qualquer semelhança com quaisquer jogos de guerra que o precederam.” (ARENDR, 1994, p. 13). A guerra em si, os campos de concentração, o extermínio, as bombas de Hiroshima e Nagasaki, que findaram com mais de 120 mil vidas, a grande maioria civis, deixaram o planeta chocado, assustado e reflexivo.

Mesmo com a barbárie evidente em meio à uma sociedade que por vezes pregou o entendimento entre povos, a violência como ferramenta de busca por poder não desapareceu ao longo do século. Ditaduras na América do Sul exterminaram opositores e impuseram a ordem através da violência. Genocídios na África expuseram os conflitos étnicos que perduraram entre as nações do continente:

Como uma criança usando botas novas e saltando de poça em poça, esse modo de ver as coisas enxerga a história como saltando de um banho de sangue ao seguinte, da Primeira Guerra Mundial à Segunda e então à Guerra Fria, do genocídio armênio ao genocídio judeu e então ao genocídio ruandês, de Robespierre a Lenin e então a Hitler. (HARARI, 2015, p. 651-652).

A organização social em torno de grandes cidades e metrópoles evidenciou a desigualdade e o crescimento da violência urbana. Mas o fim do século XX e o início

do XXI, trouxe uma nova forma de violência que se difundiu pelo mundo: a violência pelo terror.

### 2.3 TERRORISMO: O ROSTO DA VIOLÊNCIA NO NOVO MILÊNIO

A violência está na ausência do poder. Essa definição, já apresentada anteriormente neste estudo, é um dos pontos-chave nas análises da violência humana trazidas por Arendt (2009). Para a autora, “A diminuição do poder, seja individual, coletivo ou institucional é sempre um fator que pode levar à violência [...]”, e a autora relaciona a falta do poder ao culto à violência: “[...] muito da presente glorificação da violência é causada pela severa frustração da faculdade de ação do mundo moderno.” (ARENDR, 2009, p. 62).

Para Wainberg (2005), “[...] o terror é um tipo de guerra de nervos [...]”. A violência pelo terror é a ausência de poder utilizada de forma a causar caos e medo, deixando a sociedade vulnerável e sem conhecimento sobre quando essa violência irá acontecer. Dessa forma, Jaques Wainberg (2005) apresenta o terrorismo como:

Um método de produção de ansiedade graças à ação violenta repetida, empregada por indivíduo (semi) clandestino, grupo, ou autores estatais por razões idiossincráticas criminais ou políticas, e na qual as vítimas diretas da violência não são alvos principais. (WAINBERG, 2005, p. 291).

Outro fator que caracteriza o terrorismo é a escolha das vítimas. Na busca por gerar uma tensão social causando o medo e ansiedade, o terrorismo alterna entre alvos simbólicos ou casuais, aleatório, em sua maioria pessoas aquém de disputas políticas:

Estas vítimas humanas imediatas são escolhidas ao acaso (alvos de oportunidade) ou seletivamente (representantes por alvos simbólicos) de uma população alvo, e servindo como geradores de mensagens. (WAINBERG, 2005, p. 291-292).

O terrorismo é uma carta violenta para um determinado alvo. Por meio do terrorismo, busca-se transmitir uma mensagem. O ato de violência do terrorista é uma forma de comunicar que tem a pretensão de espalhar o medo, colocando as vítimas mortais em segundo plano dentro dos objetivos de quem ataca:

Processos de comunicação baseados na ameaça e violências entre a (organização) terrorista, a vítima (em perigo) e os principais alvos são utilizados para manipular o principal alvo (audiência), tornando-a alvo do terror. (WAINBERG, 2005, p. 292).

Dois eventos tornaram-se símbolos dessa nova atuação da violência na sociedade moderna na virada do milênio. No primeiro, em 20 de abril de 1999, na Columbine High School, em Columbine, estado do Colorado, nos Estados Unidos, uma dupla de jovens invadiu a escola e atacou os estudantes da instituição. Além do uso de armas de fogo, os atiradores ainda usaram explosivos para afastar qualquer tipo de ajuda externa. A dupla suicidou-se após o ato. O saldo do ataque chegou a 15 mortos (incluindo os atiradores) e 21 feridos (CORDEIRO, 2019).

O caso trouxe à tona uma cultura de *bullying* dentro das escolas dos Estados Unidos, além da preocupação com a saúde mental de adolescentes e a discussão sobre os efeitos da exposição a conteúdos violentos, como os videogames. O ataque inspirou e inspira outros atiradores até hoje no mundo. Desde Columbine, foram 22 ataques a escolas estadunidenses até 2018 (EM VINTE..., 2019).

Outro marco da violência pelo terror é o maior e mais significativo ataque terrorista da história. Em 11 de setembro de 2001, a organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda, liderada na época por Osama Bin Laden, realizou uma série de ataques simultâneos em território estadunidense. O plano que mais cumpriu seu objetivo aconteceu no centro da cidade de Nova York, quando dois aviões atingiram as torres gêmeas do World Trade Center, que minutos depois vieram a ruir, deixando um total de 2.753 mortos.

Além de Nova York, o grupo atacou a sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, o Pentágono, na Virgínia. O prédio ficou parcialmente danificado ao ser atingido por uma aeronave sequestrada pelos terroristas. O número de mortos chegou a 184. Outras 40 pessoas morreram no voo United 93, em um ataque frustrado que tinha como alvo a Casa Branca ou o Capitólio. A versão oficial afirma que os passageiros do voo entraram em conflito com os terroristas e conseguiram derrubar o avião antes que ele chegasse ao seu objetivo (OLIVEIRA, 2011).

O ataque mudou o mundo. As regras de voo se alteraram e as medidas de segurança aumentaram. Além disso, foi despertado um conflito entre o mundo ocidental e o mundo árabe, aumentando gradativamente o ódio contra o islã e o surgimento de grupos de extrema-direita com o intuito de perseguir pessoas de origem

árabe ou muçulmana. Nos anos que sucederam o ataque de 11 de setembro de 2001, inicia-se a Guerra do Iraque e outros ataques são registrados no ocidente. Com isso, além do crescimento de movimentos de extrema-direita ocidentais, também há o surgimento de novas células terroristas, como o Estado Islâmico.

Essa “nova violência” manifesta e estabelecida na virada do milênio, une-se também à globalização e à hiperdisseminação da informação por diversas mídias, como a televisão, o rádio e a Internet, os quais possibilitam que o próprio usuário seja agente da informação, tirando parte do filtro que a mídia possuía sobre os conteúdos. Além disso, um novo vocabulário aparece na mídia e começa a fazer parte do imaginário popular. Expressões como terrorismo, terrorismo doméstico, atentado, massacre, ataque a tiros, *bullying*, entre outros, começam a ser rotineiros nas redações. Cada uma dessas expressões possui um significado e um discurso diferente que é empregado por jornalistas e veículos de acordo com seus interesses.

Todos os exemplos expostos anteriormente levam até os dois massacres estudados nesta pesquisa: o massacre à escola Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano, São Paulo, no dia 13 de março de 2019, e o massacre à mesquita Al Noor e o Centro Islâmico Linwood, em Christchurch, na Nova Zelândia, em 15 de março do mesmo ano, os quais serão descritos e contextualizados a seguir.

## 2.4 MASSACRE DE SUZANO

Na manhã do dia 13 de março de 2019, uma quarta-feira, um adolescente de 17 anos e um homem de 25 invadiram a Escola Estadual Professor Raul Brasil, na cidade de Suzano, em São Paulo, e atacaram estudantes e funcionários da instituição de ensino, deixando um total de sete mortos e onze feridos. Ao fim da ação, o mais jovem, de 17 anos, matou o atirador de 25 e cometeu suicídio. A polícia também identificou um terceiro elemento que não participou da ação, mas é suspeito de ser o mentor intelectual do massacre<sup>7</sup>.

Os realizadores do ataque eram vizinhos. Um deles, o mais jovem, era aluno da escola, e o homem de 25 anos era um ex-aluno da instituição. Os dois planejaram o ataque por meses. Ele iniciou na manhã do dia 13 de março, quando a dupla de atiradores passou por um lava-jato, próximo da escola, de onde o mais velho deles

---

<sup>7</sup> Até o momento da finalização do estudo as investigações sobre o terceiro elemento não avançaram.

havia sido demitido há pouco tempo. O dono do lava-jato era seu tio e tentou impedir a dupla, mas levou um tiro. Ele chegou a ser socorrido e submetido a uma cirurgia de emergência, mas não resistiu. Foi a primeira vítima do ataque. Um idoso, morador da região, afirmou ter visto a dupla sair caminhando pela rua e foi ameaçado: “Eles me disseram para ter cuidado se não sobrava pra mim” afirmou (GUIDI, 2019).

Depois do primeiro crime, a dupla se dirigiu à escola. Eles dirigiam um carro Chevrolet Onix branco, modelo 2018/2019 (GUIDI, 2019), o qual estacionaram em frente à escola. O primeiro a descer do veículo foi o jovem de 17 anos, armado com uma pistola calibre 38 e com uma máscara de caveira no rosto. Ele pediu para ir até a secretaria da escola e o seu acesso foi permitido. Era hora do intervalo quando ele chegou no *hall* de recepção e abriu fogo contra alunos e funcionários. Ele então se dirigiu ao interior da escola, enquanto recarregava a arma.

O segundo atirador desceu do carro logo depois e levou o restante do material de ataque. Ele estava no hall de entrada quando os alunos do pátio correram em direção à saída. Nesse momento, o homem de 25 anos começa a golpear as vítimas com um machado e depois se dirigiu para o interior da escola.

Funcionários e professores ajudaram na criação de barricadas para evitar o avanço dos dois atiradores. Alguns alunos se esconderam dentro do banheiro quando perceberam a gravidade da situação. “Assim que começou o tiroteio, eu me escondi no banheiro [...]”, disse uma aluna. “Depois de um tempo, quando a gente saiu, tinha gente morta nos corredores [...]” (AGUIAR, 2019). O esquadrão tático da Polícia Militar foi acionado para conter a dupla. Ao se verem cercados, o mais jovem atirador baleou o comparsa e depois cometeu suicídio.

Ao todo, foram dez mortos, sendo eles: Caio Oliveira, 15 anos; Claiton Antonio Ribeiro, 17; Douglas Murilo Celestino, 16; Kaio Lucas da Costa Limeira, 15; Samuel Melquíades Silva de Oliveira, 16; Eliana Regina de Oliveira Xavier, 38, agente de organização escolar; Jorge Antonio de Moraes, 51, comerciante e tio do assassino mais jovem; Marilena Ferreira Vieira Umezo, 59, coordenadora pedagógica, e os dois atiradores. Outros 11 ficaram feridos (DUPLA..., 2019).

A dupla utilizou material muito semelhante ao do massacre de Columbine. Eles, inclusive, sempre deixaram claro em fóruns de discussão e em pesquisas realizadas nos computadores da dupla, da qual a polícia tomou ciência após o início das investigações, que cultuavam e tinham apreço pelos atiradores que atacaram a escola estadunidense em 1999. As roupas pretas, máscaras e as armas utilizadas, entre elas

uma pistola calibre 38, um machado, uma besta, um arco com flechas e coquetéis *molotovs* eram algumas das semelhanças simbólicas entre os dois massacres. A dupla planejou a ação por um ano (TAMAMOTO, 2019).

O episódio abriu grandes discussões no Brasil. Algumas já eram debatidas há algum tempo, como o porte de armas de fogo, tema para o qual o ataque serviu de palanque para favoráveis e contrários à liberação. Também foi muito debatido os papéis do ódio, do machismo, dos fóruns da *deep web* e da cultura de violência na sociedade. Este último tópico foi amplamente discutido por especialistas. Em entrevista ao *Correio Braziliense*, a socióloga e especialista em segurança pública Haydée Caruso apontou para essa cultura:

Há uma flexibilização ideológica, uma narrativa de fazer justiça com as próprias mãos. Esse discurso atinge uma parcela mais jovem da população, os adolescentes, que estão construindo a própria identidade e definindo valores. Eles acompanham os debates, e os discursos de ódio têm se intensificado. A tragédia de Suzano foi provocada por um adolescente e um adulto que pertenciam àquela comunidade escolar. Um lugar de acolhimento e troca, que é a escola, está se tornando espaço de guerra, de cerceamento da palavra de professores e da juventude. (CALCAGNO, 2019).

Apenas dois dias após o massacre na escola de Suzano, um outro ataque foi destaque nos noticiários do mundo todo. Também motivado por ódio, o massacre em Christchurch, na Nova Zelândia, também levantou alguns dos pontos polêmicos discutidos no episódio brasileiro.

## 2.5 MASSACRE DE CHRISTCHURCH

Na tarde do dia 15 de março de 2019, um homem branco de 28 anos atacou a tiros duas mesquitas na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia. O assassino, identificado com grupos de supremacia branca, usava armas semiautomáticas e matou 51 pessoas e feriu outras 49. Foi o maior ataque terrorista da história daquele país.

Por volta das 13 horas, horário local, o autor do crime estacionou seu veículo, um Subaru Prata, em frente à mesquita de Al Noor, ao oeste da cidade neozelandesa. Ele desceu do veículo carregando uma metralhadora semiautomática AR-15 e dirigiu-se até a entrada da mesquita. Já dentro do recinto, ele abriu fogo contra os fiéis que oravam. Segundo testemunhas, havia aproximadamente 200 pessoas presentes no

momento do ataque. Ao todo, neste primeiro local, foram mortas 42 pessoas, entre homens, mulheres, crianças e idosos (MASSACRE..., 2019).

Após o ataque em Al Noor, o assassino voltou para o carro e dirigiu durante aproximadamente 10 minutos em direção à mesquita de Linwood, na direção leste em relação à primeira mesquita. Ele entrou no templo e novamente abriu fogo contra as pessoas presentes, provocando outras 7 vítimas. A polícia conseguiu capturar o suspeito aproximadamente meia hora após o segundo ataque, ao sul da cidade neozelandesa.

O atentado foi transmitido em tempo real pelo próprio assassino em sua conta no Facebook. O vídeo de 17 minutos ficou no ar até que a plataforma o removeu a página do atirador. O episódio fez com que a rede social alterasse suas políticas de transmissão de *lives* e em relação a conteúdos violentos e de disseminação de ódio. Em maio de 2019, o Facebook ainda seguia removendo material relativo ao massacre e anunciou as alterações feitas. Agora os usuários serão banidos da rede e aqueles que compartilharem material com discurso de ódio serão proibidos de realizar *lives*. O vice-presidente do Facebook, Guy Rosen, divulgou as alterações justificando que: “Após os terríveis ataques terroristas, analisamos o que mais podemos fazer para impedir que nossos serviços sejam usados para causar danos ou disseminar o ódio” (SÁ..., 2019).

Além de transmitir o ataque ao vivo pelo Facebook, o autor dos disparos compartilhou em seu perfil na rede social e também no Twitter, um manifesto chamado “A grande substituição”, no qual explicava as motivações do crime e exibia o caráter racista do ataque, afirmando que os assassinatos foram “[...] para se vingar dos invasores pelas centenas de milhares de mortes causadas por invasores estrangeiros em terras europeias” (MASSACRE..., 2019).

No mesmo manifesto, o autor se declarou fascista, manifestou seu apoio do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, apoiador do *Brexit*, nacionalista, contra a diversidade racial e ainda citou como inspiração ao ataque o atentado em Oslo, na Noruega, em 2011, onde um homem de extrema direita matou 77 pessoas e deixou outras 97 feridas (MANIFESTO..., 2019).

A então primeira-ministra da Nova Zelândia, Jacinda Ardern, condenou fortemente o ataque, afirmando não ter espaço para esse tipo de ato no país e classificando-o como “[...] um dos dias mais sangrentos da história” (UM DOS DIAS..., 2019). Logo após o ataque, o governo neozelandês apresentou medidas para

alteração na lei de armamento no país, principalmente no que diz respeito a armas de uso militar. As medidas foram muito bem aceitas pela população que, por sua vez, entregou suas armas ao governo (NEOZELANDESES..., 2019).

O assassino segue preso sem direito a fiança em um Distrito de Christchurch, e se declarou inocente das acusações feitas contra ele, sendo elas: 51 assassinatos, 40 tentativas de assassinato<sup>8</sup> e terrorismo. Ele aguarda a finalização do processo, que deve ser realizado em meados de 2020 (ORLANDO, 2019).

## 2.6 A LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA

Os dois eventos estudados nesta monografia se destacam pelo ódio às diferenças e a mobilização dos assassinos por uma sensação de deslocamento da sociedade, manifestadas em ambos os casos na internet, através de fóruns e um manifesto, no caso de Christchurch. Também há um destaque envolvendo a cobertura jornalística de ambos os assassinatos. Houve uma forte participação das redes sociais, sendo o ataque em Christchurch transmitido por Facebook e o de Suzano com fotos dos atiradores antes do ataque. Com isso, também se pode observar uma nova linguagem para definir e determinar o discurso empreendido por agentes comunicadores do terror. Expressões outrora claras, hoje precisam de complementos para informar, como o termo “terrorismo”, amplamente difundido após os ataques de 11 de setembro. “Os EUA dividiram o mundo em dois lados, o do Bem e do Mal — o do Bem representado pelo mundo ocidental que busca se defender do terrorismo; e o do Mal representado pelo Islã, que se tornou a encarnação da ameaça.” (MOREIRA, 2007 apud ALVES, 2016, p. 15).

O terrorismo por si só necessita da mídia. Como já visto no presente estudo, o terror tem como objetivo trazer medo e ansiedade para a sociedade. Dessa forma, ele necessita de uma ampla divulgação. Pode-se dizer que o terrorismo é desenhado para a cobertura jornalística: “A violência no terrorismo serve sempre como um instrumento, já a capacidade de difundir o terror é a parte essencial do ato terrorista, é a capacidade de provocar medo nas pessoas.” (LOPES, 2012, p.19).

---

<sup>8</sup> Notícias quanto as acusações ao atirador dão conta de 40 tentativas de assassinato, uma divergência com o número total de feridos que é 49.

Após os atentados de 11 de setembro de 2001, o termo “terrorismo” ganhou força na mídia. Tanto pelo grande interesse de noticiabilidade e a extensa cobertura jornalística do fato, quanto pela repetição e o frequente uso do terror como forma de ataque nos anos que se seguiram. Com isso, o termo acabou sendo banalizado e usado de forma confusa, designando um ataque vindo de estrangeiros, principalmente árabes de origem muçulmana:

Confunde-se conceitos que descrevem fenômenos tão diversos como ‘guerra de guerrilha’, ‘operações especiais’, ‘insurreição’, ‘guerra de libertação’ ou ‘guerra revolucionária’ sob o manto nebuloso do mal definido termo de ‘terrorismo’. Esse emprego indiscriminado e arbitrário dificulta a compreensão do fenômeno, o acesso explanatório ao mesmo e, ainda mais grave, seu eventual enfrentamento. (SAINT PIERRE, 2015, p. 23).

Saint Pierre (2015) acredita que a mídia, em seu emprego da expressão “terrorismo”, informa ao público outros significados para a mesma palavra. Tanto foi esse mau uso que, recentemente, outras expressões começaram a ser disseminadas para conseguir desvirtuar da imagem empregada ao terrorismo desde 2001. “Terrorismo doméstico” é um atentado que funciona “[...] quando cidadãos realizam os crimes contra seu próprio povo ou governo” (SOUZA, 2019). O termo é empregado principalmente em casos de ataques como o de Columbine. Da mesma forma, outros tipos de terrorismo foram conceituados desde então:

Na verdade, terrorismo como conceito tomou ares cosmopolitas. Hoje, ele serve a múltiplos fins e causas. Fala-se agora sem cessar também de terrorismo ecológico, de terrorismo econômico, de terrorismo tecnológico, de terrorismo psicológico, entre outros, a ponto de se amenizar semanticamente o terrorismo propriamente dito. Dito de outra forma, serve a tantos propósitos que o único resquício remanescente do conceito original é sua carga emotiva maldita o que explica, por isso mesmo, sua utilização frequente por atores variados desejosos de usufruir de sua pesada conotação de culpa. (WAINBERG, 2005, p. 289).

Wainberg (2015) ao explicar Schmid, credita ao termo um fator pejorativo. Dentro de um discurso, tanto o jornalístico quanto aquele empregado por figuras públicas e autoridades, ele serve não apenas para descrever um evento, mas também tem poderes de julgamento moral:

E é isso que torna sua utilização tão popular. Compreende-se, pois a alternativa de certos setores da imprensa internacional que, como visto, desejam evitar o carimbo semântico que o termo propõe utilizando em seu lugar subterfúgios: torturadores, extremistas, assassinos, sequestradores,

sabotadores, entre outros. Ao sublimarem o termo terrorista e/ou terrorismo por outro cuja carga afetiva é menos explícita tentam evitar a qualquer custo o seu envolvimento nos conflitos. Com a salvaguarda de metáforas e equivalente-falsos permanecem de certa forma escondidos e seguros, à espreita, como observadores. (SCHMID, 1988 apud WAINBERG, 2005, p. 289).

Dentro do debate sobre os usos e significados do termo “terrorismo” na mídia, Schmid, citado por Wainberg (2005), examina 22 elementos presentes em uma amostra de 109 definições de terrorismo. São eles:

(1) as presenças da violência, (2) de um fator político mobilizador, (3) do medo, (4) e da ameaça. (5) O ato visa obter efeitos psicológicos. (6) O alvo é selecionado. (7) Trata-se de ação organizada, planejada, intencional e sistemática, (8) sendo por isso método de combate estratégico e tático, (9) que não leva em conta qualquer constrangimento humanitário e que (10) busca através da coerção certo resultado. (11) Possui uma dimensão publicitária (12), pois tem um aspecto simbólico que deseja demonstrar algo para outras pessoas muito embora seja (18) impessoal. (19) Tal ação visa atingir civis não combatentes, tendo como meta final à intimidação. (20) Há uma ênfase na inocência da vítima e o responsável é (21) um grupo, movimento ou organização. (22) Sua ação é imprevisível, clandestina, repetitiva, criminosa, visando fazer exigências. (SCHMID, 1988 apud WAINBERG, 2005, p. 291).

Alinhados os discursos jornalísticos dentro de coberturas de episódios de violência com essas características, a mídia transmite a audiência as informações e opiniões a respeito dos casos. Não obstante, a imprensa acaba por desempenhar papel fundamental em todo esse contexto: disseminar a mensagem do agente violento e contribuir para a consolidação de uma cultura da violência. Nesse contexto, consegue se observar de que forma a mídia trabalha para criar símbolos e imagens que marcarão esses episódios, podendo impulsionar atos violentos e contribuir para inspirar pessoas suscetíveis a esse tipo de violência. O próximo capítulo expõe de que forma a mídia se relaciona com a cultura da violência.

### 3 VIOLÊNCIA E O DISCURSO MUDIÁTICO: MODELOS, IMAGENS E REPETIÇÃO

Um homem apresenta o programa jornalístico que tem como especialidade notícias de cunho policial. Ele veste um terno mal abotoado e, de pé, anuncia a exclusividade de um vídeo em que mostra a ação dos dois atiradores na escola de Suzano, em São Paulo. Com semblante sério, ele solicita que o vídeo seja exibido em tela grande para os telespectadores, e então começa a narrá-lo. O primeiro atirador entra no hall da escola, onde nove pessoas se encontram. Ele se dirige para o canto, larga a mochila no chão, saca a arma da cintura e atira contra o grupo que conversa. Elas correm e ele segue em direção à escada próxima enquanto recarrega o revólver. Ao mesmo tempo, o apresentador segue narrando o atentado, alarmado com o sangue frio, ele avisa que não irá mostrar os momentos em que um dos jovens ataca as vítimas com um machado, mesmo que há poucos segundos tenha mostrado o ataque do primeiro atirador. Com as mãos no rosto, perplexo, o apresentador pede para rodar novamente o vídeo. Dessa vez, ele analisa mais detalhes e nomeia cada um dos atiradores. Pede para que seja repetido o ataque a machadadas no final do vídeo, mesmo dizendo que não mostraria o ataque com machado. Ao fim chora e diz: “Esse moleque deve estar queimando no inferno”.

O programa acima narrado é exibido no horário das 16 horas e se estende até às 18 horas, em uma das principais emissoras do país, sendo transmitida para todos os 27 estados da federação. A cena descrita aconteceu no mesmo dia do massacre em Suzano, em meio a um espetáculo midiático gerado pelo ataque. A violência e, principalmente, a morte, despertam o interesse do receptor, como descreve Traquina (2008, p. 79): “A morte é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico”.

Dessa forma, a morte e a violência chamam a atenção do leitor ou telespectador pois há, em nossa cultura, um apreço por atitudes violentas e uma curiosidade sobre os detalhes desses atos. Isso acontece desde os primeiros registros do *Homo sapiens*:

Os homens sempre foram fascinados pela violência e ações agressivas. Pinturas nas paredes das cavernas, criadas há milhares de anos, incluem cenas de caça e matança, assim como imagens nas tumbas dos antigos faraós egípcios. Lendas, mitos e contos sempre foram ricos em cenas de

guerra, ódio, agressão, assassinato e vingança. Até a Bíblia descreve muitas formas de agressão e violência humanas. (WEIMANN, 1999, p. 80).

Questiona-se quem influencia quem: é a sociedade violenta que faz com que a mídia difunda essa cultura da violência ou é a mídia que torna a sociedade mais violenta? Alguns estudos e teóricos dirão que a violência é essencial para o desenvolvimento do ser humano como “ser” e como sociedade. Nesse contexto, enquadram-se diversos movimentos do homem, desde todo o processo evolutivo até a construção dos grandes impérios, as revoluções liberais do século XVII e as duas grandes guerras de 1914 e 1939. O sociólogo francês René Girard (1923–2015) acredita que a violência faz parte da estrutura de qualquer ser humano e está diretamente ligada ao sentimento de desejo. Quando o homem quer algo, seja um objeto, uma outra pessoa ou um status, ele “abre a porta” para a violência. “O caráter mimético do desejo é a causa primordial da violência humana, ou seja, em princípio, a violência surge como uma derivação não calculada do caráter mimético do desejo.” (ROCHA, 2011).

Compreende-se que uma das principais manifestações da racionalidade é a liberdade, ligada diretamente ao poder de escolha do homem. “O animal é regido pelos seus instintos em cujas balizas se move. O ser humano não tem nos instintos sua especificidade, porque os próprios instintos podem ser controlados.” (GIRARDI, QUADROS, 1985, p. 21). A emoção da morte, a comoção gerada pela violência, são princípios norteadores para o interesse do público em tragédias. Em suma, o papel da imprensa e da mídia diante desses acontecimentos deixa de ser o de informar respeitando os limites da ética, do respeito e do profissionalismo, para se tornar um poderoso estimulante de sentimentos e emoções. “De um certo ponto de vista, a mídia apresenta-se como instrumento da ‘irracionalidade’, fabricando emoções com o excesso de novos perigos.” (LIPOVETSKY, 2004, p. 77).

A cena descrita no início desse texto é repleta de emoção. O choro do apresentador instiga o espectador a se interessar pelo caso, a sentir a dor da perda e também a sentir ódio pelos autores do crime. Weimann afirma:

Embora elas [instituições médicas] reconheçam a complexidade na determinação das causas do comportamento violento, todos esses grupos concluíram que a mídia de massa tem alguma responsabilidade por contribuir com a violência no mundo real. (WEIMANN, 1999, p. 82).

A psicologia traz um elemento essencial para entender essa ligação entre a mídia e a sua influência em massacres. O Efeito Werther é uma teoria que diz haver um comportamento de modelagem, ou processo de imitação entre comportamentos dos seres humanos.

“Tudo é tão tranquilo ao meu redor, e minha alma está tão serena. Agradeço-Vos, Deus, por me concederes, nos derradeiros momentos, este calor, esta força.” (VON GOETHE, 1998, p. 162). Esta citação encontra-se nas últimas páginas do romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749–1832). Um dos principais nomes do romantismo e da literatura alemã, Goethe ganhou notoriedade em toda a Europa com o livro, não só pela qualidade e importância da obra, mas por um fator macabro que despertou o interesse de estudiosos.

No romance, Werther muda-se para longe da família para trabalhar. Na nova cidade, ele se apaixona por Charlotte, uma jovem mulher já prometida para Albert, pelo qual Werther possuía grande admiração. Como o tempo, o jovem protagonista da história acaba se apaixonando mais ainda por sua amada, tentando em vão mudar de região para esquecer seus sentimentos. Ao voltar, encontra Charlotte já casada e Albert com ciúmes de sua amizade com Werther. Decide então afastar-se da amada, mas em um instante fugaz de paixão, acabam se beijando, mas no momento seguinte Charlotte o afasta e pede para nunca mais retornar a vê-la. O jovem Werther parte com a certeza de que seu amor era correspondido, mas que o romance era impossível. Decide pelo suicídio.

Após a lançamento da primeira edição da obra, em 1774, uma onda de suicídios por imitação chamou a atenção de toda a Europa, chegando a levar governos a proibir o livro de Goethe. A obra e sua importância midiática, assim como a de outros tantos livros, filmes e notícias em geral, chamam a atenção para os gatilhos da violência e para um processo de imitação de atos violentos, contra terceiros ou contra si. É um processo de aprendizado por modelagem, que, segundo Bandura (1976 apud ALMEIDA, 2000, p. 38) “[...] refere-se à aquisição de novos padrões de comportamento através da observação do comportamento de um ou mais modelos”.

O processo de imitação, ou modelagem, se dá através de diferentes variáveis, tanto do sujeito que observa quanto do sujeito que serve de modelo. A aproximação, não necessariamente física, com modelos violentos, é uma dessas variáveis extremamente complexas que, de certa forma, legitimam o observador a cometer atos

extremos como os ataques a Suzano e Christchurch, ou tirar a própria vida, que é o cerne da teoria que estuda o Efeito Werther. Bandura afirma:

Acontecimentos que possam servir de estimulantes ou processos que possam servir de motivação determinam se os comportamentos adquiridos por observação foram, de fato, desempenhados em determinada altura. (BANDURA, 1976, p. 38).

Nesse ponto, o jornalismo e a mídia se colocam como amplificadores de modelos de violência, chegando em um sem-número de sujeitos observadores com propensões a atos violentos. A ampla divulgação da violência e a cobertura irresponsável podem ser gatilhos para a execução de atos violentos. Observando os objetos de estudo desta pesquisa, pode-se criar um paralelo entre o ataque à escola de Suzano e os 22 ataques à escolas nos Estados Unidos entre os períodos de 1999 e 2018, tendo como o maior de todos os ataques o de Columbine, que chocou o mundo e tornou-se amplamente conhecido, tornando-se tema de literatura, filmes, documentários e especiais jornalísticos (EM VINTE..., 2019). O aprofundamento do ataque, o “dar” rosto aos personagens e exposição das motivações acabam chegando ao receptor da informação com propensões a ataques como um alento e um ponto comum de identificação. Ainda traçando o paralelo com o suicídio, Schmidtke e Hafner (1988) identificam que:

Os suicídios que receberam atenção pública podem então despoletar suicídios de imitação entre potenciais suicidas observadores, aumentando-lhes as expectativas de que o seu suicídio irá também produzir uma atenção póstuma, um sentimento de pena ou aumentar o seu estatuto social. Esta desinibição pode também ser despoletada por descrições realistas de suicídios fictícios que concentram nas consequências de suicídios, tais como a consternação de conhecidos ou dos pais do suicida. (SCHMIDTK; HÄFNER, 1988, p. 672).

Um exemplo disso é a cobertura do *Estadão*, analisado neste estudo, que abre a sua cobertura impressa destacando o negro do luto em boa parte da capa. Os espaços sem texto e imagens nas laterais focam a atenção do leitor para as duas colunas centrais que preenchem a “caixa preta”, onde está a manchete “15 minutos de terror”. Abaixo, aparece a imagem de um dos autores do ataque. Com uma arma em punho, roupas pretas e uma máscara de caveira cobrindo o rosto, a foto se destaca na capa do periódico, que preferiu focar sua cobertura nos autores, mesmo com um número expressivo de mortos e feridos no ataque. A atenção póstuma buscada pelo

autor do ataque é concluída. Pós-morte, o sujeito que antes era observador e absorvia modelos, agora muda sua posição e torna-se ele mesmo o modelo. A capa se torna a conclusão de um plano assassino e adquire um poder midiático perigoso de agora tornar-se símbolo. Um totem que inspira novos sujeitos a cometer novos atos extremos de violência.

A autora Ana Paula Rosa (2015), em seu estudo de mídia sobre atentados terroristas, ao falar sobre o ataque à redação da revista Charlie Hebdo em 2015, na França, define que a exploração midiática de uma imagem, seja qual for o meio dessa exploração, adquire “[...] uma força simbólica que rompe a relação entre a fotografia indicial com o símbolo que circula”. Essa citação não se resume apenas à fotografia, mas qualquer tipo de imagem, aqui definida como uma “não-coisa”, informações que formam coisas, não objetos que mostram (DURAND, 1998 apud ROSA, 2015, p. 138). Porém, a imagem nua e crua possui efeitos muito mais diretos e impactantes no receptor. O jovem com arma em punho na capa do jornal no dia depois de assassinar mais de 10 pessoas distribui um símbolo de aceitação de uma cultura violenta e redenção póstuma do criminoso. Rosa (2015) prossegue:

O mesmo movimento pode-se dizer do vídeo da decapitação do jornalista americano pelo Estado Islâmico. Há uma imagem indicial que se desprende, no entanto, por sua replicação, passa a adquirir uma força simbólica ou a convocar imagens simbólicas já pertencentes ao imaginário coletivo. (ROSA, 2015, p. 139).

A imagem passa por dois processos: o de tornar-se um totem e o de despertar imagens que estão guardadas no imaginário popular. Imagens essas que também são inseridas na sociedade por meio da repetição que ocorre na mídia. Isso pode ser entendido da seguinte forma. Ao se referir ao assunto “Ataques a escolas” o imaginário coletivo busca imagens em algo que acontece e/ou aconteceu no curso da história. Pode ser a foto de um ataque, a cena de um filme, um ataque em específico. Assim como um atentado terrorista remete à imagem do 11 de setembro, ataques a escola normalmente despertam a lembrança de Columbine. Em relação ao primeiro, Jaques Wainberg (2005) constata que o episódio de 2001:

Revelou a potencialidade comunicacional do ato terrorista, convertendo o controle semântico da cobertura jornalística internacional de tais ocorrências em embate no qual envolveram-se governos, grupos de pressão e empresas de comunicação. (WAINBERG, 2005, p. 287).

As diversas referências feitas pelos atiradores de Suzano ao episódio na escola norte-americana reafirmam a importância simbólica que o ataque teve para que os observadores, nesse caso, os dois jovens brasileiros responsáveis pelo ataque. A partir do ataque e da difusão da imagem do atirador de Suzano, como na capa de *O Estado de S. Paulo*, essa nova imagem começa a ganhar espaço no imaginário popular.

A partir do momento do ataque e da superexposição feita pelo jornal, o atirador saiu do anonimato e tornou-se referência e símbolo. Essa referência não necessita ser diretamente ligada. O imaginário coletivo cria laços até onde não há, seja por um detalhe na ação, aparência, roupa. No dia 22 de agosto de 2019, um homem de 20 sequestrou um ônibus na Ponte Rio-Niterói, no Rio de Janeiro (APÓS..., 2019). Ele portava uma arma de brinquedo e gasolina. A todo momento, ameaçava incendiar o coletivo com 39 reféns. Ele foi morto a tiros por um *sniper* da Polícia Militar do Rio e a cena de celebração de sua morte por parte do governador Wilson Witzel rodou o país. O que chamou a atenção foram as vestimentas do sequestrador. Ele usava uma máscara de caveira exatamente igual à do atirador da escola de Suzano, como na fotografia que rodou o país e estampou a capa do jornal *O Estado de S. Paulo*. Imediatamente a relação foi feita, inclusive pela imprensa brasileira, como no caso do portal R7 (SEQUESTRADOR..., 2019). Para Peirce (2003 apud ROSA, 2015), “Um símbolo, uma vez existindo, espalha-se entre as pessoas. No uso e na prática seu significado cresce”.

Para ser espalhado é preciso um impulsionamento que pode ser feito através de dois vieses: a mídia ou o próprio público. Com o advento dos telefones celulares, a melhora na qualidade das redes de internet móvel e popularização de aplicativos de compartilhamento de conteúdo, a imprensa já não é mais o meio unânime na difusão de informação. Inclusive, fala-se coloquialmente que repórter pode ser qualquer pessoa que esteja na hora certa, no lugar certo e com um celular no bolso.

Rosa (2015, p.137) observa que “[...] não é o simples fato da ampliação da produção das imagens que preocupa, ao contrário, poderia ser um caminho para ampliação da reflexão, mas ocorre um espelhamento indiscriminado e acrítico das mesmas imagens exógenas”. Diante desse cenário em que o conteúdo disseminado se espalha sem um filtro ético e responsável, cresce a importância da mídia como agente que pauta o cotidiano. Como visto anteriormente, o símbolo precisa de uma aprovação para efetivar-se. Essa importância da mídia no processo é destacada por

Contrera e Baitello (2006 apud ROSA, 2015, p. 138), ao considerar que a “[...] manutenção de um papel de destaque da mídia tradicional na chancela das imagens a circular”.

Dessa forma, a imprensa se torna, com sua chancela e capacidade de atingir diversos públicos, corresponsável pelos símbolos criados diante de um acontecimento. Assim como em Suzano, a capa do *O Estado de S. Paulo* ocupou bancas de jornal e redes sociais, espalhando-se como um vírus por smartphones e aplicativos de mensagens instantâneas:

Quando uma fotografia se torna um símbolo de um acontecimento, maior é o seu valor de circulação em dispositivos de instituições midiáticas e também em dispositivos midiáticos de autores individuais, ampliando seu poder de pregnância. (ROSA, 2015, p. 139).

Dessa forma, o símbolo encontra na comunicação seu fio condutor para chegar até os receptores da mensagem violenta. É nesse ponto que entra o papel da mídia dentro de toda a estrutura de terror.

### 3.1 IMPRENSA: UM MEIO DE CONDUÇÃO DA VIOLÊNCIA

O terrorismo, uma das imensuráveis formas de violência, necessita da mídia para concretizar a etapa de espalhar a mensagem de terror, gerar medo e ansiedade (WAINBERG, 2005, p. 288). Isso ocorre em qualquer esfera do significado da expressão terrorismo, seja ele de agentes estrangeiros ou em casos de ataques a tiros vindos de pessoas de dentro do meio social e com motivações mais relacionadas com o ultraconservadorismo, o denominado “Terrorismo doméstico” (SOUZA, 2019). É importante destacar a necessidade do terrorismo de estar atrelado à mídia e de ter como alvo sua audiência. Lopes (2012, p. 14) é enfática ao afirmar que “A mídia não é o alvo principal dos terroristas, mas é um dos objetivos. Eles querem aterrorizar as pessoas. A meta principal é criar um clima de terror”.

Atos de violência e conflitos despertam o interesse do público, fazendo com que a mídia encontre neste tipo de pauta seu carro-chefe. A violência está no dia-a-dia do espectador em qualquer parte do planeta, seja em notícias, novelas ou no cinema. O valor-notícia da violência é muito importante para a cobertura jornalística, mas dá um caráter negativo ao jornalismo (TRAQUINA, 2008, p. 79).

Esse negativismo, muitas vezes criticado dentro do jornalismo, que faz com que a violência seja um dos destaques das coberturas jornalísticas e grades televisivas. Esses “fragmentos de mundo”, como define Morin (2005), nas mãos da mídia e com o aval do público, acabam tornando-se espetáculo. Desse casamento, vem a banalização da violência:

O movimento de banalização que, sob a diversão furta-cor do espetáculo, domina mundialmente a sociedade moderna, domina-a também em cada ponto em que o consumo desenvolvido das mercadorias multiplicou na aparência os papéis e os objetos a escolher. (DEBORD, 1997, p. 39).

Dessa forma, a morte e o sofrimento tornam-se mercadoria para imprensa e lazer e entretenimento para o espectador. Como trata-se de uma parte do mundo na qual os indivíduos estão inseridos, uma realidade, “O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação” (DEBORD, 1997, p. 39).

Dentro desse contexto entra a figura do jornalista, ou o jornalismo em si. Responsável por exibir os fatos, o jornalista tem como tarefa filtrar o que é de interesse público e o que não é, o que apresenta ou não valor-notícia. O jornalista é o “porteiro” da notícia. Nele chegam diversas informações 24 horas por dia, e é ele, portador de uma cultura profissional, quem define o que será transmitido ao público. “Não existe o ‘observador neutro’. Testemunhar um evento é também construí-lo segundo o ‘aparelho psíquico’ e a formação social e cultural da testemunha.” (ARBEX JUNIOR, 2002, p. 35). É o *gatekeeper*.

Aquele que determina o que será notícia e o que não será. O que será divulgado no mainframe dos meios de comunicação e o que não será. Essa ideia, no entanto, pressupõe que o leitor não possa ter acesso à fonte do próprio *gatekeeper*, que ele apenas conheça a informação do ponto de vista. (D’AIOLA, 2010).

Dessa forma, é necessário identificar o que chama atenção do público e o que é relevante para ele. A violência desponta como um dos principais interesses dos espectadores, pois desperta neles a curiosidade, aparecendo como um componente indispensável nas coberturas jornalísticas:

A mídia é sensível à capacidade que tais atos violentos têm de atingir com vigor os sentidos das pessoas. A atenção dos públicos é um produto escasso, e a violência, ao capturá-la, presta um serviço que vai além do mero despertar

da percepção dos leitores, ouvintes e telespectadores. A própria recepção dos diversos segmentos do público é desafiada. (WAINBERG, 2005, p. 11).

É nesse cenário que a cultura da violência ganha espaço. Está na mídia, tanto impressa, quanto audiovisual ou online, o caminho que permeia o culto à morte e ao terror. Com a ampla divulgação, os símbolos tornam-se conhecidos. Os atos viram referência e a violência, inspiração. É um gatilho para chamar a atenção do espectador:

À proliferação das violências imaginárias se acrescenta a vedetização das violências que explodem na periferia da vida cotidiana sob forma de acidentes, catástrofes, crimes. A imprensa da cultura de massa abre suas colunas para os fatos variados, isto é para os acontecimentos que só se justificam por seu valor emocional. (MORIN, 2005, p. 114).

Após os atentados de 11 de setembro de 2001, o “[...] terror político tornou-se tópico preferencial da cobertura noticiosa internacional.” (WAINBERG, 2005, p.286), sendo fundamental dentro de qualquer jornal, dividindo espaço com outros tipos de violência, principalmente a urbana. O incessante foco dado pela imprensa de todo o planeta a ataques terroristas acabou sendo o ato de redenção dos atentados, pois, como já foi mencionado, todo ato terrorista necessita de mídia para espalhar o terror.

Wainberg (2005, p. 288) observa a aptidão do terror ao mundo do entretenimento e a sua “vocação natural ao *show business*”. Assim sendo, atos como o ataque de Columbine, o 11 de setembro, os massacres de Suzano e de Christchurch, encontram na mídia a principal aliada na difusão do seu objetivo máximo: O terror. Jenkis (1992 apud WAINBERG, 2005, p. 288)   enfático: “Terrorismo sem palco não existe”.

O resultado desta aliança maldita entre o assassinato político e a mídia   o que se vê mundo afora, e ao longo da história: ansiedade generalizada das popula es, medo, insegurança e em alguns pontos do globo, pânico. (WAINBERG, 2005, p. 288).

Rosa (2015) em sua análise sobre a imagem e seus significados, observando a exibic o feita pelo programa *Fantástico*, da TV Globo, de *frames* de um vídeo no qual um integrante do grupo terrorista Estado Islâmico decapita um jornalista, identifica uma gama de informa es, discursos e julgamento de valor que a imagem produz. Apesar de não exibir os momentos mais violentos da morte do profissional, ao apenas mostrar um homem ajoelhado vestindo uma roupa laranja sendo escoltado

por um outro homem vestido de preto da cabeça aos pés e segurando um material cortante, o canal chama atenção do telespectador e desperta um sentimento, que pode ser de repulsa, ódio ou até deleite. Além disso, na época da internet, a simples exibição de um frame instiga a audiência a ir atrás do vídeo completo:

Jornais do mundo todo colocam quadros parados com frames minutos antes da execução, pois não é possível, pelas regras jornalísticas, expor tamanha violência. Com isso, a imagem que era para ser midiaticizada é impedida em sua raiz, mas a sua existência gera curiosidade e conseqüentemente acessos e visualizações aos vídeos que são replicados em páginas diversas. (ROSA, 2015, p. 147).

Além disso, é comum que ataques desse tipo sejam relacionados pela mídia com outros eventos anteriores, como é feito com atentados semelhantes ao de Columbine, o que “[...] pode gerar o fortalecimento da noção de ódio” (ROSA, 2015, p. 147), alimentando ainda mais uma cultura de violência.

É a partir dos temas expostos no segundo capítulo, sendo eles o entendimento da violência pela história, o Massacre de Suzano, o Massacre de Christchurch e a linguagem da violência, junto com o terceiro capítulo, onde foram apresentadas ideias de simbolismo, repetição e modelos, que o presente estudo analisa o discurso das matérias divulgadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 14 de março de 2019, um dia após o Massacre de Suzano, e jornal *The Press* no dia 16 de março de 2019, o dia seguinte ao Massacre de Christchurch.

#### **4 A VIOLÊNCIA NOS DISCURSOS DOS JORNAIS O ESTADO DE S. PAULO E THE PRESS NOS ATENTADOS DE SUZANO E CHRISTCHURCH**

O presente estudo busca analisar o discurso jornalístico das coberturas de dois episódios violentos semelhantes que ocorreram na mesma semana, em março de 2019. O primeiro é o massacre de Suzano, ocorrido no dia 13 daquele mês, na região metropolitana de São Paulo. O segundo, apenas dois dias depois, é o massacre de Christchurch, na Nova Zelândia, no dia 15. Os objetos de estudo são os jornais *O Estado de S. Paulo*, do Brasil, e o *The Press*, do país da Oceania.

O processo de escolha dos jornais a serem analisados foi guiado por dois critérios predominantes: a relevância do jornal no cenário nacional do país-sede de cada um dos periódicos e a proximidade geográfica com a região dos atentados. *O Estado de S. Paulo* é um jornal paulista, mas de alcance nacional, ficando a aproximadamente 50 km de Suzano, cidade onde ocorreu o ataque à Escola Estadual Professor Raul Brasil. Já o *The Press*, jornal neozelandês, é um dos de maior circulação na Nova Zelândia. Sua redação está localizada na cidade de Christchurch, local exato dos ataques em março de 2019. Diante dos objetos identificados, será analisado o discurso jornalístico de ambos os jornais, utilizando como metodologia a proposta de análise do discurso jornalístico impresso (SOUSA, 2004).

Segundo Sousa (2004, p. 9), “A análise do discurso é um dos métodos de pesquisa mais usados nas ciências sociais e humanas, em particular nas ciências da comunicação”. Dessa forma, o autor apresenta em sua obra *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação*, formas e metodologias para a análise do discurso. Guiado pela obra, segue-se à análise qualitativa das coberturas de Suzano e Christchurch nas edições do dia seguinte aos massacres, disponíveis para consulta por meio do site *PressReader* e colocadas na íntegra nos anexos desse estudo.

Em um primeiro momento, serão analisadas as estruturas textuais das reportagens e matérias. Essas “[...] são um elemento susceptível de ser aprofundadamente estudado na análise do discurso, proporcionando descobertas interessantes para o campo das ciências da comunicação”. O título encabeça é o primeiro item estudado, seguido pela linha de apoio e finalmente chegando ao *lead*, que pode ser de dois tipos: O *lead* de impacto, que responde às perguntas quem?, o quê?, quando?, onde?, como? e por quê? Dessa forma, o *lead* contém o núcleo da

notícia. A outra forma é o *soft-lead*, que “[...] prepara o leitor para a obtenção de dessas informações noutra parte mais distante da matéria” (SOUSA, 2004, p. 69-70). Seguindo a análise da estrutura do texto, será estudada a forma como ela é construída, se em blocos, pirâmide, pirâmide invertida, progressão cronológica, com três tempos, pergunta-resposta, por itens, entre outros.

A seguir, será analisada umas das mais importantes partes da matéria, o seu vocabulário, já que, segundo Sousa (2004, p. 77), “[...] o uso de determinadas palavras e a associação entre vocábulos podem desvelar as intenções do enunciador”.

Na sequência, serão observadas as fontes e citações escolhidas pelos jornalistas para a criação da matéria, tendo em vista “[...] qual a finalidade da citação, o que elas dizem, como o dizem, as relações que estabelecem etc.” (SOUSA, 2004, p. 86). Por fim, apresenta-se a análise qualitativa do discurso fotográfico, observando contexto, linguagem fotográfica, composição, planos, ângulos e outros elementos importantes.

O primeiro objeto de estudo será o jornal *O Estado de S. Paulo*, responsável pela cobertura do atentado de Suzano.

#### 4.1 O ESTADO DE S. PAULO E O FOCO NOS ATIRADORES

Um dos objetos de estudo desta monografia é a edição do dia 14 de março de 2019 do jornal *O Estado de S. Paulo*. Essa publicação foi feita um dia após o massacre na Escola Estadual Professor Raul Brasil, na cidade de Suzano, em São Paulo, quando um jovem e um adulto invadiram a instituição e atacaram estudantes e funcionários, deixando um total de 10 mortos.

##### 4.1.1 Histórico

Fundado em 4 de janeiro de 1875, sob o nome de *Província de São Paulo*, o *Estadão* é um jornal diário de grande circulação, um dos principais jornais de referência do Brasil e líder entre os paulistas, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), tanto na sua versão impressa quanto a digital. Desde 1885 é comandado pela família Mesquita (*‘ESTADÃO’...*, 2019).

Sua fundação aconteceu durante um período instável da história do Brasil, quando vários movimentos articulavam ações para a derrubada do governo monárquico e a instauração da República. Nesse momento, vários jornais pipocavam pelo Império, muitos deles atuando como folhetos ideológicos, mostrando sua predisposição à coroa ou à República. O então *Província de São Paulo* era uma das exceções:

Embora fosse em sua grande maioria favorável à República, esse grupo mostrava-se cauteloso diante da possibilidade real da queda da monarquia. Por essa razão, em lugar de se apresentar como porta-voz do Partido Republicano Paulista (PRP), o novo jornal preferiu adotar uma linha política independente, intervindo de maneira autônoma ‘na discussão dos assuntos políticos e sociais’. (LEAL; SAUL; BASTOS, 2010).

Já no século XX, durante outro momento de tensões políticas no Brasil, o período que precedeu a Era Vargas (1930–1945), o jornal mostrou-se contrário ao movimento criado por Vargas, a Aliança Liberal. Mas, após a Revolução de 1930, mudou subitamente de opinião, passando a apoiar o presidente gaúcho. Dois anos mais tarde, o jornal mostrou apoio à Revolução Constitucionalista, contra Getúlio Vargas. Entre apoios e oposições, *O Estado de S. Paulo* chegou a ser fechado pela ditadura varguista. Em 1954, diante da crise do governo getulista, principalmente após a implementação da República de Galeão, o jornal manteve-se ferrenho opositor ao governo, inclusive a “[...] edição do dia 24 de agosto trazia quatro páginas de manifestações de diversos grupos sociais exigindo a renúncia de Vargas” (LEAL; SAUL; BASTOS, 2010). Naquela noite, o presidente Getúlio Vargas suicidou-se em seu quarto com um tiro no coração.

Um dos pontos mais polêmicos da história do jornal é o seu apoio ao golpe militar de 1964. Desde 1963, o *Estadão* atacou fortemente o governo do presidente João Goulart, acusando-o de comandar “A subversão em marcha”, como afirmou em um de seus editoriais (A SUBVERSÃO..., 1963). Durante o processo, denunciou o avanço da esquerda no Brasil e exaltou a Marcha da Família com Deus pela Liberdade como sendo “[...] a maior manifestação cívica já vista [no] estado”:

A deposição de João Goulart desencadeou uma fase de ‘verdadeira euforia’ em *O Estado de S. Paulo*, cujos editoriais exaltavam o movimento militar e ressaltavam sobretudo a participação paulista. Entretanto, a aproximação de Júlio de Mesquita Filho com o poder estaria condicionada à aceitação das teses expostas no roteiro que redigira anteriormente. O não cumprimento

desse programa levaria o jornal a se afastar da situação. (LEAL; SAUL; BASTOS, 2010).

Após os primeiros anos de ditadura militar, o jornal passou a mostrar-se incomodado com os rumos da, denominada assim por eles, revolução. Sendo assim, passou a apresentar diversas críticas ao governo, mas ainda apresentando uma posição dúbia durante todo o processo. A redação chegou a ser fortemente censurada durante o período.

Atualmente, *O Estado de S. Paulo* faz parte do Grupo Estado, que detém também as rádios Eldorado AM e FM e a Agência Estado. É presidido por um integrante da família Mesquita, Francisco Mesquita Neto e dirigido por João Caminoto.

#### 4.1.2 Capa do dia 14 de março de 2019

Capas de jornal apresentam um enorme potencial para tornarem-se eternas. É a grande abertura, onde as grandes manchetes, as grandes mensagens e os símbolos são criados. Como exemplos históricos, temos o jornal *O Globo*, que amanheceu no dia 25 de agosto de 1954 com a manchete “Suicidou-se o Sr. Getúlio Vargas”, acima da foto do ex-presidente (DIA..., 2013). Da mesma forma, o *The New York Times*<sup>9</sup>, do dia 12 de setembro de 2001, um dia após os atentados ao World Trade Center, estampou a manchete “EUA atacados”<sup>10</sup>, seguido da linha de apoio “Aviões sequestrados destroem torres gêmeas e atingem o Pentágono em dia de terror.”<sup>11</sup> (COSCELLI, 2011). Segundo Cunha (2007, p. 3),

As capas de jornais e revistas atuam como a ‘recepção’ da mídia impressa. Vale ressaltar que a função de recepcionar, aqui, é na acepção de acolher o leitor. Assim, a função de uma capa é mais comparável à repartição dos estabelecimentos comerciais e afins que se encarrega de receber os clientes e dar informações básicas sobre o que eles procuram.

No dia seguinte ao massacre de Suzano, *O Estado de S. Paulo* deu seu principal destaque ao assunto. Cerca de  $\frac{3}{4}$  da capa. Logo no primeiro momento, o jornal passou uma mensagem, a de luto, com o uso da cor preta. Ela ocupa o *box*

<sup>9</sup> Todas as matérias e manchetes de jornais estrangeiros citadas neste trabalho foram traduzidas pelo autor.

<sup>10</sup> “U.S. Attacked”

<sup>11</sup> “Hijacked jets destroy twin towers and hit pentagon in day of terror.”

principal referente à notícia do massacre. O jornal, logo em sua capa, mostra respeito pelas vítimas. Dentro do *box* uma manchete, uma foto, um texto e um índice indicando as principais matérias sobre o caso e as páginas onde encontrar, além da legenda da fotografia.

Figura 1 — Capa do jornal *O Estado de S. Paulo* de 14 de março de 2019



Fonte: O Estado de S. Paulo (2019).

A manchete mistura objetividade, com os “15 minutos”, e elementos emocionais, ao usar a expressão “terror”, diferente matéria encontrada dentro do jornal, apenas objetiva. De primeira, o Estado informa o leitor sobre a duração da ação dos dois criminosos dentro da escola, além de destacar o horror do caso. É acompanhada por uma frase de apoio que esclarece do que se trata o acontecimento: “Dois ex-alunos assassinaram estudantes e funcionárias de colégio em Suzano; menor matou companheiro e se suicidou”. Abaixo está a primeira imagem. Não se trata de uma foto tirada por repórteres fotográficos, mas sim de uma foto utilizada no perfil de um dos assassinos antes do ataque. Nela ele veste roupas pretas, uma

máscara de caveira e empunha um revólver calibre 38. A capa agora é um símbolo, como identifica Rosa (2015). Abaixo da foto, um texto muito semelhante com o *lead* da matéria principal do jornal, juntando objetividade, dramaticidade e um tom literário:

Eram 9h42 quando G.T.M.<sup>12</sup>, de 17 anos, invadiu a Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano, e abriu fogo contra estudantes e funcionários que encontrou pela frente. Segundos depois, armado com uma besta e uma machadinha, L.H.C.<sup>13</sup>, de 25, seguiu o comparsa. O massacre durou 15 minutos. Duas funcionárias e cinco estudantes foram assassinados e outras 11 pessoas ficaram feridas. Quando a polícia chegou, G.T.M. matou o parceiro e se suicidou. Antes do ataque, o menor assassinou o tio. Pais, vizinhos e professores tentam entender a motivação para a chacina. A polícia investiga se a dupla planejou o crime em um fórum de jogadores de videogame. Também quer saber como conseguiram as armas usadas na ação. Funcionários protegeram os alunos e evitaram que a tragédia fosse ainda maior. Estudantes relataram momentos de pânico. ‘Havia umas dez pessoas comigo no banheiro, rezamos, pedindo para viver’, contou a estudante Maria Paula Guimarães de Lima, de 16 anos. A Secretaria da Educação estuda reforço da segurança em escolas ‘vulneráveis’. (O ESTADO DE S. PAULO, 2019).

O trecho citado compila citações e trechos das matérias que estão dentro do jornal nessa edição. O vocabulário utilizado será estudado nos próximos tópicos desse capítulo.

#### 4.1.3 Reportagem principal: estrutura, fontes e citações

A primeira reportagem relacionada ao massacre na edição de 14 de março de 2019 encontra-se na página 11, dentro do caderno “Metrópole”. É a primeira menção feita ao ocorrido depois da capa. Nenhum texto de opinião tratou do episódio e, antes disso, os cadernos de política e internacional abriram o jornal, indicando assim a manutenção da grade, mesmo diante de um episódio excepcional. Seguindo uma estrutura textual tradicional, a reportagem chama a atenção do leitor pelo título: “Ex-alunos invadem escola a tiros; após 15 minutos de terror, ataque deixa 10 mortos.” Esse início é informativo, mas deixa aberta uma história a ser contada. Segundo Sousa (2004, p.69), o título noticioso “[...] pode inclusivamente não responder a qualquer questão, funcionando apenas como chamariz para a notícia” (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

<sup>12</sup> A publicação original do jornal não divulgou o nome completo do menor de idade.

<sup>13</sup> Trecho alterado: o presente estudo não divulgará o nome de nenhum dos assassinos em todos os casos estudados.

Após o título, a reportagem para o *lead*, que serve para “[...] sintetizar o que vem a seguir, sublinhar aspectos importantes do resto do texto, estimular o leitor a prosseguir sua leitura.” (SOUSA, 2004, p. 70). A opção feita pelos repórteres responsáveis pela reportagem foi pelo *soft-lead*, que “[...] normalmente prepara o leitor para a obtenção dessa informação noutra parte mais distante da matéria”. Esse recurso é muito comum na literatura e no jornalismo literário. A abertura dá-se assim:

Eram 9h42 quando G.T.M<sup>14</sup>, de 17 anos, entrou com um revólver calibre 38 na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano (SP), onde havia estudado até o ano passado, e atirou contra um grupo de alunos e funcionários na recepção. Três pessoas caíram no chão e ele seguiu para o interior da escola. Trinta segundos depois, seu amigo L.H.C.<sup>15</sup>, de 25 anos, também ex-aluno, entrou munido com uma besta, um arco e flecha e uma machadinha. Golpeou pessoas já caídas e se atracou com estudantes que fugiram correndo. O massacre resultou em duas funcionárias e cinco alunos mortos. Antes, a dupla havia matado um parente em uma loja próxima. Os dois atiradores também morreram e havia 11 feridos ontem à noite. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

Os jornalistas optaram por iniciar a história narrando uma cena, explorando as ações, onde, ao longo do *lead*, trazem questões também presentes em *leads* tradicionais, como “Quem?”, “Quando?”, “O quê?”, “Onde?”, “Como?”. Essa escolha amarra e dramatiza a história, chamando atenção do leitor para os fatos a serem narrados dali em diante. A construção do restante da narrativa é feita por blocos, onde “[...] cada um dos parágrafos autónomos funciona como um bloco. No entanto, todos os blocos, ou parágrafos, se reportam ao tema da peça [...]” (SOUSA, 2004, p. 71).

O parágrafo seguinte continua a narrativa, explicando o que aconteceu com os atiradores. Nessa parte da matéria também é trazida a primeira fonte, uma fonte oficial, a Polícia Militar. Apesar de dar continuidade à narrativa, o texto perde o tom narrativo que o *lead* trazia:

A Polícia Militar concluiu que um dos atiradores executou o comparsa e depois se matou. Imagens de câmera de segurança mostram que G.T.M. está com a arma de fogo a todo tempo e é provável que tenha atirado em L. e depois se matado. Eles foram encontrados mortos, após serem cercados por policiais na escola. Toda a operação durou cerca de 15 minutos. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

<sup>14</sup> A publicação original do jornal não divulgou o nome completo do menor de idade.

<sup>15</sup> Trecho alterado: o presente estudo não divulgará o nome de nenhum dos assassinos em todos os casos estudados.

O início do terceiro parágrafo da matéria quebra a possibilidade de uma progressão cronológica do acontecimento. Isto é, deixa-se de utilizar a técnica de “[...] recordar, etapa por etapa, como se chegou a uma determinada situação [...]” (SOUSA, 2004, p. 74), estrutura que guiou os dois primeiros parágrafos da matéria. Nesse trecho, o repórter traz uma informação nova, novas fontes e ainda dados oficiais da investigação:

Os jovens faziam parte de um grupo que joga em rede o game Call of Duty, de guerra, e as investigações apuram se neste fórum teriam planejado o crime. Vizinhos da dupla relatam que de fato os dois gastavam boa parte do tempo em uma *lan house* jogando games violentos. A polícia ainda não sabe como ou onde as armas foram compradas. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

Diante da falta de informações sobre a motivação do crime, o texto parece tentar encontrar, de qualquer forma, um estímulo para o acontecimento. Busca-se então um velho debate diante desse tipo de crime, que é a exposição a jogos eletrônicos violentos. Essa é a única informação para além dos acontecimentos na escola que a investigação policial apresenta até então e é exposta na matéria. Além disso, nesse trecho da matéria são trazidas fontes não identificadas. O texto também não deixa claro se os “vizinhos da dupla” citados fazem parte da investigação oficial ou se relatos foram colhidos pelos próprios jornalistas.

O parágrafo seguinte expõe uma quebra abrupta do formato utilizado até então, também trazendo uma nova cronologia para o texto. Após iniciar com a cena principal do assassinato, em forma literária, seguido por uma informação complementar ao *lead* trazida pela fonte oficial e informar sobre os jogos violentos que os autores jogavam, a matéria volta ao início do atentado, traçando uma nova linha narrativa para a história:

Na manhã de ontem, os dois foram à loja de carros seminovos de um tio de G.T.M, Jorge Antônio Moraes, a cerca de 450 metros da escola. Conforme testemunhas, por volta de 9h15, G.T.M. entrou sozinho no local, onde também funcionava um estacionamento e um lava-rápido, e disparou três vezes. Ele acertou o celular que Moraes segurava na mão — e o levantou na tentativa de se proteger —, a clavícula e as costas da vítima. Depois, saiu e embarcou no carro que o esperava. Moraes morreu algumas horas depois. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

Seguindo a narrativa, a matéria apresenta uma nova fonte, testemunha ocular do assassinato de Jorge Antônio Moraes. Essa nova fonte é Rodrigo Cardi, que trabalhou com a vítima. Nesse trecho, é apresentado o primeiro discurso direto do texto. Para Sousa (2002, p. 86), “O recurso a citações em discurso direto torna mais

fluída a narrativa, mais atraente o texto, mais leve a leitura e, sobretudo, mais credível o texto”:

O gerente Rodrigo Cardi, de 34 anos, trabalhou com Moraes nos últimos 15 anos e disse nunca ter visto G.T.M. no local. ‘Parece que o Jorge tentou dar uns conselhos depois que o sobrinho foi mal na escola, mas ele não gostou. No momento do ataque, nada foi falado nem houve chance de defesa.’ A polícia foi acionada para procurar um Ônix branco, achado um tempo depois na frente da escola, já com o chamado de tiroteio em curso. O carro estava alugado em nome de L.<sup>16</sup> desde o dia 21. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

Ao dar seguimento na narrativa, o texto cria um novo bloco, ou seja, um novo tema dentro do mesmo texto ou da estrutura da página. Esse elemento é utilizado com bastante destaque dentro da matéria. Para Sousa (2002, p. 73), “[...] cada um destes ‘blocos temáticos’ deve estruturar-se em pirâmide invertida, ou seja, dentro de cada um destes blocos a informação deve hierarquizada de forma decrescente”. O novo bloco abre com uma espécie de título, em negrito, junto ao texto, trazendo informações referentes ao ataque a escola e vítimas:

**Arma na cintura.** O fato de os dois serem ex-alunos pode ter facilitado a entrada pelo portão da frente, que estava aberto. Imagens de uma câmera de segurança mostram que G.T.M. entrou na escola, pegou a arma na cintura e disparou contra um grupo. Um dos primeiros atingidos foi a coordenadora Marilena Umezo, de 59 anos. Ela foi baleada com outros alunos e atingida, após já estar no chão, por machadadas. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

A abertura do bloco traz uma forma de narrar a história. Apesar de abrir a matéria com um *lead* literário, trazendo detalhes e dramatizando uma cena, é no novo bloco que a cobertura do *O Estado de S. Paulo* relata uma violência mais explícita e, conforme o estudado nos capítulos 2 e 3, perigosa, já que a mídia é um fio condutor da violência e do terror, criando símbolos e mistificando personagens, fazendo com que ações futuras tenham um novo modelo, disseminado, nesse caso, pelo próprio *Estadão*. O restante da narrativa remete à introdução do capítulo 3 do presente estudo, no qual é descrita a ação dos dois assassinos em um programa de TV, baseando-se em imagens do circuito de segurança da escola:

No início, a dupla não usava máscaras, mas depois cobriu os rostos — um deles com uma máscara de caveira —, e passou a realizar os outros disparos que vitimaram, no total, mais sete pessoas. Uma aluna chegou a lutar com L.

<sup>16</sup> Trecho alterado: o presente estudo não divulgará o nome de nenhum dos assassinos em todos os casos estudados.

e conseguiu fugir, ao mesmo tempo que uma dezena de alunos passava correndo. Ele tentou atingi-los e um dos rapazes agredidos saiu com a ferramenta presa no corpo. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

Antes de finalizar o bloco, a matéria utiliza dados da Secretaria de Segurança Pública, descreve a ação da polícia e, novamente, o desfecho do ataque.

Segundo a Secretaria de Segurança Pública, um sargento e dois cabos da Força Tática entraram na escola quando a dupla tentava invadir uma sala de aula que estava trancada com dezenas de alunos dentro. Os policiais estavam com escudos, e os adolescentes se afastaram. Depois, o sargento relatou ter ouvido dois disparos e ter achado os corpos dentro do colégio. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

Ao finalizar, o texto remonta, por meio do discurso direto do comandante da Polícia Militar, a casos semelhantes registrados no Brasil, e a fala do coronel Marcelo Salles vai ao encontro com as ideias de Wainberg (2005), utilizadas no capítulo 3 do presente estudo, que dissertam sobre a necessidade do terror em ter suas ações repercutidas, para aumentar a sensação de medo nas pessoas:

O comandante da PM, coronel Marcelo Salles, lembrou ser o quinto caso recente do tipo no País. Três foram em São Paulo: o ataque no cinema do Shopping Morumbi, o ataque na Catedral de Campinas e esse. 'Obedecem à mesma lógica: causar dano ao maior número de pessoas de forma aleatória para aumentar a repercussão'. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

A matéria encerra a descrição dos fatos e o foco nos assassinos e passa a contar histórias das vítimas. O foco principal do novo bloco são os "heróis", como denominados pelo jornal. Aqueles que ajudaram a salvar vidas. Nessa parte da matéria, o discurso direto aparece com mais frequência e o número de fontes aumenta consideravelmente. O título em negrito que abre o bloco é justamente a expressão "Heróis":

A tragédia poderia ter sido maior se não fossem os esforços de alguns funcionários da escola. Salles destacou a atuação de uma professora que estava no centro de idiomas. ' (Os atiradores) se dirigiram ao local. Os alunos de lá se fecharam na sala com a professora'. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

Segundo parágrafo do bloco:

Uma das figuras mais lembradas é a de uma merendeira, que se trancou no refeitório com cerca de 60 alunos e colocou uma geladeira para impedir a entrada dos atiradores. 'Senão, a desgraça seria maior', conta o celeiro

Wendel, pai de Maria Eduarda, de 15 anos, uma das alunas salvas pela funcionária. ‘Minha filha ligou desesperada do refeitório. Como moro a uma rua da escola, cheguei rápido. Vi uma cena que não queria ver na vida, muito menos que minha filha tivesse visto’. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

#### Terceiro parágrafo do bloco:

A aluna Kelly Milene Guerra, de 16 anos, contou que não ouviu os atiradores falarem nada durante o ataque. ‘Ficamos dentro da cantina até a polícia chegar, mas não sabíamos o que acontecia e de que se tratava. O medo continuou. Eles abriram a porta e mandaram a gente correr o mais rápido possível. Vi uns corpos no caminho’, disse. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

#### Quarto parágrafo do bloco:

‘Ficamos ligando para a polícia, só tinha a visão da janela. Via gente correndo, ouvia tiros e gritos. Corremos para onde dava, alguns para o centro bilíngue, outros, banheiro, salas perto, todos tentavam se proteger’, disse a aluna do 2º ano Quêren Cardoso, de 16 anos. ‘No primeiro tiro olhamos. No segundo, todo mundo saiu gritando ‘é tiro’’, afirmou. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

Diferente do restante do bloco, no qual histórias das vítimas são contadas em discurso direto, o texto é finalizado com uma fonte oficial, o governador do Estado de São Paulo, também em discurso direto, exprimindo seus sentimentos diante da tragédia: “O governador João Doria (PSDB) foi ao local do ataque. ‘A cena mais triste que assisti na vida’ [...]” (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

Nesse bloco, o texto acaba não tendo uma relação direta com o título do bloco — “Heróis” —, fazendo até um ponto contraditório em relação à matéria completa. Apenas primeiro e segundo parágrafos são destinados a contar a história de alguma pessoa que arriscou a própria vida para tentar salvar outras. Esses heróis anônimos nem ao menos tem seus nomes divulgados, sendo identificado apenas como “uma professora” e “uma merendeira”. A “uma professora” é citada pelo coronel Salles, diferente da “uma merendeira”, esta citada por uma fonte que não estava no local no momento do ataque, apenas replica uma história que lhe foi contada. Um contraponto em relação ao restante da matéria é que os assassinos são identificados inúmeras vezes e os heróis se mantêm esquecidos. Os parágrafos seguintes não trazem heróis, apenas relatos de diferentes vítimas e, ao fim, subvertendo a lógica do texto, aparece o discurso do governador.

Outros dois blocos recebem destaque na matéria: um depoimento completo de uma sobrevivente de 16 anos e um trecho de uma nota oficial da Secretaria da educação do Estado. Complementando, um quadro ao lado direito da página relembra

os “últimos casos” semelhantes no território brasileiro, sendo eles em: Medianeira, em 2018, Janaúba, em 2017, Goiânia, em 2017, João Pessoa, em 2012, Realengo, em 2011, São Caetano, em 2011, Taiúva, em 2003, e Salvador, em 2002. Em todos os casos citados o nome do assassino é exibido, ocultado apenas em caso de menores de idade.

Expostos todos os parágrafos e blocos da matéria principal sobre o massacre no do jornal *O Estado de S. Paulo* do dia 14 de março de 2019, conclui-se que tem a estrutura em pirâmide invertida que, segundo Sousa (2004, p. 73), quando o texto é estruturado neste formato, “[...] o núcleo duro da informação deve figurar no *lead*. Os restantes parágrafos seguem-se ao *lead*, sendo hierarquicamente ordenados por ordem decrescente de importância e interesse”. Além disso, é dividido em vários blocos, sendo que cada um deles também segue o formato de pirâmide invertida.

Além da estrutura, é importante salientar o papel das fontes no desenrolar da narrativa. Ao todo, 11 fontes foram citadas durante a matéria, sendo nominadas como: Polícia Militar, Investigação (o documento oficial), vizinhos (descritos de forma anônima e podendo ser um sem-número de pessoas), testemunhas (segue a mesma lógica dos vizinhos) e a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo. Todos esses, introduzidos no texto em forma de discurso indireto. Rodrigo Cardi, Wendel (pai de uma sobrevivente), Kelly (sobrevivente) e João Dória foram fontes introduzidas uma vez em formato de discurso direto. Para finalizar, O comandante da Polícia Militar, Marcelo Salles, e a aluna Quéren Cardoso aparecem com dois discursos diretos.

#### 4.1.4 Textos opinativos

O jornal *O Estado de S. Paulo* reserva suas primeiras páginas o espaço de opinião. Normalmente, são dois textos escritos ou por jornalistas, ou por especialistas, ou convidados para tratar de algum tipo de assunto. Na página seguinte, o jornal apresenta o seu editorial e mais dois textos com a opinião do jornal. A edição com a cobertura da tragédia de Suzano teve textos sobre o massacre nessa página. Pressupondo que o tempo editorial pudesse ter sido pequeno para a publicação no dia seguinte, o presente estudo buscou no jornal do dia 15 de março de 2019, mas também não encontrou.

O espaço para opinião, na cobertura realizada por esse jornal, encontra-se na última página do caderno “Metrópole”, dentro das matérias e em um pequeno quadro

no canto inferior direito da página, onde o psiquiatra Daniel Martins de Barros escreve sobre o caso no texto “Não há explicação”. Ele expõe um contexto social e também traz vários temas abordados no presente estudo, como modelos em Almeida (2000), que podem gerar repetições por parte de pessoas propensas a esse tipo de violência ou que, de certa forma, se sentem representadas pelos autores desse tipo de crime. Ademais, também explora expressões sobre terror e terrorismo, como Wainberg (2005). Ele diz:

Pode ser redundante, mas não há palavras para explicar o inexplicável. Crimes como o de Suzano angustiam pelas mortes de jovens, mas também pelo desejo nunca alcançado de se entender. Pesquisadores tentam criar tipologias, dividindo os tiroteios nas escolas em crimes de fúria, vingança, terroristas, assassinato em massa, mas não conseguem isolar os fatores para a ocorrência. Violência doméstica, *bullying*, esgarçamento de vínculos sociais, inserção em culturas de violência e clima de intolerância são fatores associados, mas não são capazes de explicar. O único fator necessário — embora também não suficiente — é o acesso a arma de fogo. Há dois grandes problemas. Primeiro, é um crime muito particular, já que o assassino é também suicida. Evidente que o jovem que está feliz, ativo, inserido em sua comunidade, não opta por isso. Segundo, é o risco de acreditarmos que esse é o perigo para nossos jovens. Não é. Ataques em escola fizeram menos de 30 vítimas nos últimos anos no País. Segundo o Ipea, só em 2016 foram assassinados mil vezes mais jovens de 15 a 29 anos. Fora das escolas. O foco de nossos esforços deveria estar nas estratégias de prevenção de suicídio. Todos querem uma explicação. Mas, como não conseguimos, resta saber o que mais queremos de fato. (BARROS, 2019, p. 14).

O único texto opinativo sobre o caso de Suzano está em sintonia com o foco do debate gerado na última página do caderno MetrÓpole, que é o porte de armas de fogo. O tema é abordado em outros dois textos que trazem diversas fontes diferentes, separadas em uma primeira matéria, na qual o debate é político e em uma segunda, onde o debate é voltado para análise de *experts*.

A primeira matéria chama-se “Bancada da bala usa tragédia para defender armas”. É acompanhada da seguinte linha de apoio: “Rodrigo Maia reagiu ao Major Olímpio, que alegou que ‘um cidadão de bem com uma arma regular na escola poderia ter minimizado a tragédia’ [...]” O *lead* é tradicional, trazendo as informações essenciais para a matéria:

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), reagiu a tentativa de parlamentares da Frente de Segurança Pública de defender a flexibilização do porte de armas como alternativa para evitar tragédias como a de Suzano. Um pouco antes do massacre, o presidente Jair Bolsonaro disse a jornalistas que dormia com uma arma ao lado da cama no Palácio do Alvorada. (TURTELLI; HAUBERT; ONOFRE; CURY, 2019, p. 14)

O texto segue com longos discursos diretos das fontes: o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), o senador Major Olímpio (PSL-SP), o filho do presidente, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) e o líder da frente parlamentar da Segurança Pública, o deputado Capitão Augusto (PL-SP). Destes, apenas Rodrigo Maia se mostrou contrário à liberação do porte de armas, fazendo um apelo para que se respeitassem as vítimas e que a ideia de liberar geraria uma barbárie. Todas as outras fontes citadas defenderam o porte. Em comparação, foi um total de 3 favoráveis e 1 contrário. Em um outro bloco, texto com o título “Governo” traz as falas oficiais do presidente da república Jair Bolsonaro (PSL-RJ) e do vice-presidente Hamilton Mourão. Ambos os blocos são em formato de pirâmide invertida, com entrevistas e *lead* tradicional.

A matéria seguinte, dentro da mesma página, traz a visão de especialistas sobre o massacre, com o título “Entre experts, episódio reacende polêmica sobre posse”. A linha de apoio que acompanha é “Advogados divergem: uns consideram que o massacre foi ‘um fato isolado’, para outros, se tratou de um alerta” (VASSALO; AFFONSO; KRUSE, 2019, p. 14). O texto acompanha as falas de Mônica Sapucaia Machado, advogada, cientista política e coordenadora de pós-graduação em Administração Pública da Escola de Direito do Brasil (EDB), do criminalista e constitucionalista Adib Abdouni, O criminalista João Paulo Martinelli (EDB), o diretor do Instituto Sou da Paz e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Ivan Marques, o Coordenador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP), Sérgio Adorno, e o advogado Fabrício Rebelo, do Centro de Pesquisa em Direito e Segurança. São quatro opiniões contrárias a liberação do porte de armas, uma favorável e uma que discorda que o caso se encaixasse na questão de mais ou menos circulação de armamento. A matéria completa segue a organização por blocos, no caso dois, e em pirâmide invertida, com foco nas entrevistas.

A última matéria que traz opiniões não foca na questão armamentista, mas sim nos perigos que esse caso pode gerar e a chance de estimular outros ataques. Ela traz falas de especialistas em psicologia, que pontuam fatores importantes que convergem com o presente estudo. O diretor da área de neuropsicologia do Hospital de Clínicas, Antônio Serafim (2019), afirma: “A divulgação pode potencializar algumas pessoas mais vulneráveis, sugestionáveis a querer reproduzir essa ação”. Concordando com a opinião anterior, o psiquiatra Daniel Martins de Barros (2019), do Instituto de Psiquiatria do Hospital de Clínicas e colunista do Estado, comenta que:

“Eventualmente pessoas que passam por situação semelhante começam a considerar a mesma hipótese”, o que está de acordo também com o referencial exposto nas palavras de Bandura (1977) no capítulo 3 deste TCC.

Os últimos parágrafos do texto falam sobre como deve ser feita a cobertura de um caso desse tipo, o que, após toda a repercussão feita pelo jornal até então, parece ter sido ignorado, já que na capa do *O Estado de S. Paulo* desse dia, a foto em destaque é a do autor do assassinato segurando uma pistola, além da citação constante ao nome dos autores e a publicação de um frame do circuito interno de TV momentos antes do início dos disparos e, mesmo que não mostre as imagens de pessoas mortas, gera a curiosidade do público. Rosa (2015, p. 147), comentando sobre frames de vídeos antes da decapitação de jornalistas por parte do Estado Islâmico, é taxativa: “[...] a imagem que era para ser midiaticizada é impedida em sua raiz, mas a sua existência gera curiosidade e conseqüentemente acessos e visualizações aos vídeos que são replicados”. O parágrafo segue dessa forma:

Para evitar o aumento de ataques, o psiquiatra diz que é importante, por exemplo, não compartilhar fotos das vítimas mortas. ‘Divulgar essas informações pode perpetuar o mesmo comportamento’, afirma. Ontem, após o ataque, vídeos e fotos das vítimas da tragédia repercutiram nas redes sociais. (GOMES; ORTEGA, 2019, p. 14).

O segundo bloco da matéria fala sobre a glamourização do caso. Destacando o título “Sem glamour”, ele fala sobre questão dos modelos, já exposto também por Bandura (1976), no capítulo 3.

Segundo Xavier, o episódio não deve ser omitido, mas é preciso atenção para não glamourizá-lo. ‘A gente copia muito esse modelo americano de glamourização da violência, e isso deveria ser combatido’, diz o psiquiatra. (GOMES, ORTEGA, 2019, p. 14)

A matéria se encerra com um claro contraste entre a opinião do entrevistado e a cobertura feita pelo jornal, principalmente no glamour causado pela foto de um dos assassinos na capa do jornal enquanto empunhava uma pistola, horas antes do atentado, criando um símbolo, um herói, que poderá ser seguido e repetido por pessoas que se sintam representadas por ele e suscetíveis a esse tipo de violência.

#### 4.1.5 Vocabulário

Para Sousa (2004, p. 77), a “[...] análise quantitativa e qualitativa do vocabulário empregue pelos enunciadores oferece pistas para penetrar nas intenções destes e nas circunstâncias de produção dos discursos”. Desta forma, as expressões utilizadas mostram o posicionamento de um jornal, linha editorial, cuidado ou desleixo com a notícia ou cobertura. Logo na manchete, “Ex-alunos invadem escola a tiros; após 15 minutos de terror, ataque deixa 10 mortos” (NEDERAUER et al., 2019, p. 11), a matéria traz a expressão “terror” para definir o ataque, a mesma expressão também aparece na capa. O terror é a “qualidade do que é terrível”, segundo o dicionário Michaelis (2019), mas outro verbete do mesmo exemplar traz a definição como “Que causa ansiedade e preocupação”. Vai ao encontro das definições trazidas por Wainberg (2005) em relação ao terror, que o define quase da mesma forma. Mas é utilizado de uma maneira que o diferencia da expressão terrorismo, que não é utilizada na cobertura, embora a ação seja entendível como terrorismo. Analisando a ação dos dois perpetradores do atentado de Suzano, a intenção de ambos era justamente assustar e causar ansiedade dentro da sociedade, além de também ser notado por ela. Como é dito por Arendt (2009) no capítulo 2 desse estudo, quando liga a frustração com o culto à violência.

O texto da matéria principal é bastante direto, deixando de lado diversos componentes da língua portuguesa como palavras polissêmicas, homônimas, metáforas e também intertextualidades. Mas é importante identificar e analisar quais os termos utilizados para definir tanto os dois responsáveis pelo ataque quanto o ataque em si.

O texto traz cinco formas diferentes de identificar os atiradores: a própria expressão utilizada nesse estudo, “atiradores”, os nomes deles, “jovens”, “dupla” e “adolescentes”. Analisando de maneira quantitativas, o nome deles é a forma mais utilizada pelo *O Estado de S. Paulo* para a identificação. No total, foram nove momentos em que foram identificados ou pelo nome completo ou pela sigla, já que um deles era menor de idade. A expressão “dupla” foi a segunda que mais apareceu durante o texto, num total de quatro vezes. “Atiradores” surgiu três vezes enquanto “jovens” e “adolescentes” aparecerem uma vez cada. Dessa forma, entende-se que os atiradores recebem a repercussão que procuravam, já que são nominalmente

identificados durante todo o texto. Como Weinberg (2005) explica no capítulo três do presente estudo, o medo e a ansiedade são disseminados e o símbolo é criado em torno desses dois nomes, além da foto de um deles na capa do jornal, como afirma Lopes (2012).

Quanto à nomenclatura do caso, o jornal escolhe três expressões para defini-lo: “ataque”, “tiroteio” e “massacre”. Esse último é o termo mais utilizado, num total de três vezes. E que mais define esse tipo de caso, já que não há oportunidade de defesa das vítimas e também a quantidade de mortes é alta. A sentença “ataque” aparece duas vezes no texto e “tiroteio” uma vez. Esta última expressão pode ter significado dúbio e precisa ser analisada dentro do contexto da frase, já que pode definir como uma descarga de tiros ou uma troca de tiros (MICHAELIS, 2019). “A polícia foi acionada para procurar um Ônix branco, achado um tempo depois na frente da escola, já com o chamado do tiroteio em curso” (NEDERAUER et al., 2019, p. 11), nesse trecho não fica claro quais dos dois significados o termo é empregado. Ele é expresso de uma forma cronológica, antes de a polícia saber efetivamente o que estava acontecendo na escola. Apenas fica claro que um possível confronto armado não seria entre atiradores e polícia, mas sim entre alunos.

Exposta a análise, o jornal *O Estado de S. Paulo* em seu vocabulário e utilização dos termos na matéria principal da cobertura do Massacre de Suzano preferiu dar ênfase aos assassinos e definiu o caso como um massacre.

#### 4.1.6 Análise qualitativa de fotografias

A fotografia é um complemento à narrativa verbal. Para Sousa (2004, p. 114), “Uma análise do discurso dos meios jornalísticos impressos poderá ficar um tanto ou quanto incompleta se não se observarem as fotografias ligadas ao texto”. Ainda segundo o autor, a “[...] atribuição de sentido a uma fotografia jornalística depende do contexto direto em que a foto é obtida e do contexto discursivo onde a mesma é inserida”. Dessa forma, esse tópico do estudo analisa a fotografia inserida dentro da matéria principal do jornal *O Estado de S. Paulo* do dia 13 de março de 2019. Importante mencionar que outra fotografia já foi analisada, a da capa, mas em outro tópico.

Figura 2 — Matéria principal do jornal *O Estado de S. Paulo* de 14 de março de 2019



Fonte: *O Estado de S. Paulo* (2019).

Em oposição à capa do mesmo jornal, a foto que se liga ao texto da matéria não destaca nenhum dos dois assassinos de Suzano. O foco é nas vítimas. O sofrimento dos que sobreviveram e o afago de um homem adulto a uma adolescente, aluna da escola. Em segundo plano, também um abraço entre duas mulheres. O plano médio é o enquadramento da fotografia em questão. Nesse caso, permite um “[...] melhor relacionamento simbólico entre os objetos e/ou sujeitos fotográficos”. É composto por uma divisão harmônica do retângulo, quando os elementos são colocados em uma composição equilibrada. Toda a fotografia jornalística precisa ser analisada “[...] dentro de um texto e contexto” (SOUSA, 2004, p.115-116), dessa forma, observa-se a legenda escolhida na fotografia de Wherter Santana, intitulada “Angústia” e seguida pela descrição “O atentado em Suzano comoveu todo o País; ex-alunos usaram um revólver calibre 38, uma besta, um arco e flecha e ainda uma machadinha para cometer os assassinatos”. A fotografia mostra as vítimas, ao contrário da legenda, que informa sobre o caso. Mesmo assim, a fotografia é colocada em um contexto e exprime o sentimento do título: a angústia após a tragédia.

## 4.2 O JORNAL THE PRESS: PACIFICAÇÃO E AVERSÃO A VIOLÊNCIA

### 4.2.1 Histórico

O *The Press* é uma publicação neozelandesa com fundação datada em 1861. Tem formato compacto durante os dias da semana e standard aos fins de semana. Começou como um jornal de seis páginas que ia às bancas aos sábados. Tem história parecida com a de muitos jornais brasileiros da mesma época. Surgiu como um folheto político e motivado por mudanças econômicas na região. Foi fundado pelo inglês James Edward FitzGerald (1818–1896), que chegou a ser ministro da Nova Zelândia, que tinha uma rixa histórica com William Sefton Moorhouse (1825–1881), do segmento metroviário do país. Descontente com o rival e com os gastos para o custo de um túnel ferroviário, “[...] houve ataques violentos a Moorhouse e suas políticas, mas em pouco tempo o jornal adotou os padrões sóbrios e sensatos que, nas décadas seguintes, estabeleceram a reputação da *The Press* como principal da Nova Zelândia”.<sup>17</sup> (CHRISTCHURCH CITY LIBRARIES, [2019?])

Durante o século XXI, o *The Press* passou por diversos editores importantes para o desenvolvimento do jornal. Desde 2003, *The Press* é propriedade da Fairfax Group, que é detentora dos direitos de vários outros jornais pelo mundo. Em 2018, o *The Press* alterou o design de suas páginas, para ficar no mesmo padrão de outros jornais do Fairfax Group.

### 4.2.2 A capa do dia 16 de março de 2019

A edição do dia 16 de março de 2019 do jornal *The Press*, a edição de final de semana, deu destaque total ao ataque ocorrido no dia anterior, uma sexta-feira. Normalmente em azul, o nome do jornal aparece com um fundo preto expressando o luto e, logo abaixo, define, em uma cartola, de forma direta a temática da capa: “Ataque terrorista em Christchurch”<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> “[...] there were violent attacks on Moorhouse and his policies but before long the paper adopted the sober, sensible standards that, over the following decades, established *The Press's* reputation as New Zealand.”

<sup>18</sup> “Christchurch terror attacks”

Figura 3 — Capa do jornal *The Press* de 16 de março de 2019

Fonte: The Press (2019).

A capa é forte. Contraria o senso comum de que o terrorismo é praticado por muçulmanos. Agora, eles são as vítimas. Ela cria símbolos, como Rosa (2015) traz no capítulo 2. Um símbolo que tenta desconstruir um outro símbolo criado após o ataque de 11 de setembro de 2001, que colocou os povos islâmicos como vilões do mundo. Utiliza uma foto tirada pelos profissionais do próprio jornal, dando destaque às vítimas do ataque, mas sem exibir imagens violentas explícitas. Em pé, em primeiro plano, está um homem negro vestindo um traje típico da cultura muçulmana e utilizado para celebrações religiosas. O traje está manchado de sangue. Ao lado, o rosto de um homem mostra medo e pavor. Ao fundo, a fotografia mostra que está no local do ataque, já que uma faixa de isolamento colocada pela polícia aparece e um homem consola uma mulher com trajes típicos.

A manchete “O fim da inocência”<sup>19</sup> antecipa o conteúdo do jornal. Indica a perplexidade por um ato de violência desse tipo ter acontecido em um país tão pacífico como a Nova Zelândia. Tanto é que, apenas nesse massacre, o número de pessoas mortas foi superior ao de assassinatos com armas de fogo nos últimos cinco anos no país (NÚMERO..., 2019). É uma manchete objetiva e emotiva, mas que colocada no contexto da foto, explica o que aconteceu sem dar muitos detalhes. As outras

<sup>19</sup> “End of innocence”

manchetes que seguem pela capa também dão caráter exclusivo ao atentado. Abrindo sua cobertura, o *The Press* sinaliza ao leitor que o foco será nas vítimas e não aos autores do ataque em Christchurch. Finalizando os elementos da capa, é também importante citar as sub manchetes que trazem mais informações. São quatro: “Confirmadas 49 pessoas mortas e dezenas feridas”, “Homem enfrentará acusações de assassinato hoje no tribunal”, “duas bombas encontradas ligadas ao veículo” e “PM classifica ataque terrorista como ‘um dos dias mais sombrios da Nova Zelândia’”.

#### 4.2.3 Reportagem principal: estrutura, fontes e citações

A reportagem principal do jornal *The Press* do dia 16 de março de 2019, edição de sábado, aparece já na segunda página do jornal. Antes disso, capa e segunda página foram totalmente dedicadas ao atentado. É importante salientar que a grade do jornal foi totalmente alterada para a cobertura da tragédia. Normalmente, ele traz as principais notícias do dia e da cidade nas suas primeiras páginas. Nesta edição, as cinco primeiras páginas, mais a capa, destacaram o massacre. O título da reportagem é direto e não é acompanhado por linha de apoio: “Ataque terrorista deixa 49 mortos”<sup>20</sup>.

A estrutura do texto começa por um *lead* tradicional. Ele não contém todas as informações de um *lead* clássico — o quê, quem, quando, onde, como e por que — mas informa alguns desses elementos, como onde (Christchurch), o quê (abriu fogo), quem (atirador) e quando (ontem). Além dessas informações, o parágrafo inicia substantivando o acontecimento: “Terror e angústia varreram Christchurch ontem quando um atirador abriu fogo contra duas mesquitas matando 49 pessoas e ferindo outras dezenas” (THE PRESS, 2019, p. 3)<sup>21</sup>. Com pouco mais de duas linhas, o lead inicial vai direto ao ponto, somando-se e, de certa forma, repetindo informações já presentes no título da matéria. A partir do segundo parágrafo, aparecem novas informações, fontes, autores e o desenrolar do caso. A matéria não é construída em progressão cronológica, e cria seu próprio tempo de acordo com as informações.

Seguindo o texto, é apresentado o autor do massacre e algumas informações mais específicas sobre o local da tragédia. Até então, Christchurch é um grande local

<sup>20</sup> “Terror Attack leaves 49 dead”

<sup>21</sup> “Terror and anguish swept Christchurch yesterday as gunmen opened fire on two mosques killing 49 people and injuring dozens more.”

onde ocorreu um ataque terrorista, mas a reportagem mostra e nomeia as duas mesquitas atacadas, como segue:

Três pessoas, incluindo o australiano B.T.<sup>22</sup>, estão sob custódia após os tiroteios à Masjid Al Noor na Deans Ave e a Linwood Masjid na Linwood Ave ontem, onde centenas de pessoas se reuniram para a Sexta-Feira de orações. Uma pessoa de quase vinte anos foi acusada de assassinato.<sup>23</sup> (THE PRESS, 2019, p. 3).

O parágrafo seguinte finaliza a ideia do anterior, mostrando a quantidade de vítimas fatais e os locais onde perderam a vida: “Sabe-se que sete foram mortas na mesquita de Linwood, incluindo três fora do prédio, enquanto 41 morreram na Deans Ave. Uma pessoa morreu no hospital.”<sup>24</sup> (THE PRESS, 2019, p. 3).

A primeira fonte que aparece na reportagem do *The Press* é oficial e da maior autoridade do país: a primeira Ministra da Nova Zelândia, Jacinda Ardern, ocupa os dois parágrafos que se sucedem, nos quais comenta e explica o atentado, em um primeiro momento, com uma forma “[...] híbrida entre o discurso direto e indireto” (SOUSA, 2004, p. 87), como pode ser visto:

A Primeira Ministra Jacinda Ardern descreveu como um dos ‘dias mais sombrios’ da Nova Zelândia e diz que parece ter sido um ataque ‘bem planejado’. ‘É claro que isso só pode ser descrito como um ataque terrorista’.<sup>25</sup> (THEPESS,2019, p. 3).

O parágrafo seguinte é dominado por um único discurso direto da Primeira Ministra: “Essas são pessoas, que eu descreveria como tendo visões extremistas, não têm absolutamente nenhum espaço na Nova Zelândia e, de fato, não tem nenhum espaço no mundo.”<sup>26</sup> Antes de apresentar a nova fonte, o jornal ainda informa que o estado de alerta no país passou de “baixo” para “alto” (THE PRESS, 2019, p. 3).

<sup>22</sup> O presente estudo não apresentará o nome dos assassinos, apenas a abreviação. O texto original informa nome e sobrenome.

<sup>23</sup> “Three people, including Australian B.T., were in custody following the shootings at the Masjid Al Noor on Deans Ave and the Linwood Masjid on Linwood Ave yesterday, where hundred of people had gathered for Friday prayers. One person in his late 20s has been charged with murder.”

<sup>24</sup> “It is understood seven were killed at the Linwood Mosque, including three outside the building itself, while 41 died ad Deans Ave. One person died in hospital.”

<sup>25</sup> “Prime Minister Jacinda Ardern described it as one of New Zealand’s ‘darkest days’ and said it appeared to have been a ‘well-planned’ attack. ‘It is clear this can now only be described as a terrorist attack’.”

<sup>26</sup> “These are people who I would describe as having extremist views that have absolutely no place in New Zeland and, in fact, have no place in the World.”

A segunda fonte da matéria é, mais uma vez, oficial. O diretor executivo do Conselho de Saúde do Distrito de Canterbury, David Meates, traz informações referentes à saúde dos feridos e sobre os danos causados pelo ataque. Ele segue sendo a principal fonte dos quatro parágrafos que se seguem. Os dois primeiros em discurso indireto e os dois últimos em discurso direto, como pode ser visto, iniciando pelo primeiro:

O Diretor Executivo do Conselho de Saúde do Distrito de Canterbury David Meates disse que 48 pessoas com ferimentos de bala estão sendo tratados no Hospital de Christchurch, enquanto outros aparecem em outras unidades de saúde na comunidade.<sup>27</sup> (THE PRESS, 2019, p.3).

Segundo parágrafo:

Os pacientes variam entre crianças e adultos e seus ferimentos variam de críticos a menores. Alguns necessitam de múltiplas cirurgias e outros foram levados para outras unidades de saúde em todo o país.<sup>28</sup> (THE PRESS, 2019, p. 3).

Terceiro e o quarto parágrafo, com discurso direto:

‘Em torno de 200 famílias aguardam notícias de seus familiares no local. Junto com a polícia estamos providenciando suporte para essas pessoas’, diz Meates. ‘A menos que seja essencial, pedimos para que as pessoas não venham visitar parentes no Hospital de Christchurch, pois estamos tentando reduzir o número de pessoas no local’.<sup>29</sup> (THE PRESS, 2019, p. 3).

A terceira fonte introduzida no texto segue sendo oficial. O Comissário de Polícia Mike Bush. Ele domina os sete parágrafos seguintes com recomendações das autoridades neozelandesas, como no discurso direto do quinto parágrafo da entrevista com ele: “Pedimos para que os neozelandeses permaneçam vigilantes e reportem imediatamente qualquer atitude suspeita para o 111.”<sup>30</sup> (THE PRESS, 2019, p. 3).

<sup>27</sup> “Canterbury District Health Board chief executive David Meates said 48 people with gunshot wounds were being treated at Christchurch Hospital, while others had turned up at other health facilities in the community.”

<sup>28</sup> “The patients ranged from young children to adults and their injuries varied from critical to minor. Some would need multiple surgeries and some had been taken to other health facilities around the country.”

<sup>29</sup> “‘Around 200 family members are on site awaiting news of their family members. Together with police we are providing support to these people,’ Meates said. ‘Unless it’s essential, we ask that people don’t come to visit patients Christchurch Hospital, as we are trying to reduce the numbers of people on the hospital site.’”

<sup>30</sup> “We urge New Zealanders to stay vigilant and report any suspicious behaviour immediately to 111.”

Os seis parágrafos que se seguem trazem mais informações, principalmente referentes a serviços, informando avenidas fechadas, escolas sem aula e aeroportos com voos cancelados, todos em virtude do ataque. As primeiras fontes não oficiais começam a aparecer no texto após esse momento informativo. Eles servem para narrar com um outro olhar todo o acontecimento. O primeiro, um homem que preferiu não se identificar, é destacado com um depoimento forte em três parágrafos que começam com discurso indireto e terminam com discurso direto: “Um homem, que preferiu não ser identificado, disse que estava rezando na mesquita de Deans Ave quando ouviu o tiroteio começar.”<sup>31</sup>, a que segue: “Ele conseguiu escapar, mas viu sua esposa morta na calçada.”<sup>32</sup>. E finaliza: “‘Minha esposa está morta’, disse, lamentando. Ele foi apoiado por outros homens muçulmanos que oravam por ele.”<sup>33</sup> (THE PRESS, 2019, p. 3).

Com outra fonte anônima, o jornal afirma “Outro homem disse ter visto crianças sendo baleadas”<sup>34</sup>. Para descrever o assassino, a reportagem utiliza o relato de pessoas que estavam nas mesquitas, como sugerem os dois parágrafos a seguir:

Dezenas de pessoas foram atingidas por um homem vestindo uniforme militar, que esvaziou pelo menos dois cartuchos. ‘Havia corpos sobre mim’ Ahmad Al-Mahmoud, 37, descreveu o atirador como de pele branca, loiro, pequeno, usando um capacete e um colete a prova de balas.<sup>35</sup>

A mesma fonte, Ahmad Al-Mahmoud, descreveu brevemente o ataque, informando que este começou 10 minutos após o início das orações. A matéria ainda apresenta mais duas fontes próximas ao caso que relatam o que passaram, é o caso Ahmed Tani, do centro de refugiados de Canterbury, e Farhaan Farheez. Ambos descreveram como foram os momentos de terror vividos, mas sem violência explícita, sem detalhamentos do ataque. Após esse momento, o texto volta para fontes oficiais, dando espaço para Lianne Dalziel, prefeita de Christchurch. Ao fim do texto, a matéria oferece um telefone para serviço, auxiliando famílias a procurarem informações:

<sup>31</sup> “A man, who would not give his name, said he was praying in the Deans Ave mosque when he heard the shooting start.”

<sup>32</sup> “He managed to escape, but saw his wife lying dead on the footpath outside.”

<sup>33</sup> “‘My wife is dead,’ he said, wailing. He was supported by other Muslim men who prayed for him.”

<sup>34</sup> “Another man said he saw children being shot.”

<sup>35</sup> “Dozens of people were shot by a man wearing military uniform, who emptied at least two magazines. ‘There were bodies all over me.’ Ahmad Al-Mahmoud, 37, described the shooter as whiteskinned, blond, quite short and wearing a helmet and a bulletproof vest.”

“Familiares procurando por informações podem ligar para a linha de informação da polícia 0800 115 019”<sup>36</sup> (THE PRESS, 2019, p. 3).

A matéria adota estrutura tradicional. Com *lead* simples e igualmente tradicional, e usando técnica da pirâmide invertida, onde as principais informações sobre o fato estão no começo do texto. Foram utilizadas quatro fontes oficiais e quatro não oficiais, sendo duas em *off*.

#### 4.2.4 Textos opinativos

Diferente do posicionamento do jornal brasileiro *O Estado de S. Paulo*, o *The Press* destacou textos opinativos em quase toda a sua página A4, a quarta depois da capa e, seguindo a ordem estabelecida pelo jornal durante a cobertura do ataque, a quarta falando exclusivamente do atentado. Foram três os textos na página de opinião, sendo duas entrevistas. Primeiro, o da editora do jornal, Tracy Watkins, chamado “Sem imunidade para o terror, violência e ódio”<sup>37</sup>. Depois o texto do presidente da Federação dos Islâmicos Associados da Nova Zelândia, Mustafa Farouk, chamado “Isso não é a Nova Zelândia”<sup>38</sup>. E seguindo a linha religiosa, que é o tom adotado na seção de opinião do jornal, o Reverendo Dr. Keith Rowe, presidente da *NZ Council of Christians and Muslims* traz o texto “Amor humano e simpatia: o primeiro passo”<sup>39</sup>.

A temática que tomou conta do espaço opinativo do jornal não foi marcada pela polêmica. O principal mote dos textos girou em torno do ódio, da violência, da intolerância religiosa e da reflexão sobre o futuro. Tracy Watkins afirma que o foco imediato é o “[...] apoio às vítimas e o luto das famílias de pessoas que foram mortas ou feridas”<sup>40</sup>, mas logo reflete sobre segurança: “Inevitavelmente, nos próximos dias haverá perguntas sobre se temos sistemas de aviso suficientes”<sup>41</sup>, referindo-se principalmente ao fato de o assassino ter publicado um manifesto no Facebook antes do ataque.

<sup>36</sup> “Families seeking information can call a police information line 0800 115 019.”

<sup>37</sup> “No immunity from terror, violence and hate”

<sup>38</sup> “This is not New Zealand”

<sup>39</sup> “Human love and sympathy the ‘first step’”

<sup>40</sup> “[...] supporting the victims and the grieving families of the people who were killed and injured.”

<sup>41</sup> “But there will inevitably be questions over the coming days over whether we had sufficient warning systems in place.”

O tom de Mustafa Farouk em sua entrevista é de incredulidade: “[...] quando fui à mesquita, não estava pensando que alguém poderia ir à mesquita e tentaria atirar em alguém. Isso não é a Nova Zelândia”<sup>42</sup>. O Reverendo Keith pregou a união entre cristãos e muçulmanos: “O perigo está presente enquanto vivermos na ignorância da sabedoria”<sup>43</sup> (THE PRESS, 2019, p. 4).

#### 4.2.5 Vocabulário do *The Press*

O jornal *The Press* tem em suas matérias uma linguagem muito mais direta para o leitor. Sem muitas narrativas, os textos são bastante claros e usam discursos diretos para contextualizar os fatos. Algumas figuras de estilo costumam aparecer, principalmente nas falas dos entrevistados, que dão um sentido mais dramático para a narrativa. Em uma das primeiras entrevistas da matéria, a Primeira Ministra descreve o massacre como um dos “dias mais sombrios”<sup>44</sup> da história da Nova Zelândia, assim como no penúltimo parágrafo da matéria, onde o crime é descrito como “Apenas maldade. O mal veio até esta cidade hoje.”<sup>45</sup>, nesses dois casos pode-se encontrar o uso da sinédoque, um tipo de metonímia que é “[...] uma relação sugerida pro associação.” (SOUSA, 2004, p. 83).

“Terror” é uma expressão constantemente encontrada na cobertura do jornal *The Press*. O termo abre o texto e vai ao encontro das definições de Wainberg (2005), pois no caso há a presença de violência, fator político, medo, ameaça ação organizada e a busca por uma dimensão publicitária. E é assim que o jornal define toda ação. Como um ataque terrorista. Nenhum momento o termo “terrorismo doméstico” é citado, contrariando uma forma de conceituar esses tipos de atentado em outros jornais. Seguindo todos os itens expostos no capítulo 3 desse estudo por Wainberg (2005), o caso é unicamente um ato terrorista. Vale destacar que é feito contra muçulmanos, comumente atribuídos aos atos de terrorismo.

Ao conceituar universalmente o massacre de Christchurch como um ato terrorista, inclusive em sua capa, o texto principal da matéria também encontra um

<sup>42</sup> “[...] when I went to the mosque, I wasn't thinking that anybody would ever come to the mosque and try to shoot anybody in the mosque. This is not New Zealand.”

<sup>43</sup> “The danger is present as long as we live in ignorance of the wisdom.”

<sup>44</sup> “darkest days”

<sup>45</sup> “It's juste evil. Evil has come to this city today.”

outro termo para defini-lo: apenas “ataque”<sup>46</sup>. Muito provavelmente por questões linguísticas e para tornar o texto mais direto. Também pela universalidade do termo dentro do texto que, diante de todo o contexto de terrorismo sempre lembrado pelo jornal, deixa implícito que o ataque é sim terrorista.

Para finalizar essa análise de linguagem, o jornal tem uma postura profissional de levar sua narrativa para as vítimas, cuidando com a criação de símbolos como já dito no capítulo 3, com Rosa (2015). São cinco os termos utilizados para identificar autor do crime: “atirador”, “uma pessoa”, “atiradores”, “um homem vestindo uniforme militar”<sup>47</sup> e o nome. A expressão genérica mais utilizada é “atirador”, que aparece no texto três vezes. Todas as outras aparecem apenas uma vez. Vale destacar que o nome dele só é citado em uma ocasião, na tentativa do jornal silenciar o autor. A última expressão, “um homem vestindo uniforme militar”, destaca a aparência do assassino ligando-o a uma imagem fascista, comprovada em posts de rede social do atirador.

#### 4.2.6 Análise fotográfica

Um dos elementos mais relevantes de uma fotografia jornalística, para Sousa (2004, p. 115), se inscreve em “[...] elementos como a pose dos actantes, a presença de determinados objectos, o embelezamento da imagem ou dos seus elementos, a truncagem, a utilização de várias imagens etc.”. A junção desses elementos (imagens, texto e contexto) confere à imagem um status de símbolo, um significado e uma carga, algumas vezes, emotiva e conciliadora.

---

<sup>46</sup> “attack”

<sup>47</sup> Na mesma ordem: “gunman”, “one person”, “shooters”, “a man wearing military uniform”.

Figura 4 — Matéria principal do jornal *The Press* de 16 de março de 2019

# Terror attack leaves 49 dead

**Shootings**

Terror and anguish swept Christchurch yesterday as gunmen opened fire on two mosques killing 49 people and injuring dozens more.

Three people, including Australian Brenton Tarrant, were in custody following the shootings at the Masjid al Noor on Deans Ave and the Linwood Masjid on Linwood Ave yesterday, where hundreds of people had gathered for Friday prayers. One person in his late 20s has been charged with murder.

It is understood seven were killed at the Linwood mosque, including three outside the building itself, while 41 died at Deans Ave. One person died in hospital.

Prime Minister Jacinda Ardern described it as one of New Zealand's "darkest days" and said it appeared to have been a "well-planned" attack. "It is clear this can now only be described as a terrorist attack.

"These are people who I would describe as having extremist views that have absolutely no place in New Zealand and, in fact, have no place in the world."

The threat level across the country had been moved from "low" to "high".

Canterbury District Health Board chief executive David Moates said 49 people with gunshot wounds were being treated at Christchurch Hospital, while others had turned up at other health facilities in the community.

The patients ranged from young children to adults and their injuries varied from critical to minor. Some would need multiple surgeries and some had been taken to other health facilities around the country.

People outside Deans Ave mosque, on the edge of Hagley Park, after a gunman opened fire and shot worshippers yesterday.

to vehicles and were defused by Defence Force staff, Bush said.

stay indoors as police entered the house.

"Around 200 family

Dozens of people were shot by a man wearing military uniform, who

"These people were running towards me and shouting 'go, go, go'."

The Bangladesh cricket team were in the mosque where shots were fired.

Cricket's Bangladesh correspondent Mohammad Iqbal posted a video to Twitter of the team rushing through Hagley Park away from the mosque.

Bangladesh were due to play New Zealand at Hagley Oval today, but the game has since been called off.

Farhaan Farheez, who moved to New Zealand from Fiji in 2015, was in the Linwood mosque praying with about 100 others when the shooting started.

"They came really close. It was at the door. It was really painful in my ears. I could see a gun at the entranceway but not the face. Everyone was really scared and trying to save themselves.

"I saw two females and four or five males dead and the rest were severe casualties. The whole mosque was filled with blood and dead bodies. It was like a battlefield."

Farheez said he called police for help.

"New Zealand has a really good name but now because of this the whole world will view New Zealand extremely differently. This is an act of terror."

Christchurch mayor Limnise Dalziel said she was "shocked beyond words" by the shootings.

"I would never have expected anything like this to happen in Christchurch. I'll never expect this to happen in New Zealand."

Wendy and Andy Johnson drove from their home in Belfast, in north

Fonte: *The Press* (2019, p. 3).

A fotografia destacada na matéria principal do *The Press* em 16 de março de 2019 se entrelaça ao sentido dado pelo texto. Usando um plano médio, o enquadramento do homem de joelhos composto mais ao lado direito, mas em primeiro plano, remetem a narração feita no texto, no trecho em que uma fonte anônima afirma: "‘Minha esposa está morta’, disse, lamentando. Ele foi apoiado por outros homens muçulmanos que oravam por ele." (THE PRESS, 2019, p. 3). A legenda confirma que a fotografia é na Deans Ave, mas não confirma que se trata do fato narrado no texto. O restante da legenda diz: "[...] pessoas do lado de fora da mesquita Deans Ave, nos limites do Hagley Park, depois que um homem armado abriu fogo e matou fieis ontem"<sup>48</sup>. O contexto é inserido e a dramaticidade da cena fica mais clara.

### 4.3 SÍNTESE

O terror, segundo Wainberg (2005) é um ato violento que busca através da publicidade causar medo e ansiedade nas pessoas. É esse conceito que permeia os discursos dos jornais *O Estado de S. Paulo* e o *The Press* diante dos dois massacres que, juntos, tiraram a vida de 61 pessoas na mesma semana, entre 13 e 15 de março

<sup>48</sup> People outside Deans Ave mosque, on the edge of Hagley Park, after a gunman opened fire and shot worshippers yesterday.

de 2019. Cada um tem um foco diferente, muito de acordo com o contexto em que estão inseridos dentro dos países onde estão situados.

O *Estado de S. Paulo* prefere descrever o caso em si, com foco na ação dos atiradores, deixando de lado muitas das ideias trazidas no presente estudo, como a criação de símbolos e repetição. Já o *The Press* foca na ação coletiva. Este é o principal ponto de diferença entre as duas coberturas analisadas. Esse aspecto fica claro na análise das capas, na qual o *Estadão* destaca o autor do crime em uma foto divulgada nas redes sociais, empunhando uma arma de fogo e vestindo uma máscara de caveira. O *The Press* mostra em sua capa as vítimas com vestes tradicionais e o sangue no corpo. Em comparação, entende-se que apenas o jornal brasileiro cria um símbolo forte. Com o advento da internet, dos smartphones, a capa ganha um sem número de replicações e “[...] passa a adquirir uma força simbólica” (ROSA, 2015, p. 138) e a entrar no imaginário coletivo.

A violência também é muito mais presente no jornal brasileiro do que no neozelandês. A narrativa do primeiro, que foca muito mais na ação, não mede esforços para detalhar os assassinatos, como no trecho:

Atirou contra um grupo de alunos e funcionários na recepção. Três pessoas caíram no chão e ele seguiu para o interior da escola. Trinta segundos depois, seu amigo L.H.C.<sup>49</sup>, de 25 anos, também ex-aluno, entrou munido com uma besta, um arco e flecha e uma machadinha. Golpeou pessoas já caídas e se atracou com estudantes que fugiram correndo. (NEDERAUER et al., 2019, p. 11).

O *The Press* foca na vítima e cria um sentimento de empatia no leitor, no trecho da matéria principal que acaba sendo a parte mais forte da cobertura: “Um homem, que preferiu não ser identificado, disse que estava rezando na mesquita de Deans Ave quando ouviu o tiroteio começar.”<sup>50</sup>, seguido do parágrafo que segue a narrativa: “Ele conseguiu escapar, mas viu sua esposa morta na calçada”<sup>51</sup>. E conclui: “‘Minha esposa está morta’, disse, lamentando. Ele foi apoiado por outros homens muçulmanos que oravam por ele”<sup>52</sup>. Nesse trecho ele fala que viu pessoas mortas,

<sup>49</sup> Trecho alterado: o presente estudo não divulgará o nome de nenhum dos assassinos em todos os casos estudados.

<sup>50</sup> “A man, who would not give his name, said he was praying in the Deans Ave mosque when he heard the shooting start.”

<sup>51</sup> “He managed to escape, but saw his wife lying dead on the footpath outside.”

<sup>52</sup> “‘My wife is dead,’ he said, wailing. He was supported by other Muslim men who prayed for him.”

mas não detalha como estavam. A fala é colocada de maneira correta, não criando a imagem e descrevendo a cena com mais violência.

O apelo violento do jornal brasileiro mostra muito sobre o contexto social que se encontra o país. A violência parece ser banal e o valor-notícia da violência torna-se mais importante do qualquer tipo de mensagem de pacificação à sociedade, o que contrapõe a visão do *The Press* que toma um partido dentro da situação e mostra sua incredulidade e indignação diante do massacre, mostrando que não há espaço para esse tipo de ato dentro da Nova Zelândia. O jornal neozelandês durante toda a cobertura prega por paz, união e tenta não tornar o caso mais violento, protegendo vítimas e fazendo o papel de unificador. Isso fica muito claro nos textos opinativos, onde o jornal ouviu integrantes de movimentos religiosos e pediu para que os vídeos do ataque não sejam divulgados, para não permear ainda mais uma cultura de violência dentro do país. O contrário é feito no *O Estado de S. Paulo*, onde textos de cunho opinativo acirram ainda mais um debate polarizado sobre controle de armas que já é forte dentro do país após as eleições presidenciais de 2018, falando sobre jogos, porte de armas e tentando achar culpados além dos atiradores.

As fotografias das duas matérias principais equilibram os jornais nas coberturas. Ambos focam na vítima e seu sofrimento, criando uma carga emocional no leitor, fugindo de imagens violentas e focando no drama dos familiares das vítimas dos massacres.

Expostos os conteúdos analisados, defende-se que o jornal *O Estado de S. Paulo*, em sua cobertura do Massacre de Suzano, apresenta um conteúdo muito mais nocivo para a sociedade, dando a publicidade necessária para que o ato de terror seja concluído, colocando um dos seus autores na capa os citando incansavelmente, criando ainda mais um clima de terror, transformando suas imagens e seus nomes em um símbolo e um modelo a ser seguido por outras pessoas que venham a ter o mesmo ideal, tomando coragem para agir. *O Estado de S. Paulo* finalizou um plano que exigia a mídia, pois “Os veículos de comunicação são chamados a cumprir o papel de disseminador do pânico nas situações em que o terror tem de ser transmitido aos lares e às mentes das pessoas.” (WAINBERG, 2005, p. 15). Além de criar um novo modelo a ser seguido.

O *The Press* cita apenas uma vez o nome do assassino de Christchurch em sua cobertura, ignora sua imagem, ignora seus ideais e propõe para a sociedade um clima de união, respeito e tolerância. As fontes oficiais também ditam essa tolerância,

além de dedicar boa parte do seu texto para serviços e aconselhamentos. O diretor do hospital do distrito fala sobre os feridos internados, sobre os familiares e aconselha que não se aglomerem no pátio do hospital. O chefe de polícia da cidade fala para moradores ficarem em alerta e denunciar qualquer atividade suspeita e também recomenda que não saiam à rua. Por duas vezes o jornal fornece números de telefone para auxílio. Esse tipo de serviço não aparece na cobertura do *Estadão*.

Ao contrário do *O Estado de S. Paulo*, que não ousou chamar o massacre de Suzano de ataque terrorista, o *The Press* aposta nessa definição. A primeira vez que a expressão aparece é na capa do jornal, e a ideia é endossada pela Primeira Ministra do país.

Tratando-se de fontes oficiais políticas, a cobertura do *The Press* traz a Primeira Ministra da Nova Zelândia Jacinda Ardern, enquanto *O Estado de S. Paulo* usa o governador do Estado de São Paulo João Dória. O discurso dos dois é muito diferente. Ardern é inserida na matéria com longos discursos diretos enérgica contra esse tipo de violência e amparando os cidadãos do país. Dória, por sua vez, apenas lamenta o ocorrido.

## 5 CONCLUSÃO

O presente estudo analisou o discurso dos jornais *O Estado de S. Paulo*, do Brasil, e *The Press*, da Nova Zelândia, diante dos atentados ocorridos na Escola de Suzano e em duas mesquitas de Christchurch, respectivamente, nos dias 13 e 14 de março do ano de 2019. A análise foi feita sobre os conteúdos gerados pela capa, matéria principal, fotografia e textos de opinião de cada uma das duas edições estudadas. Foram observados o contexto, estrutura, fontes e citações, vocabulário e imagens. Pode-se concluir que as coberturas foram bastante distintas, tendo o jornal brasileiro focado nos autores do atentado e o jornal neozelandês em uma perspectiva coletiva e cidadã. O coletivo, no Brasil, aparece no debate sobre porte de armas.

No segundo capítulo, a violência foi o tópico principal, entendendo como ela evoluiu ao longo da história e suas formas de atuação, até chegar aos dias de hoje com a violência através do terror se manifestando de diversas formas, seja por meio de ataques a países estrangeiros ou de cidadãos de um país em seu próprio território. Em ambas as situações, como define o capítulo, o terror, ou o terrorismo, agem da mesma forma: causam medo.

No terceiro capítulo são expostos conceitos relacionados ao discurso midiático, tendo em vista a violência como valor-notícia importante para a cobertura jornalística diária, como observa Traquina (2008), que acaba contribuindo para a cultura da violência. A mídia é responsável por fabricar emoções e criar comportamentos. Para isso, é usado o conceito do Efeito Werther (ALMEIDA, 2000), que trabalha com ideias de um aprendizado por modelagem, quando uma pessoa é usada como referência para as atitudes da outra e que pode gerar um efeito de repetição. Esse conceito está intimamente ligado com a criação de simbolismos, visto por Rosa (2015). Através desses símbolos, que dependem da mídia como fio condutor, são criados modelos que são repetidos. Além, claro, de a imprensa desempenhar papel fundamental na conclusão de massacres, espalhando o terror.

Ambas as coberturas servem como fio condutor de uma ideia de terror, que visa criar ansiedade e medo na sociedade, como apresentado por Wainberg (2005), mas a cobertura do jornal *O Estado de S. Paulo* vai além, mistificando e personificando os atiradores de Suzano, uma vez que seus nomes são divulgados inúmeras vezes durante a cobertura, além do uso de imagens de um dos autores e fotos da câmera

de circuito interno durante o momento do ataque. Dentro de um contexto de violência vivido no Brasil, o ataque parece excepcional, mas é, ao mesmo tempo, banalizado, visto esse contexto violento no país. Dessa forma, o jornal em nenhum momento atua em tentar suprimir tanta violência e também não observa o perigo desse tipo de cobertura ao criar modelos (SCHMIDTKE; HAFNER, 1988, p. 672).

Como são necessárias as coberturas jornalísticas para que o terror seja concluído, o *Estadão* cumpre papel de disseminador desse terror e conclui o trabalho iniciado pelos dois atiradores que invadiram a escola. Mais que isso, segundo o pensamento de Rosa (2015) e Almeida (2000), o jornal cria em sua cobertura um novo símbolo, uma nova cara do que é o ataque a uma escola no Brasil, e também exalta um novo modelo a ser seguido por pessoas suscetíveis a ataques violentos. Entende-se, assim, que *O Estado de S. Paulo* contribuiu para uma cultura de violência.

Em contrapartida, o *The Press* da Nova Zelândia dedica a sua cobertura para uma pregação de paz e união da sociedade local em torno do atentado. Não deixa de informar, mas foca quase que inteiramente nas vítimas do ataque, principalmente as que não estiveram diretamente ligadas ao atentado, mas todas as que ficaram com medo. Segundo Wainberg (2005), essas são as verdadeiras vítimas do terror.

Dessa forma, o jornal neozelandês se comporta em sua cobertura com responsabilidade e tenta diminuir os efeitos do terror, causando comoção entre os leitores e incitando ao debate sobre violência e intolerância. O nome do autor do atentado é citado apenas uma vez durante a cobertura, não permitindo que esse autor tenha um rosto, limitando seu nome e tentando impedir que a dimensão do terror causado por ele seja ainda maior, evitando um processo de imitação baseada no ódio.

Expostas as ideias no presente estudo e observando as duas coberturas estudadas e seu impacto dentro da realidade onde estão inseridas e sua influência dentro da cultura da violência, propõe-se responsabilidade aos veículos. As coberturas não podem ser um meio de condução de ideias deturpadas e criminosas. Diante desses casos, infelizmente cada vez mais frequentes, a imprensa deve se comportar com a intenção de diminuir os efeitos desse tipo de terror. Algo muito mais semelhante com a cobertura do *The Press*. Que o ódio seja debatido corretamente, que a violência seja suprimida, que as vítimas sejam o foco das coberturas e que o jornal consiga adotar um tom conciliador e limite a ação do terror na sociedade, Tornando-se um agente que combate o terrorismo.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGUIAR, Plínio. 'A gente se escondeu no banheiro', diz sobrevivente de massacre em SP. **R7**, [S.l.] 13 mar. 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/a-gente-se-escondeu-no-banheiro-diz-sobrevivente-de-massacre-em-sp-13032019>. Acesso em: 31 ago. 2019.

ALMEIDA, Ana Filipa. Efeito de Werther. **Psicológica**, [S.l.], v.18, n.1, p. 37-51, 2000.

ALVES, Paulo Cesar Corrêa. **Jornalismo e religião**: a imagem que a mídia constrói do Islamismo nos pós-atentados. Frutal: Prospectiva, 2016.

APÓS quase quatro horas, termina sequestro de passageiros de ônibus no Rio. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 ago. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADcia/ap%C3%B3s-quase-quatro-horas-termina-sequestro-de-passageiros-de-%C3%B4nibus-no-rio-1.359880>. Acesso em: 20 set. 2019.

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1994.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

A SUBVERSÃO em marcha. *Estadão*, São Paulo, p. 3, 21 1963. Editorial. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19631121-27173-nac-0003-999-3-not>. Acesso em: 20 set. 2019.

BANDURA, Albert. **Lernen am modell**. Stuttgart: Klett, 1976.

BARROS, Daniel Martins. Não há explicação. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, v. 140, n. 45.803, p. 14, 14 mar. 2019.

CALCAGNO, Luiz. Massacre em Suzano é resultado da 'cultura do ódio', dizem especialistas. **Correio Braziliense**, Brasília, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/03/18/interna-brasil,743564/massacre-em-suzano-e-resultado-da-cultura-do-odio.shtml>. Acesso em: 21 set. 2019

CHRISTCHURCH CITY LIBRARIES. The press. [2019?]. Disponível em: [https://christchurch.bibliocommons.com/item/show/171552037\\_the\\_press?active\\_tab=bib\\_info](https://christchurch.bibliocommons.com/item/show/171552037_the_press?active_tab=bib_info). Acesso em: 20 set. 2019.

CORDEIRO, Tiago. Como foi o Massacre de Columbine? **Superinteressante**, [S.I.], 18 abr. 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-o-massacre-de-columbine/>. Acesso em: 24 ago. 2019.

COSCELLI, João. 11 de setembro, dez anos: as capas do dia seguinte. **Estadão**, São Paulo, 6 set. 2011. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/11-de-setembro-dez-anos-as-capas-do-dia-seguinte/>. Acesso em: 18 set. 2019.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da. Capas na mídia impressa: a primeira impressão é a que fica. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais...** Santos: Intercom, 2007. p. 1-11.

D'ÁIOLA, Carla. **A função do Gatekeeper na imprensa**. Disponível em: [http://www.iscafaculdades.com.br/estacaojornalismo/artigo\\_14.htm](http://www.iscafaculdades.com.br/estacaojornalismo/artigo_14.htm). Acesso em: 09 out. 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIA 24 de agosto de 1954 Getúlio Vargas se mata com um tiro no Palácio do Catete. O Globo, Rio de Janeiro, 23 ago. 2013. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/dia-24-de-agosto-de-1954-getulio-vargas-se-mata-com-um-tiro-no-palacio-do-catete-9680853>. Acesso em: 20 set. 2019.

DUPLA ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida. G1, Mogi das Cruzes e Suzano, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>. Acesso em: 30 ago. 2019.

EM VINTE anos, explodem ataques a tiros em escolas nos EUA, diz estudo. O Globo, Rio de Janeiro, 19 abr. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/em-20-anos-explodem-ataques-tiros-em-escolas-nos-eua-diz-estudo-22611639>. Acesso em: 24 ago. 2019.

GESSINGER, Humberto. **Minuano**. Intérprete: Humberto Gessinger. São Paulo: BMG Brasil, 1997. 1 CD.

GIRARDI, Leopoldo Justino; QUADROS, Odone José de. **Filosofia**. Porto Alegre: Livraria Editora Acadêmica Ltda., 1985.

GOMES, Bianca; ORTEGA, Pepita. Para médicos, crime pode até estimular ataques. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, v. 140, n. 45.803, p. 14, 14 mar. 2019.

GUIDI, Ana Maria. Polícia faz perícia em carro que teria sido usado por atiradores em escola. **R7**, [S.I.], 13 mar. 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/policia-faz-pericia-em-carro-que-teria-sido-usado-por-atiradores-em-escola-13032019>. Acesso em: 30 ago. 2019.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2015.

LOPES, Eliana da Cunha. O mito como símbolo da fundação de Roma, segundo o III livro dos fastos de Ovídio. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA, 16., 2012, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CNLF, 2012. p. 972-991.

MASSACRE em Christchurch, na Nova Zelândia: entenda o que se sabe até agora. Poder 360, [S.I.], 18 mar. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/massacre-em-christchurch-na-nova-zelandia-entenda-o-que-se-sabe-ate-agora/>. Acesso em: 21 set. 2019.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. São Paulo: Forense Universitária, 2005.

NEDERAUER et al. Ex-alunos invadem escola a tiros; após 15 minutos de terror, ataque deixa 10 mortos. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, v. 140, n. 45.803, p. 11, 14 mar. 2019.

NEOZELANDESES entregam armas após massacre em Christchurch. DW, [S.I.], 13 jul. 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/neozelandeses-entregam-armas-ap%C3%B3s-massacre-em-christchurch/a-49579290-0>. Acesso em: 21 set. 2019.

NÚMERO de vítimas de atentados supera total de mortes por armas de fogo em cinco anos na Nova Zelândia. O Globo, Rio de Janeiro, 15 mar. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/numero-de-vitimas-de-atentados-supera-total-de-mortes-por-armas-de-fogo-em-cinco-anos-na-nova-zelandia-23524399>. Acesso em: 16 nov. 2019.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, v. 140, n. 45.803, 14 mar. 2019.

ORLANDO, Giovanna. Autor de massacre de Christchurch se declara inocente de acusações. **R7**, [S.I.], 13 jun. 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/autor-de-massacre-de-christchurch-se-declara-inocente-de-acusacoes-13062019>. Acesso em: 21 set. 2019.

OLIVEIRA, Maurício. 11 perguntas sobre o 11 de setembro. **Guia do Estudante**, [S.I.], 9 set. 2011. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/11-perguntas-sobre-o-11-de-setembro/>. Acesso em: 24 ago.2019.

ROCHA, João Cezar de Castro. René Girard e o desejo mimético: as raízes da violência humana. IHU, São Leopoldo, n. 382, 2011. Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4238&secao=382&limitstart=1](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4238&secao=382&limitstart=1). Acesso em: 8 ago. 2019.

ROSA, Ana Paula da. Atentado em looping: uma palavra que aciona uma imagem. **Famecos**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p.135-154, dez. 2015.

SÁ, Nelson de. Facebook eleva punições em resposta a massacre de Christchurch. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 maio 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/05/facebook-eleva-punicoes-em-resposta-a-massacre-de-christchurch.shtml>. Acesso em: 21 set. 2019.

SAINT PIERRE, Héctor Luis. 11 de setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de Estado. **Sociologia Política**, v. 23, n. 53, Curitiba, mar. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782015000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782015000100009). Acesso em: 21 set. 2019.

SAUL, Vicente; BASTOS, Ana Flávia. O Estado de S. Paulo. *In*: LEAL, Carlos Eduardo et al. **O Estado de S. Paulo**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/estado-de-sao-paulo-o>. Acesso em: 21 set. 2019.

SCHMIDTKE, Armin; HÄFNER, Heinz. The Werther effect after television films: New evidence for an old hypothesis. **Psychological Medicine**, Cambridge, v. 3, n. 18, p. 665-676, set. 1988.

SEQUESTRADOR no Rio usa máscara igual ao atirador de Suzano. R7, [S.I.], 20 ago. 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/sequestrador-no-rio-usa-mascara-igual-ao-atirador-de-suzano-20082019>. Acesso em: 19 set. 2019.

SOUSA, Jorge Pedro. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: Um guia para estudantes de graduação**. Florianópolis: Letras Contemporâneas - Oficina Ltda., 2004. 222 p.

SOUZA, Miguel. O que é Terrorismo Doméstico? Significado e Definições. **Escola Educação**, [S.I.], [2019?] Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/o-que-significa-terrorismo-domestico/>. Acesso em: 9 out. 2019.

TAMAMOTO, Vinicius. Massacre de Suzano tem semelhanças com atentado de Columbine. **Claudia**, [S.I.], 14 mar. 2019. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/massacre-de-suzano-tem-semelhancas-com-atentado-de-columbine/>. Acesso em: 29 ago. 2019.

THE PRESS. Christchurch. 16 mar. 2019.

TOSI, Lamia Jorge Saadi. A banalização da violência e o pensamento de Hannah Arendt: um debate ou um combate? **Levs**, [S.I.], v. 19, n. 19, p.131-159, 19 jun. 2017. Faculdade de Filosofia e Ciências.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: *Insular*, 2008.

TURTELLI, Mila; HAUBERT, Mariana; ONOFRE, Renato; CURY, Teo. Bancada da bala usa tragédia para defender armas. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, v. 140, n. 45.803, p. 14, 14 mar. 2019.

"UM DOS DIAS mais sangrentos da história", diz premiê neozelandesa após ataques a mesquitas. G1, Rio de Janeiro, 15 mar. 2019. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/03/15/um-dos-dias-mais-sangrentos-da-historia-diz-premie-neozelandesa-apos-ataques-a-mesquitas.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2019.

VASSALLO, Luiz; AFFONSO, Julia; KRUSE, Tulio. Entre experts, episódio reacende polêmica sobre posse. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, v. 140, n. 45.803, p. 14, 14 mar. 2019.

VON GOETHE, Johann Wolfgang. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAINBERG, Jacques. Comunicação internacional e intercultural: a luta pelo imaginário social, o temor à segregação e o caso do terrorismo. **Civitas**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 275-295, dez. 2005.

WAINBERG, Jacques Alkalai. **Mídia e terror**: comunicação e violência política. São Paulo: Paulos, 2005.

WEBER, Carolina da Rosa. **A mídia como oxigênio para o terrorismo**: a cobertura do Jornal Nacional sobre os atentados do Estado islâmico a Paris. 2016. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

WEIMANN, Gabriel. **Communicating Unreality**. Nova York: Sage Publications, 1999.



# ANEXO B — “Metrópole” de O Estado de S. Paulo de 14 de março de 2019

02/11/2019

O Estado de S. Paulo

O ESTADO DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 14 DE MARÇO DE 2019 | A19

# Metrópole

## MASSACRE EM SUZANO

Antes de ir ao colégio, na Grande São Paulo, os jovens, de 17 e 25 anos, balearam o tio de um deles em uma loja de veículos — o homem morreu no hospital. Depois de atacar os estudantes e funcionários, um dos atiradores disparou contra o cúmplice e se matou

# Ex-alunos invadem escola a tiros; após 15 minutos de terror, ataque deixa 10 mortos



Angústia. Atentado em Suzano comoveu todo o País; ex-alunos usaram um revólver calibre 38, uma besta, um arco e flecha e ainda uma machadinha para cometer os assassinatos

Em um sábado quando G.T.M., de 17 anos, entrou com um revólver calibre 38 na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano (SP), onde havia estado até o ano passado, e atirou contra um grupo de alunos e funcionários na recepção. Três pessoas caíram no chão e ele seguiu para o interior da escola. Trinta segundos depois, seu amigo Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, também ex-aluno, entrou munido com uma besta, um arco e flecha e uma machadinha. Golpeou pessoas já caídas e atacou com estudantes que fugiram correndo. O massacre resultou em duas funcionárias e cinco alunos mortos. Antes, a dupla havia matado um parente, em uma loja próxima. Os dois atiradores também morreram e havia 11 feridos, ontem à noite.

### DEPOIMENTO

**Maria Paula Guimarães de Lima, estudante de 16 anos**

### 'Pensei que era brincadeira de brincadeira'

"Estava saindo do banheiro quando ouvi um barulho de explosão, mas achei que fossem os merlines brincando de atirar bombinha. Eles sempre fazem isso. Mas ouvi outras dez, 15 explosões, e então percebi que eram tiros. Ouvii os professores gritando. Voltei para o banheiro para me prote-

ger. Havia umas dez pessoas comigo. Ficamos pegando, pedindo para viver. Acho que fiquei entre 30 a 40 minutos dentro do banheiro. Ninguém sabia o que estava acontecendo. Peguei meu celular e liguei para a polícia. Só sei de lá quando senti que não havia mais perigo. Na escola, viram e mece há umas brigas entre alunos, mas nada sério, nada que tenha chegado a direção. Eu estudo aqui há dois anos e nunca imaginei que alguma coisa como essa pudesse acontecer. Eu gosto da minha escola, dos meus amigos, nunca pensei que alguém pudesse querer nos matar."

çãoamento e uma lava rápido, e disparou três vezes. Ele acertou o celular que Moraes segurava na mão — o evento na tentativa de se proteger — e clivou a ar costela da vítima. Depois, saiu e embarcou no carro que o esperava. Moraes morreu algumas horas depois no hospital.

O gerente Rodrigo Carli, de 34 anos, trabalhou com Moraes nos últimos 15 anos e disse que não sabia quem fosse o autor do crime. Moraes não foi mal na escola, mas ele não gostou. No momento do ataque, nada foi falado nem houve chances de defesa. A polícia foi acionada para procurar um Ônibus branco, achado um tempo depois na frente da escola, já com o chamado do tiroteio em curso. O carro estava alagado em nome de Lafayette e o dia 11.

**Arma no cinema.** O fato de os deuses serem cineasta de ter ficado na entrada pelo portão da frente, que estava aberto. Imagem de uma câmera de segurança

### Segurança nos colégios será revista

A Secretaria da Educação do Estado informou nesta quinta-feira que os procedimentos de segurança nas 5,8 mil escolas do Estado serão revistos. Está em estudo um projeto para reforçar a segurança nas unidades mais vulneráveis. As aulas em todas as escolas públicas estaduais e municipais de Suzano estão suspensas até amanhã. Na segunda, a escola será reaberta apenas para professores e funcionários. Serão oferecidas atividades de acolhimento, preparação e apoio psicológico. O colégio onde houve o massacre será reformado.

envio de dois disparos e ter achado o corpo dentro do colégio. "Bateu" antes do massacre, G.T.M. publicou no Facebook 30 fotos com máscara de caveira — semelhante à usada na escola — e arma. Nas imagens, ele faz gestos obscenos e mostra o revólver. Em outra imagem, faz um sinal de arma com os dedos apontando para a cabeça.

O comandante da PM, coronel Marcelo Sales, lembrou ser o quinto caso recente do tipo no País. Três foram em São Paulo: o ataque ao cinema do Shopping Morumbi, o ataque na Central de Campinas e o caso "Obsecum", em que um jovem causou dano ao maior número de pessoas de forma aleatória para aumentar a repercussão.

**NA WEB** Portal. Vídeos mostram detalhes do crime [estadosp.com.br/videosuzano](http://estadosp.com.br/videosuzano)

### Heróis. A tragédia poderia ter sido maior se não fossem os esforços de alguns funcionários da escola. Salles destacou o ataque de uma professora que estava no centro de idiomas. "Os atiradores se dirigiram ao local. Os alunos de lá se fecharam na sala com a professora."

Um dos atiradores matou a professora e a mãe de uma menina, que se trancou no refeitório com cerca de 60 alunos e colocou uma cadeira para impedir a entrada dos atiradores. "Senão, a desgraça seria maior", conta o colégio Wensiel, pai de Maria Eduarda, de 15 anos, uma das alunas salvas pela funcionária. "Minha filha ficou desapercebida do refeitório. Certo dia, ela veio para a escola, chegou e não quis vir na vida, muito menos que minha filha tivesse visto."

A aluna Kelly Milene Guerra, de 16 anos, contou que escutou vários tiros, mas não ouviu os atiradores. Foram mais de dez tiros. "Ficamos dentro da cantina até a polícia chegar, mas não sabemos quem atirou contra quem se tratava. O medo continuou. Eles abriram a porta e mandaram a gente correr o mais rápido possível. Vi uns corpos no caminho", disse.

"Ficamos ligados para a polícia, só tinha a visão da janela. Via gente correndo, ouvia tiros e gritos. Corremos para onde dava, alguns para o centro bilíngue, outros, banheiro, salpersão, todos tentaram se proteger", disse a aluna de 25 anos, Daíren Cardoso, de 16 anos. "No primeiro tiro, o ônibus. No segundo, todo mundo saiu gritando 'é tiro'", afirmou.

O governador João Doria (PSDB) foi ao local do ataque. "A cena mais triste que assisti na minha vida", disse a ANA PAULA NEZARETE, JULIANA SOARES, ISABELA PALMARES, MARCELO ODDY, MARCO ANTONIO CARVALHO, PAULA FELIX CRISTINA MENEZES

Rio Um ano após crime, legado de Marielle se multiplica. Pág. A23

### OUTROS EPISÓDIOS

● **Medianeira - 2 baleados.** Em setembro de 2018, um estudante de 15 anos atira em dois colegas da Escola Estadual João Manoel Mourão, em Medianeira, no oeste do Paraná.

● **Janaína - 9 mortos.** Em outubro de 2017, oito crianças e uma professora morreram após um segurança atear fogo em uma creche em Janaína, no norte de Minas. O agressor também acaba morrendo.

● **Goiânia - 2 mortos.** Em outubro de 2017, um filho de 14 anos mata a filha de dois alunos e a mãe no Colégio Goyazes, na capital de Goiás.

● **Julio Pessoa - 1 morto.** Em abril de 2012, um aluno invade e mata uma jovem de 15 anos no Colégio Enias Carvalho, em Santa Rita, na região metropolitana da capital de Paraíba.

● **Realengo - 12 mortos.** Em abril de 2011, Wellington Moraes de Oliveira, de 23 anos, invade a Escola Tasso da Silveira, na zona norte do Rio, mata 12 alunos e deixa 12 feridos.

● **São Caetano - 1 morto.** Em setembro de 2011, com a ajuda do pai, GCM, um aluno de dez anos do Colégio Alcino D. Feijó, no ABC paulista, atira na professora, que fica ferida e se mata.

● **Taijós - 1 morto.** Em janeiro de 2008, Edmar A. Freitas, de 18 anos, invade a Escola Benedito Ortiz, em Taijós (SP), mata um aluno e se suicida.

● **Salvador - 2 mortos.** Na Bahia, em outubro de 2002, um aluno de 17 anos mata a tiros duas jovens no Colégio Sigma.





# ANEXO D — “Metrópole” de O Estado de S. Paulo de 14 de março de 2019

02/11/2019

O Estado de S. Paulo

O ESTADO DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 14 DE MARÇO DE 2019 | Metrópole | A21

## MASSACRE EM SUZANO

# Atirador enganou pai horas antes do ataque

‘Nunca imaginamos que fariam isso’, dizem vizinhos; adolescente havia largado estudos

Isabela Pulheres

Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, levantou cedo de madrugada e caminhou com o pai até a estação de trem, onde costumava chegar às 5h30. Os dois trabalhavam juntos em serviços gerais, retirados de entulho e capangagem. Na estação, Luiz disse ao pai que não estava se sentindo bem, tinha dor de garganta e febre e voltaria para casa. Não voltou. Foi encontrado com o pai e G.T.M., de 17 anos, com quem começou a matar.

o amigo juntos. Todos os dias, por volta das 17 horas, chegavam em frente a uma das casas e passavam horas conversando. “Se sentavam ali na frente, conversavam e davam risada. Nunca poderíamos imaginar que eles fariam isso”, diz Gida Abideli, de 63 anos, que conhece os pais de Luiz há mais de 30 anos. Filho mais novo (tinha duas irmãs, de 40 e 44 anos), Luiz era muito protegido pelos pais. “Faziam de tudo por ele.” Os amigos costumavam ir três a quatro vezes por semana a uma lan house a cinco quadras de suas casas. Ali jogavam jogos como Call of Duty, Counter Strike e Mortal Kombat. “Se estivessem dizendo boato sobre o filho”, conta a funcionária Nádia Cordeiro, de 23 anos.

Reservada. Já a família de G.T.M. é conhecida entre os vizinhos por ser mais reservada.



Câmera interna. Ação de atirador na entrada do colégio acabou filmada

Não se sabe nem ao menos se é o maior nome do crime. Não possui uma casa, tem muitos irmãos e parentes espalhados no mundo, dizem que ele vivia com duas irmãs, de 7 e 9 anos, e o avô. A avó morreu há alguns meses. “Nunca vimos nada e nem a casa onde ele vive”, diz o pai. Não se sabe quem era o pai, mas sempre esteve presente, disse o juiz federal Michel Apereido, de 28 anos. Nas redes sociais, G.T.M. costumava publicar comentários sobre jogos de tiro. Fora da escola desde 2018, G.T.M. havia abandonado os estudos. Nos últimos cinco meses, fez 160 em lanchonetes e trailers no centro. “Sempre na dele, não falava com ninguém, por ser gileto demais, mas não era capaz de machucar ninguém. Nunca nem o vi levantar a voz”, contou o autônomo Diego Ribeiro, de 20 anos.

• **Caderno Segundo o site G1, a polícia encontrou dois cadernos no carro dos assassinos. Um deles trazia desenhos de armas e falava de combate.**

“Ele voltou à escola alegando que iria à secretaria para retirar os estudos”, afirmou ontem o secretário estadual de Educação, Rosângela Soares. O item, no Instituto Médico-Legal, a mãe de G.T.M. disse a um conhecido não se conformar com o que o filho havia feito, principalmente matar o tio, Jorge Antônio de Moraes, de 51 anos, irmão da mãe.

Segundo fontes da Prefeitura de Suzano, não há ainda indícios de uma ação terrorista maior — os dois atiradores teriam agido sozinho e de forma pontual, mas nenhuma hipótese está descartada. **FABIANA CAMBRICELLI**

## De acesso fácil e eficiente para matar

Armas usadas pelos agentes da tragédia em Suzano são simples, fáceis de comprar e de usar, eficientes na tarefa de ferir e matar. O revólver calibre 38 é de preço alto. Nas lojas vale acima de R\$ 1 mil. No mercado paralelo a cotação é variável — começa em R\$ 300 para a diária do aluguel. Mais impressionante é que tenham recorrido ao ‘jet loader’, o muniçoeiro rápido encontrado com Luiz Henrique e G.T.M. Funciona assim: os projéteis são inseridos em um tubo compacto que, depois, é aplicado manualmente sobre o alvo onde são colocadas as ‘balas’ do revólver — acionada por uma mola, a transfeência, após os disparos de toda carga, é feita em segundos. No arsenal da dupla de assassinos havia também um arco comum, flechas e uma besta, a versão moderna de uma arma muito antiga — os primeiros modelos surgiram na China e na Europa medieval há 2,5 mil anos. Violenta, precisa e mortal, a besta, o outro nome da mesma arma, é o ramo mais distante na árvore genealógica dos fuzis. No Brasil, a infantaria de Selva e possivelmente times de paraquedistas e de mergulhadores de combate adotam o equipamento para missões determinadas. A besta disparava sem qualquer ruído. Embora haja variantes de grande porte, o arranjo mais comum é menor, desmontável, com empunhadura semelhante à de pistola. O alcance passa de 20 metros com pouco mais de 23 kg de força. Ao menos duas variações militares podem produzir o impacto de um tiro de 9mm. A princípio, a besta pode ser comprada sem restrições e o custo vai de R\$ 200 a até cerca de R\$ 8 mil.

## Previsão do Tempo

Muitas nuvens, aberturas de sol e pancadas de chuva. Há risco de temporais com ventania.

HOJE MANHÃ	TARDE	NOITE	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA
22°	30°	22°	20°	19°	18°	19°	20°
27°	27°	27°	27°	26°	27°	30°	29°



PRÓXIMAS DIAS: Amanhã chove moderadamente a forte e a qualquer hora. O calor diminui. Na sábado a chuva é menos volumosa.

TABULADA MARE:	PORTUGAL
04/3	05/3
06/3	07/3
08/3	09/3
10/3	11/3
12/3	13/3
14/3	15/3
16/3	17/3
18/3	19/3
20/3	21/3
22/3	23/3
24/3	25/3
26/3	27/3
28/3	29/3
30/3	31/3

## Falecimentos

**Margarida Ferreira da Arruda** - Aos 95 anos, era viúva. Deixou o esposo. O enterro foi realizado no Cemitério do Conselheiro Mirogostino Prímevero.  
**Edith Mansur Sabbag** - Aos 91 anos. Filha de João Mansur Francisco e Cecília Mansur Sabbag. Era viúva de Serril Sabbag. Deixa os fi-

lhos Sônia, Suelly, Skumely, Silvana e Carmen. O enterro foi realizado no Cemitério da Paz.  
**Noel Neyman** - Aos 80 anos. Filho de Friedrich Kahlan e Helena Kahlan. Deixa os filhos Roberto e Marcelo. O enterro foi realizado no Cemitério Ipiranga do Butantã.  
**Leyde Maria Zamunaro Anacleto** - Aos 88 anos. Filha de Carlos Zamunaro e Maria Conceição Pompeu Zamunaro. Era viúva de

## Loterias

MEGA-SENA Nº 2.110	19-20-26-31-32-37	50
QUINA 50	100.000.000	100.000.000

## São Paulo Reclama

**TELEFONIA**  
Letícia reclama de demora para estabelecer o serviço. Reclamação de Denise Pereira. “Por mais de 30 minutos a empresa não me atendia e não me dava retorno. Desde o primeiro momento, não estavam em condições de me atender. Vou para saber quando será res-

## Ha um século

**O MERCADO DO CAFÉ**  
Durante a guerra numerosas máquinas consumidoras de café ficaram impedidas de trabalhar. O café lhes faltava ou lhes chegava por preços excessivos. No entanto, existe alguma indústria europeia a falta de café e há um desejo de obter o próprio café arrastado. Resta, porém, saber

## Correções

ESTE ESPANHO DE DEIXA A PUBLICIDADE...  
CORREÇÕES ESTABELECIDAS...  
CORREÇÕES ESTABELECIDAS...

**Blandina Steinberg**  
Os Familiares da Saudade  
considera para a Cerimônia de NATALIZIA...  
R. São Carlos de Pinhal, 378  
www.funeralhome.com.br

**Prof. Dr. Saul Goldenberg (21)**  
DOUTORADO - 1978, na USP, em Ciências da Matemática, (D. 1984, USP).

**LUCIEN SEGAL (21)**  
DOUTORADO - 1978, na USP, em Ciências da Matemática, (D. 1984, USP).

**Pressecenter**  
Distribuição de jornais e revistas.

# ANEXO E — “Metrópole” de O Estado de S. Paulo de 14 de março de 2019

02/11/2019

O Estado de S. Paulo

A22 | **Metrópole** | QUARTA-FEIRA, 14 DE MARÇO DE 2019

O ESTADO DE S. PAULO

## MASSACRE EM SUZANO

### Velas e rezas pelas vítimas

Moradores e amigos das vítimas participaram de missa na igreja de São João Batista em Suzano. Estiveram todos fantasiados de soldados e com velas acesas em homenagem às vítimas.



### Nos EUA, ataques frequentes e muitas ações contra armas

Nos Estados Unidos, ataques em escolas são mais frequentes e já motivaram uma série de mobilizações contra o acesso a armas. O Congresso de Columbia, que completará 20 anos em abril, é o mais lembrado. Depois disso, ataques ocorreram em uma escola de Parkland, na Flórida, em fevereiro do ano passado. Depois do ataque, que deixou 17 mortos, o presidente Donald Trump chegou a sugerir armar e treinar professores e funcionários para se esconder. A declaração de Trump teve repercussão negativa entre profissionais da Educação, que fizeram campanhas. Uma delas pediu que os professores fossem “armados” com mais livros e recursos.

# Bancada da bala usa tragédia para defender armas

Rodrigo Maia reagiu ao Major Olimpio, que alegou que ‘um cidadão com uma arma regular na escola poderia ter minimizado a tragédia’

BRASÍLIA

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-PE), reagiu a tentativa de parlamentares da Frente de Segurança Pública de defender flexibilização do porte de armas como alternativa para evitar tragédias como a

de Suzano. Um pouco antes do massacre, o presidente Jair Bolsonaro disse a jornalistas que dormia com uma arma no lado da cama no Palácio do Alvorada.

“O que eu espero é que alguns não defendam que, se os professores estivessem armados, teriam resolvido o problema. Pelo amor de Deus. Espero que os senhores tenham pouquinho de sensibilidade e não defendam que o monopólio da segurança pública é do Estado. Não é responsabilidade dos cidadãos. Se o Estado não está dando segurança e responsabilidade do gestor público da área de

segurança”, disse Maia, que pediu a suspensão da sessão de ontem à tarde em homenagem às vítimas.

Sem citar nomes, Maia afirmou que a ideia aventada por alguns defensores da ideia do porte de armas, levada a uma “barbárie”. “Já não basta o celular sobre posse. Um pedido como esse não é sobre posse, é sobre porte em área urbana. Já passamos para uma proposta de porte no Brasil que não deve avançar”, afirmou.

As falas de Maia responderam ao senador Major Olimpio (PSL-SP) e ao deputado Capitão Augusto (PR-SP), que defenderam a liberação da posse como uma saída para evitar o minúsculo o ataque. Durante reunião do Conselho de Constituição de Justiça (CCJ) do Senado, Olimpio disse que “se tivesse um cidadão com uma arma regular dentro da escola, professor, servente, policial, agente de limpeza, qualquer um, teria minimizado o tamanho da tragédia” e atacou o Estatuto do De-

stamento e os críticos do decreto assinado por Bolsonaro que flexibilizou a posse de arma. Para o parlamentar, apesar do decreto presidencial, legislação continua muito restritiva e peca por omissão. “Vamos, sem hipocrisia, colocar os nossos votos e discutir legislação onde nós estamos sendo omissos”, indagou o parlamentar.

Filho do presidente, o deputado Edmarcio Bolsonaro (PSL-SP) destacou que armas não servem apenas para matar, mas também para defender. “Agentes sempre vai na angústia quando a arma é um pedaço de metal. Fazê-lo mal quanto um carro. Ou seja, para fazer mal, precisa de uma ‘peça por trás’”.

De acordo com o Capitão Augusto, líder da Frente Parlamentar da Segurança Pública, conhecida como bancada da bala, a tragédia não altera a intenção do grupo de colocar na pauta um discussão sobre o direito ao porte de arma. O parlamentar disse ao Estado que no próximo dia 20 a frente será oficiali-

zada “com mais de 300 nomes”, que defenderá as mudanças incluídas na atual legislação. “Os desarmamentistas vão tentar usar esse fato para criticar a proposta. Não vamos ceder. O direito a posse ao porte é o que a população quer”.

**Governo.** O presidente, pelo Twitter, prestou solidariedade às vítimas da tragédia. “Presto minhas condolências aos familiares das vítimas do atentado ocorrido hoje na Escola Professor Raul Brasil, em Suzano. Uma monstruosidade e covardia sem tamanho. Que Deus conforte o coração de todos”, disse o líder.

Um mês depois do ataque, o senador Márcio Mourão afirmou que os casos como o de Suzano estão acontecendo em maior frequência no País. “É muito triste. A gente tem de chegar a conclusão de que estamos presenciando isso. Essas coisas não acontecem no Brasil, acontecem em outros países”, disse. **MILA TURTELLI, MARIANA HAUBERT, BENATO ONFRE e TEO CURY**

# Entre experts, episódio reacende polêmica sobre posse

Advogados divergem: uns consideram que o massacre foi ‘um fato isolado’, para outros, se tratou de um alerta

Luiz Vassallo  
Julia Affonso  
Tullio Kruse

O caso divide opiniões sobre como esse capítulo de sangue pode influenciar na política de flexibilização do porte e posse de armas. Para alguns advogados, professores de Direito e especialistas em gestão pública e segurança, o lição que fica é que “é um passo perigoso”. Para outros, chacinás como a de Suzano são “fatos isolados” sem qualquer relação causal

com o fato de a legislação brasileira ser mais ou menos permissiva. “A tragédia dialoga diretamente com o posicionamento dos órgãos e instituições e dos especialistas em segurança pública: quanto menos armas circularem na sociedade mais segura ela será”, afirma Monica Saipacia Machado, advogada, cientista política e coordenadora de pós-graduação em Administração Pública da Escola de Direito do Brasil (EDB). Para ela, a luz do Direito e da política de segurança, a reatuação de discussões armadas deve ser a regra, não a exceção.

A posição do criminalista e constitucionalista Mito Medonni é diametralmente oposta. Para ele, a “tragédia repugnante ocorrida em Suzano não se enquadra como evento típico resultante da sociedade brasileira, mas sim de um ‘fato isolado’ que não deveria influenciar nem na questão da posse de arma nem no porte de segurança pública de cidadãos”. Para o criminalista Paulo Martinselli, da EDB, o grande problema de facilitar a posse é a dificuldade de fiscalizar o comportamento de quem possui a arma, parâmetros que ela seja levada para além dos limites da residência. “O novo decreto facilita a posse, não o porte”, observa Martinselli. “Mas o Estado não possui estrutura para assegurar que o possuidor não saia de casa com a arma. Em outros termos, o limite entre a posse e o porte depende de efetiva fiscalização do Estado.”

O diretor do Instituto Sou da Paz, o deputado Rômulo Gama, chefe de Segurança Pública, Ivan Marques, concorda que o maior problema em relação ao novo decreto do presidente Bolsonaro é que ele não resolve a ineficácia do Estado no rastreamento de armas de alto calibre para o mercado ilegal. “São as armas legais que acabam abastecendo o crime”, afirma. Isso se tem um lado, rigidamente controlado da posse de armas e, por outro, um sistema de segurança e justiça eficaz que possa coibir a ocorrência de violência na Universidade de São Paulo (USP), Sérgio Adorno. Mas ele destaca que o número reduzido de atentados em escolas não é o maior problema.

**• Sem inibição**  
“Hipóteses para explicar o crime” vão surgir, mas este tipo de fato – esporádico, mas trágico – alerta para todo tipo de controle, mas não pode justificar mudança de atitude para reverter ou impedir a mudança da norma do desarmamento.”  
**João Paulo Martinselli**  
CRIMINALISTA

**Segurança de escolas.** “De tudo que eu conheço dos estudos desta área (segurança pública), os melhores resultados ocorrem em ‘sociedades’ onde há, por um lado, rígido controle da posse de armas e, por outro, um sistema de segurança e justiça eficaz”, observa o coordenador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP), Sérgio Adorno. Mas ele destaca que o número reduzido de atentados em escolas não é o maior problema.

# Para médicos, crime pode até estimular ataques

Bianca Gomes  
Pepita Ortega

A repercussão do ataque a tiros na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano, no Grande São Paulo, pode contribuir para a ocorrência de crimes semelhantes, alertam especialistas. “A divulgação pode potencializar algumas pessoas mais vulneráveis, suggestionáveis a quem reproduzir essa ação”, afirma Antônio Serafim, diretor da área de neuropsiquiatria do Hospital das Clínicas (HC). A opinião é compartilhada pelo

psiquiatra Daniel Martins de Barros, do Instituto de Psiquiatria também do HC, e colega do Estado. “Eventualmente, pessoas que passam por situações semelhantes podem considerar a mesma hipótese.” Para evitar o aumento de ataques, o psiquiatra diz que é importante, por exemplo, não compartilhar fotos das vítimas mortas. “Divulgar essas informações pode perpetuar o mesmo comportamento”, afirma. Outros, após o ataque, vêem fotos das vítimas da tragédia repercutir em suas redes sociais.

O neuropsiquiatra Dartli Xavier, professor da Faculdade Paulista de Medicina, alerta que o caso deve ser tratado com distanciamento e respeito, sem banalização. A exposição às informações, diz, afeta as pessoas de maneira diferente, e por isso, é preciso cuidado. “Às vezes, um padrão de comportamento acaba sendo limitado. Isso vale para agressão e também para suicídio. Acaba sendo desmistificado”, comenta o professor.

**Sem glamour.** Segundo Xavier, o episódio não deve ser omisso, mas é preciso atenção para não glamourizá-lo. “Agentes copiam muito esse modelo americano de glamorização da violência, e isso deveria ser combatido”, diz o psiquiatra.

## ANÁLISE: Daniel Martins de Barros

### Não há explicação

Pode ser redundante, mas não há palavras para explicar o inexplicável. Crimes como o de Suzano angustiam pelas mortes de jovens, mas também pelo desejo nunca alcançado de se entender. Pesquisadores tentam criar tipologias, dividindo os tiroteios nas escolas em crimes de fúria, vingança, terroristas, assassinato em massa, mas não conseguem isolar os fatores para a ocorrência. Violação do mistério, bullying, esgarçamento de vínculos sociais, inserção em culturas de violência e clima de intolerância são fatores associados, mas não são capazes de explicar. O único fator necessário – embora também não suficiente – é o acesso a armas de fogo.

Há dois grandes problemas. Primeiro, é um crime muito particular, já que o assassino é também suicida. Evidente que o jovem que está feliz, ativo, inserido em sua comunidade, não opta por isso. Segundo, é o risco de acreditarmos que esse é o perigo para nossos jovens. Não é. Ataques em escolas fizeram menos de 30 vítimas nos últimos anos no País. Segundo o Ipes, só em 2016 foram assassinados mil vezes mais jovens de 13 a 29 anos. Fora das escolas. O foco de nossos esforços deveria estar nas estratégias de prevenção de suicídio. Todos querem uma explicação. Mas, como não conseguimos, resta saber o que mais queremos de fato.

Foto: Reprodução/Agência Brasil

ANEXO F — Capa de *The Press* de 16 de março de 2019

12/08/2019

The Press

Saturday, March 16, 2019 \$3.80

**THE Weekend PRESS**

**CHRISTCHURCH TERROR ATTACKS**

# End of innocence

- **Forty-nine people confirmed dead and dozens wounded**
- **Man to face murder charges in court today**
- **Two bombs found attached to vehicle**
- **PM labels terrorist attack 'one of New Zealand's darkest days'**

**Read more:**

- What you need to know **A3**
- Families desperate for news **A5**
- Tragic day in pictures **A2, C1, C2**

9 4 17070 136422

A survivor from the Linwood Mosque shooting comes through the cordon onto Linwood Ave in Christchurch.

STACY SQUIRES/STUFF

# ANEXO G — Página de *The Press* de 16 de março de 2019

12/08/2019

The Press

The Press Saturday, March 16, 2019

## A2 News Christchurch mosque shootings



A member of the public lays flowers at a vigil on the corner of Hereford St and Linwood Ave near the Linwood Mosque after the deadly shootings in Christchurch.



The Masjid Al Noor mosque where multiple people were killed in a mass shooting.



Prime Minister Jacinda Ardern arrives in Wellington to address media on yesterday's shootings.

# Horror in our backyard

Multiple fatalities were reported after gunmen opened fire at two mosques in Christchurch yesterday. The Masjid Al Noor mosque opposite Hagley Park and the Linwood Masjid near Phillipstown were attacked about 1.40pm. Forty-nine are confirmed dead in the shootings.



Survivors and victims of the mosque shooting. Multiple people are oved after a mass shooting in Christchurch.



A victim is attended by emergency services at the scene of a mass shooting at a mosque in Christchurch.



Armed police arrive at the Masjid Al Noor mosque in Christchurch.



Armed police on Langford Rd, Pigeon, following the shootings in Christchurch yesterday.

12/08/2019

The Press

Updated on day of stuff

'He never showed extremist tendencies'

John Weekes

Trinity Grace, the owner of the River Gym in Christchurch, says she never showed any extremist tendencies in her personal life...

about helping people. It's an inclusive industry, not an exclusive industry... We take all shapes and sizes, all different people...



Armed police escort survivors of yesterday's shootings to Christchurch Hospital, where an ambulance arrived.

Help for travellers to Canty

People who need to change their flights to and from Christchurch in the wake of yesterday's shooting are being offered financial help...

'Darkest day' in summary

Gunmen opened fire on two Christchurch mosques. Three people were in custody...

Terror attack leaves 49 dead

Shootings

Terror and jihadist-style Christchurch yesterday, as gunmen opened fire in two mosques killing people and injuring others...



People outside Deans Avenue mosque, on the edge of Hagley Park, after a gunman opened fire and shot worshippers yesterday.

It is understood seven were killed at the Linwood mosque, including three outside the building... Prime Minister Jacinda Ardern described it as one of New Zealand's 'darkest days'...

Deans Ave in Christchurch was closed following the attacks, as was Linwood Ave between Alvington Rd and Worcester St...

'Around 200 family members are on site awaiting news of their family members' Canterbury District Health Board chief executive David Meates

'These people were praying towards me and I got hit on the eye... The Bangladesh cricket team were in the mosque where shots were fired... I saw two females and four or five males dead and the rest were severely casualties...'

Young boy critical after shooting

A 4-year-old boy is fighting for his life after a mass shooting at central Christchurch mosque... He is in a small bathroom with his hands behind his head...

Gunman's chilling taunt to victims

An Arise! Alshikh took cover at Christchurch's Masjid Al Noor mosque, he rang emergency services pleading for help... He said he heard the gunman say 'F---ing Muslims, we're going to kill you today'...



Safe place no more

Hourly live footage of the Christchurch mosque shootings, apparently taken by a gunman, was still circulating on Facebook... Tom Pullar-Strecker and John Anthony

Struggle to shut down live video recording

Facebook has activated its 'mark yourself safe' crisis response for those affected by the Christchurch shootings... People in New Zealand can report themselves safe by visiting this page and clicking 'Yes'...

12/08/2019

The Press

The Press Saturday, March 16, 2019

A4 News Christchurch mosque shootings

THEY SAY

"I'm horrified by the reports I'm following of the serious shooting in Christchurch, New Zealand ... our thoughts and prayers are with our Kiwi cousins."

Australian Prime Minister Scott Morrison

"On behalf of the UK, my deepest condolences to the people of New Zealand after the horrifying terrorist attack ... My thoughts are with all of those affected by this sickening act of violence."

British Prime Minister Theresa May

"Very shocked to hear of shooting & many deaths & injuries at Christchurch NZ mosque ... This is a heinous hate crime. RIP."

Former prime minister Helen Clark

"Don't give the POS NZ shooter what he wants. Don't speak his name don't show the footage. Seems that most agree on that. The questions is can the media do what's right and pass up the ratings they'll get by doing the opposite? I fear we all know the answer unfortunately."

United States President Donald Trump on Twitter

"Kia kaha Christchurch, and the Muslim community of New Zealand, I'm so sickened by this news, and my heart is breaking for the people hearing they have lost loved ones in a place that is supposed to be sacred, and safe. Aroha mi."

Kiwi across Melanie Lysakov

"My God ... what the hell has happened in New Zealand????!! Just horrendous ... a disgusting, cowardly act of terrorism by the lowest forms of human life - those who think their skin colour gives them a greater right to exist than anyone else. You despicable, white supremacist vermin."

Piers Morgan on Twitter

"Our hearts are broken over today's terrible tragedy in New Zealand. Please know we are working vigilantly to remove any violent footage."

YouTube on Twitter

No immunity from terror, violence and hate

Opinion Tracy Watkins



A man comforts a distraught woman near the Masjid Al Noor on Deane Ave in Christchurch yesterday afternoon.

'Our brothers were shot'

Adele Redmond and Maddison Norcott

Sally Hussain was deep in prayer when the leader of his Christchurch mosque held proceedings: "Our brothers have been shot."

The gunman walked through the rooms. As he walked in the main that several elderly people sitting on chairs because they were unable to kneel for the afternoon prayer, he said.

"It sounded like really heavy construction hammers ... no-one thinks it's a gun."

Jarrod Ford-Mason, shop owner

Witnesses filling through the corridor yesterday afternoon said they were shocked and simply could not understand why someone would attack them as they peacefully prayed.

"They have told us to stay here because it's not safe. We can't leave and we're told to stay in a room and stay away from the windows."

Human love and sympathy the 'first step'

The Rev Dr Keith Rowe, a former president of the New Zealand Methodist Church, has been active for many years in the promotion of Muslim-Christian relations in Australia and New Zealand.



Dr Keith Rowe: "We need each other as we try to make sense of this inherently senseless act of premeditated violence."

At times, when there seemed to be waning interest in the work of the Auckland-based Council of Christians and Muslims, we would remark that we must remain an organisation dedicated to the promotion of honest and respectful friendship in the presence of difference.

It was the immediate need to offer "human love and sympathy, the long-term need to do away with ever boundaries of inherited prejudice and self-understanding separation."

Don't share video on terror attack, says Ardern

Henry Cooke

Prime Minister Jacinda Ardern has asked Kiwis and media companies not to share or engage with content posted by a suspect in the Christchurch terror attack.

Man faked death after being shot

Sam Sheerwood

A man lay on the ground of a mosque protesting to be dead after he was shot in the leg during the mass shooting in Christchurch.

'This is not New Zealand'

Mustafa Farouk

I was in the mosque, praying so I wasn't aware of what was going on. When I got to my cellphone, that was when I found out.



12/08/2019

The Press

Updated all day at **stuff**

Christchurch mosque shootings **News A5**

# Families desperate for news

## 'Why weren't they detected'

Sam Sherwood, Blair Enns and Adèle Redmond

Families members are spending for signs of their missing loved ones, including a year 10 pupil, following mass shootings at two Christchurch mosques.

Sema Aziz and Husein Al-Hussaini last spoke to their 16-year-old son, Hassan, on Thursday night. They fear he is among the dead at the mosque in Deans Ave.

It is a night at Friday prayer at the mosque. His parents have had calling him repeatedly since the shooting, but have been unable to reach him.

The couple visited his home and his car parked there. They went to the hospital, but no-one could help them.

The last ditch attempt to find him, they went to Deans Ave on Deans Ave to see if they could see his car.

"We love you Hassan, if he dies it's a holy Friday and he'll be safe with God."

The couple immigrated to New Zealand from the United Arab Emirates in 1987.

Husein Al-Hussaini said he could not attend the mosque and he advised his son not to go "because it's not safe".

Hussaini worked in the tourism industry and he has his job recently.

"She described him as "a kind guy... who always tried to help people".

Cashmere High School principal Mark Wilson said three of his students, two brothers in years 8 and 12, and a third boy in year 10, were at the Deans Ave mosque when the shooting happened.

The brothers, understood to be Zaid and Hameed Khattabi, are injured and in hospital. The severity of their injuries is not known.

Wilson said he had been in contact with the family of the third child, whose whereabouts are unknown at this stage.

Once Nabi said his father, Hajji-Daud Nabi, who runs the Afghan Association, was inside the Masjid Al Noor mosque on Deans Ave at the time of the shooting.

He had since tried calling him several times but could not get hold of him. He was heading to the Christchurch Hospital for more information.

"I need to know my father is OK."

"He's a very humble man that's helped a lot of people."

Nabi last spoke to his father yesterday morning before leaving



Hajji-Daud Nabi, who runs the Afghan Association, was inside the Masjid Al Noor mosque at the time of the shooting at the Deans Ave mosque in Christchurch.

Syed Jahandad Ali's wife says he's missing after the shooting at the Deans Ave mosque in Christchurch.

At the house, Nabi was due to attend the prayers yesterday but was unable to attend.

Amna Ali, currently in Pakistan, last spoke to her husband, Syed Jahandad Ali, yesterday morning while having breakfast.

One of their colleagues told her they left work at 1pm yesterday to head to the Deans Ave mosque. She had just heard from her husband since. She had spoken to friends and others but was not getting any information about his whereabouts.

Zahira Norvish was standing at the Deans Ave cordon last night making an emergency call for any information about his brother, Karim Norvish, who attended the mosque during the shooting and is missing.

He said he came to the cordon when the incident unfolded and police closed him to Christchurch Hospital, but his brother wasn't there. So at 1pm he was back at the cordon, pleading with police for help. The officers stood by with rifles in their hands and were unable to assist him.

"I know it will take time, but time means. Come on guys. We just need to know you're OK. Any information."

Red Cross has started a missing persons list.

Cantabury District Health Board chief executive David Meades said about 100 family members were at the hospital, awaiting news of their family members.

"Together with police we are providing support to these people."



Hajji-Daud Nabi, who runs the Afghan Association, was inside the Masjid Al Noor mosque at the time of the shooting in missing his family say.



Syed Jahandad Ali's wife, who says he's missing after the shooting at the Deans Ave mosque in Christchurch.

# Gregory Fortuin asks nation to come together

Kirly Lawrence

A former New Zealand race relations conciliator doesn't think the country's relationship with our Muslim community will deteriorate because of the Christchurch shooting.

Gregory Fortuin said what happened yesterday was so shocking he couldn't even imagine what he said, "it's just an act of evil and hatred."

Police were alerted to a shooting at a mosque on Deans Ave, near Hagley Park, at 1.51pm yesterday afternoon. It is believed the shooting began about 1.5pm. There were at least 200 people in the mosque. A second attack took place at another mosque in Linwood about the same time.

Four people have been arrested



Former New Zealand race relations conciliator Gregory Fortuin said what happened yesterday was so shocking he couldn't even imagine what he said, "it's just an act of evil and hatred."

"We have developed an amazing relationship with the community. Muslims in New Zealand have embodied New Zealand values and we have not had the issues like other countries because of that relationship."

Fortuin said the relationship between the Muslim community and New Zealand was strong and he believed it would not deteriorate because of the shooting.

"We have developed an amazing relationship with the community."

"Muslims in New Zealand have embodied New Zealand values and we have not had the issues like other countries because of that relationship."

Fortuin said the relationship between the Muslim community and New Zealand was strong and he believed it would not deteriorate because of the shooting.

# Armed police guard mosques throughout New Zealand

Police

Armed police are stationed outside mosques across New Zealand after fatal shootings at two mosques in Christchurch.

Police have asked mosques to close their doors and are urging people not to attend Friday prayers.

Prayers and notes of sympathy have been left outside mosques nationwide.

While most mosques had followed police advice, Auckland's Masjid-e-Tanzeem remained open as evening prayer time approached.

The arrest police presence had increased and a police van at the gate said he was there so people inside felt safe.

Members of the community have left flowers on the gate to show their support and sympathy.



White tiles and armed police outside Auckland's Papanui Mosque.



Armed police guard an Invercargill Mosque as sisters Ruth Sears and Jenny South by flowers.



Tributes to the fallen were chalked on the footpaths outside the Hamilton Jamia Masjid Mosque.

A woman perched on the footpath with a basket full of chalk, creating colorful messages and drawings outside the mosque.

"You are so precious," one message said, "You are our brothers and sisters," said another.

"I never expected this to happen in New Zealand."

Fortuin said the relationship between the Muslim community and New Zealand was strong and he believed it would not deteriorate because of the shooting.

"We have developed an amazing relationship with the community."

"Muslims in New Zealand have embodied New Zealand values and we have not had the issues like other countries because of that relationship."

Oliver Lewis

Questions are being asked of the nation's security services in the wake of a mass shooting described as "one of New Zealand's darkest days".

A gunman entered a packed mosque on Deans Ave, in Christchurch, about 1.51pm yesterday and opened fire. Another mosque at the suburb of Linwood was attacked shortly afterwards.

Forty-two people are confirmed dead in the attack, and at least another 20 were injured. Four people - three men and a woman - have been taken into custody, Police Commissioner Mike Bush said.

Prime Minister Jacinda Ardern has described the attack, which prompted the lockdown of Christchurch hospitals, schools and other buildings throughout the city, as "one of New Zealand's darkest days".

University of Waikato professor of international law Alexander Gillespie said the fact there was possible more than one shooter suggested the attack was carried out by a sophisticated terrorist cell.

"If it's a cell we need to ask why weren't they detected, because that's why we have security services and it may be that those services have been looking under the wrong rocks."

Alexander Gillespie

It is a call we need to ask why weren't they detected because that's why we have security services and it may be that those services have been looking under the wrong rocks.

A crisis meeting of national security agencies was held at Police National Headquarters in Wellington after the shooting.

In a press conference on Friday, Ardern said the attackers were not on any active watch lists. The terror threat level was lifted to high.

Fortuin said his heart went out to the Muslim community.

"They should feel safe in this great country."

"Our hearts and prayers are with them. They are not and we are there and they absolutely belong here."

The said, certainly, the Muslim community was going to be shaken and there were going to be fears, but they were supported by people and the supposed Muslims.

It is time like this, he said, people should always make sure they remained calm and not let things matter into their own hands.

Christchurch has been through so much. It's just terrible as it shouldn't happen anywhere, but I feel for the people of Christchurch.

Fortuin said the relationship between the Muslim community and New Zealand was strong and he believed it would not deteriorate because of the shooting.

"We have developed an amazing relationship with the community."

"Muslims in New Zealand have embodied New Zealand values and we have not had the issues like other countries because of that relationship."

12/08/2019

The Press

The Press Saturday, March 16, 2019

A6 News Christchurch mosque shootings

# Christchurch city in lockdown

**Shootings**  
Chris Hutching, Liz McDonald and Adele Redmond

Not since the earthquakes in 2010 and 2011 has Christchurch seen such police presence on the streets.

Police closed schools, closed their doors, buses and cars were pulled off the streets, and some airlines flights cancelled.

Helicopters with armed police circled.

The security lock down closed large parts of the city. A few lock-downers were still on the streets, seemingly oblivious to the frenzy.

Christchurch Hospital looked like a war zone with blood-soaked victims being carried by stretcher or walking into accident and emergency. Helicopters ferried some of the wounded to other centres.

By late afternoon the heart of the city in Cathedral Square was almost deserted when just two hours earlier thousands of students joined a climate change rally. Some of the students were hurried into nearby buildings by police after the shooting began on the other side of Hagley Park.

Christchurch Mayor Lyianne Dalziel was among those in lock-down at the city council headquarters and said she was "shocked beyond words" by the shootings.

"I would never have expected anything like this to happen in Christchurch. I'd never expect this to happen in New Zealand," she said.

"I am getting messages from around the country, and from around the world. I know that everyone is shocked."

Office worker Frances Adams said thousands of workers were stuck in their buildings awaiting the police to go ahead to head home.

"There are no buses so it may be difficult for people trying to get home."

Buses resumed late afternoon but many routes were delayed and disrupted as buses avoided Christchurch Hospital, Hagley Park, and sections of Riccarton Rd and Lincoln Ave.

Traffic jams closed the city once lock-downs were lifted, turning a 15-minute ride into a 75-minute journey for some commuters.

All schools, early childhood centres and tertiary institutes in Christchurch were in lock-down until about 5pm.

Armed police in cars and a helicopter descended on Papanui High School after concerns were raised about a suspicious person nearby.

An image circulated on social media of a man wearing camouflage being arrested outside the school gates. It is understood he was not involved in the shootings.

Papanui High student Max Stevenson, 16, said he and his classmates were ushered into the nearest classroom when an alarm went off at about 2.30pm.

He said about 30 students and five teachers lay on their stomachs for about 30 minutes until police arrived.

Hundreds of parents waited outside the school gates for their children to be released. Several feared the lock down



Papanui High school students meet their parents and loved ones after the school went into lock down for several hours because of the Mosque Shooting in Christchurch yesterday, and, in the background, a policeman stands guard outside Papanui High School.



Christchurch Mayor Lyianne Dalziel

*"I would never have expected anything like this to happen in Christchurch, I'd never expect this to happen in New Zealand."*

Christchurch Mayor Lyianne Dalziel

for children already suffering earthquake after-effects.

Christchurch does seem to go through a lot, parent Jason Stevenson said.

A teacher at Hagley College said she had been trapped for nearly four hours with 15 children who were becoming increasingly anxious.

Without access to a toilet, the girls formed a circle around each other so they could relieve themselves on the grass in a courtyard.

Westfield Riccarton and Northlands shopping malls closed their doors mid-afternoon, following police advice, until police gave the all clear about 5pm.

Lock-downs at Canterbury University and Ara Institute were also lifted just



A church member on a bus after coming out of the Linwood Mosque that came under attack from gunmen, killing and injuring many.

## Papanui High students safe Mosque-goers flee carnage

**Shootings**  
Michael Hayward, Charlie Gates and Adele Redmond

Children emerged from Papanui High School after the school was surrounded by armed police for about three hours.

Langlands Rd to the west of the Resol, St roundabout was cordoned off by police from about 10pm yesterday, with a helicopter seen circling above the school. The cordoned off area.

An image is circulating on social media of a man wearing camouflage being arrested outside the school gates. It is understood he was not involved in the shootings at two Christchurch mosques earlier in the afternoon.

Ministry of Education Canterbury spokeswoman Corianne Child said Papanui High was safe, and police were there in a precautionary capacity.

Earlier, a message on the school's website said students had been moved to the hall and could be collected at a time to be advised.

Students were later told they could leave school if they had a text message from a parent waiting outside about 5.30pm.

All schools, early childhood centres and tertiary institutes in Christchurch were in lockdown following the mass shootings at mosques in Riccarton and Linwood. Police lifted the lockdown at about 4.30pm.

Papanui High student Max Stevenson, 16, said he and his classmates were ushered into the nearest classroom when an alarm went off at about 2.30pm.

He said about 30 students and five teachers lay on their stomachs close to the middle of the room for about 40 minutes until police arrived.

Stevenson and other students said they were then moved to two different classrooms before the lockdown lifted.

Their knowledge of what was happening outside the school gates "we only found out, an hour after we were in lockdown what was happening," student Maddie Stewart said.



Armed police on a police van at the railway line cordon by Papanui High on Langlands Rd yesterday.

The school had rehearsed a lockdown situation so students were aware of the procedure, although it was the first time it had been implemented, they said.

Khaner Cambodian Cuisine staff member Son Kovou said she had not heard any gunfire, but police were fenced on Papanui High School for some time.

She said there were at least 20 people outside waiting to pick up their children before the curfew lifted, and one armed police officer was trying to keep everyone away.

She said the uncertainty about what was happening was scary.

She said a helicopter hovered "very low" over the centre of the school for some time. She had not heard any gunfire.

Methodist Church general secretary David Bush, who has an office on Langlands Rd near the school, said a helicopter hovered over the area about 2.30pm and again at 4.30pm. He said the road had been blocked from Chapel St to Main North Rd.

"You can see armed police on Langlands Rd. They are standing there stopping the traffic."

"We have got the doors locked but we are still here and we are still working."

Heather Tiso, an staff member at the Christmas Hut above her school on Snyders Arms Rd, said about 100 people were outside waiting to pick up their children before the curfew lifted, and one armed police officer was trying to keep everyone away.

Among those waiting desperately for news from the Masjid Al Noor Mosque, those who escaped the carnage were easy to spot.

They had fled the shooting in their socks. Mohammad Navir, originally from Afghanistan, walked in the rich driveway of Christchurch's Hagley Park, over the road from the mosque, in black socks.

Flight disruptions are expected to continue into today and passengers are advised to check their flight's status with airlines. Air New Zealand and Jetstar both said they would have any rebooking fees and fare differences.

The gunman had struck as Muslims from all parts of the globe and who had made Christchurch their home, gathered for Jumu'ah prayers, a special Friday event when the mosque is at its busiest.

Mosque goers were still parking their cars as the gunman struck about 1.30pm from about 200m to 400 people were already in the mosque.

Heather Tiso, an staff member at the Christmas Hut above her school on Snyders Arms Rd, said about 100 people were outside waiting to pick up their children before the curfew lifted, and one armed police officer was trying to keep everyone away.

She said the uncertainty about what was happening was scary.

She said a helicopter hovered "very low" over the centre of the school for some time. She had not heard any gunfire.

Methodist Church general secretary David Bush, who has an office on Langlands Rd near the school, said a helicopter hovered over the area about 2.30pm and again at 4.30pm. He said the road had been blocked from Chapel St to Main North Rd.

"You can see armed police on Langlands Rd. They are standing there stopping the traffic."

"We have got the doors locked but we are still here and we are still working."

Heather Tiso, an staff member at the Christmas Hut above her school on Snyders Arms Rd, said about 100 people were outside waiting to pick up their children before the curfew lifted, and one armed police officer was trying to keep everyone away.

She said the uncertainty about what was happening was scary.

She said a helicopter hovered "very low" over the centre of the school for some time. She had not heard any gunfire.

Methodist Church general secretary David Bush, who has an office on Langlands Rd near the school, said a helicopter hovered over the area about 2.30pm and again at 4.30pm. He said the road had been blocked from Chapel St to Main North Rd.



Mosque goers fled the carnage yesterday in their socks.

Mohammad Navir, originally from Afghanistan, had attended an objection meeting at the mosque and was praying when he heard shots fired.

He heard two different types of shots fired as people yelled out "help, help", he said.

He believed the shooter was outside the mosque firing into the building, he said.

There were four people who were lying on the ground outside the mosque, some of them were shot.

He said he was going to see a man with his father and trying to find a park when he heard the shots and screaming.

He said he was going to see a man with his father and trying to find a park when he heard the shots and screaming.

He said he was going to see a man with his father and trying to find a park when he heard the shots and screaming.

He said he was going to see a man with his father and trying to find a park when he heard the shots and screaming.

He said he was going to see a man with his father and trying to find a park when he heard the shots and screaming.

He said he was going to see a man with his father and trying to find a park when he heard the shots and screaming.